

## **Prática de Ensino Supervisionada de Educação Musical no Ensino Básico**

**Romeu Ferreira Beato**

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança  
para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Musical no Ensino  
Básico*

Orientado por:  
**Professora Adjunta Maria Isabel Ribeiro de Castro**

Aos meus...

II

## Agradecimentos

À minha orientadora Professora Maria Isabel Ribeiro de Castro, pelo apoio e liberdade concedida na realização dos estágios, bem como pelas palavras de incentivo.

Aos Órgãos de Gestão da Escola Básica 2,3 Augusto Moreno de Bragança, da Escola Básica 2,3 D. Afonso III e Escola Básica nº1 de Vinhais pela disponibilidade e apoio no desenvolvimento das atividades referentes aos projetos pedagógicos e à Prática de Ensino Supervisionada.

Aos colegas de mestrado, que indiretamente contribuíram com o seu empenho e entusiasmo e que, através de diversas discussões e partilhas, permitiram a manutenção do incentivo no trabalho.

Aos meus cooperantes Fernando Fernandes e Jacinta Rodrigues, pela colaboração e confiança depositada na realização das atividades.

À minha família, pelo apoio, otimismo e compreensão.

## Resumo

O presente documento pretende ser um relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada no âmbito do Mestrado de Educação Musical no Ensino Básico. Este documento centra-se nos estágios realizados no 1º e 3º Ciclos do Ensino Básico durante o período que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada. A análise e relato sobre o estágio do 2º Ciclo serão tidos em conta ainda que o mesmo tenha sido realizado aquando da Licenciatura em Professores do Ensino Básico – Variante Educação Musical, na Escola Superior de Educação de Bragança – Instituto Politécnico de Bragança, no ano letivo 2002/2003.

Elaborei um projeto denominado a “Escola em Videoclipe”, centrado em canções intituladas como “A nossa escola”, no 1ºCEB e “Estudo na Escola Augusto Moreno”, no 3ºCEB, procurando trabalhar diversas componentes musicais como a melodia, ritmo e harmonia. Este projeto teve como objetivo dotar os alunos, do 2º ano da Escola Básica nº1 de Vinhais e do 8º ano da Escola Básica 2,3 Augusto Moreno de Bragança, de conhecimentos relativamente ao fenómeno de composição e produção musical.

Fazendo uso das canções já referidas, procurei aproveitar ferramentas intemporais como a voz, misturando algumas práticas musicais habituais nas escolas, como a utilização de instrumental Orff. Utilizei também outros instrumentos como o cavaquinho e a guitarra, e procurei, paralelamente à prática musical, dar a conhecer um pouco do mundo da edição de áudio e vídeo através do registo multimédia deste fenómeno musical em particular. Assim sendo, e indo de encontro às orientações programáticas para a disciplina de música do 1º Ciclo do Ensino Básico e do 8º ano do 3º Ciclo do Ensino Básico, foram produzidos dois videoclipes, cujos intérpretes e compositores foram os alunos, auxiliados pelo professor estagiário.

Este trabalho eminentemente empírico, pretendeu perceber, a partir da observação sobre os alunos, se a implementação de um projeto, podia contribuir para uma melhoria efetiva da participação dos alunos nas aulas de educação musical.

## Abstract

This document is intended as a report of the Supervised Teaching Practice made under the Master of Music Education in Basic Education. This document focuses on the stages carried out on the 1st and 3rd cycles of basic education during the period elapsed Supervised Teaching Practice. The analysis and reporting on the status of the 2nd cycle will be taken into account even though it has been held at the BA in elementary school teachers - Variant Music Education, Braganças School of Education - Bragança Polytechnic Institute in the lective year of 2002/2003.

I worked out a project called the "School of Music Video", focusing on songs titled as: "Our School" in the 1st CEB and "I Study in School Augusto Moreno," the 3rd CEB, seeking to work various musical components such as melody, rhythm and harmony. This project aimed to equip students of 2nd year of Primary School No. 1 in Vinhais, and 8th grade students from Augusto Moreno Elementary School 2,3 in Bragança, with knowledge regarding the phenomenon of music composition and production.

Making use of the songs already mentioned, I tried to take advantage of timeless tools like the voice, blending musical practices common in some schools, such as the use of Orff instruments. I used instruments like the "cavaquinho" and guitar, and tried in parallel with the practice of music, get to teach a little of the world of audio and video editing via multimedia recording of the video clip. Therefore, following the program guidelines for the discipline of music from the 1st cycle of Basic Education and the 8th year of the 3rd cycle of basic education, were produced two music videos, whose performers and composers were students, aided by student teacher.

This work eminently empirical, intended to see, from the observation of the students, if the implementation of a project, could contribute to an effective improvement of student participation in music education classes.

## Lista de Siglas

- CE – Conselho Executivo
- CEB – Ciclo do Ensino Básico
- CP – Conselho Pedagógico
- PP – Projeto Pedagógico
- PES – Prática de Ensino Supervisionada
- UT - Unidade de Trabalho
- UC – Unidade Curricular
- EFA – Ensino e Formação de Adultos
- S.A.S.E. – Serviço de Assistência Social e Educacional
- I.E.F.P. – Instituto de Emprego e Formação Profissional

# Índice

|   |     |
|---|-----|
| Agradecimentos.....   | III |
| Resumo .....  | IV  |
| Abstract.....   | V   |
| Lista de Siglas.....  | VI  |
| Índice .....  | 7   |
| Índice de Gráficos .....  | 9   |
| Índice de Tabelas.....  | 10  |
| Índice de Quadros.....  | 11  |
| Introdução.....   | 12  |
| 1. Parte I: Experiências da Prática de Ensino Supervisionada.....   | 17  |
| 1. Caracterização do contexto .....   | 18  |
| 1.1. Escola Básica nº1 de Vinhais .....   | 18  |
| 1.1.1. Identificação da instituição e do meio envolvente .....  | 18  |
| 1.1.2. Caracterização do agrupamento.....   | 18  |
| 1.1.3. Caracterização da turma.....   | 20  |
| 1.1.4. Caracterização por áreas de desenvolvimento .....  | 23  |
| 1.2. Escola E.B. 2,3 Augusto Moreno .....   | 24  |
| 1.2.1. História e localização da Escola E.B. 2,3 Augusto Moreno .....   | 24  |
| 1.2.2. Caracterização da Escola .....   | 26  |
| 1.2.3. Caracterização da turma.....   | 27  |
| 2. Acção Educativa .....  | 30  |
| 2.1. Escola Básica nº1 de Vinhais .....   | 30  |
| 2.2. Escola Básica 2,3 Augusto Moreno .....   | 34  |
| 3. Justificação das opções de pesquisa .....  | 38  |
| 3.1. A motivação.....   | 38  |
| 3.2. A pesquisa na PES .....  | 40  |
| PARTE II: A Escola em Videoclip - A influência de um projeto multimédia na motivação e desempenho dos alunos..... | 43  |
| 1. Pedagogias ativas do ensino da música.....   | 44  |
| 2. Análise interpretativa do currículo nacional do ensino básico na área da música .....                          | 45  |
| 2.1. Orientações programáticas da Música no 1ºCiclo do Ensino Básico.....   | 47  |
| 2.2. Música - Orientações Curriculares para o 3ºCiclo do Ensino Básico.....                                       | 48  |
| 2.2.1. O módulo “Música e Multimédia” .....   | 50  |
| 3. Competências específicas .....   | 51  |
| 3.1. Percepção sonora e musical.....  | 51  |
| 3.2. Interpretação e comunicação.....   | 52  |
| 3.3. Criação e experimentação .....   | 53  |
| 3.4. Culturas musicais nos contextos.....   | 53  |
| 4. Composição e produção musical com o computador .....   | 54  |
| 5. Os media e a escola .....  | 56  |
| 6. A câmara de vídeo e o vídeo musical.....   | 58  |
| 7. Implementação do projecto “A Escola em Videoclip” .....  | 60  |
| 8. Metodologia da investigação .....  | 61  |
| 8.1. Características do estudo .....  | 61  |
| 8.1.1. Problema.....  | 62  |

|  |                                      |     |
|--|--------------------------------------|-----|
| 8.1.2.   | Questão de investigação.....         | 62  |
| 8.1.3.   | Objetivos .....                      | 63  |
| 8.2.   | Método de Investigação .....         | 63  |
| 8.2.1.   | Escolha do Método .....              | 63  |
| 8.2.2.   | Investigação-ação .....              | 64  |
| 8.2.3.   | Etapas/Fases .....                   | 66  |
| 8.3.   | Contexto da pesquisa .....           | 67  |
| 8.3.1.   | Alunos participantes.....            | 67  |
| 8.3.2.   | Professores participantes.....       | 68  |
| 8.3.3.   | Entidades colaboradoras .....        | 68  |
| 8.3.4.   | Recursos materiais .....             | 68  |
| 8.3.5.   | Função do investigador.....          | 69  |
| 8.3.6.   | Procedimentos éticos.....            | 69  |
| 8.4.   | Dados da investigação.....           | 69  |
| 8.4.1.   | Recolha de dados .....               | 69  |
| 8.5.   | Apresentação e análise de dados..... | 72  |
| 8.5.1.   | Fase de diagnóstico.....             | 72  |
| 8.5.2.   | Fase de intervenção.....             | 72  |
| 8.5.3.   | Fase de Avaliação .....              | 79  |
| Conclusão.....   |                                      | 85  |
| Bibliografia .....   |                                      | 89  |
| Anexos.....  |                                      | 92  |
| Anexo 1: Informações relativas ao funcionamento da Escola Básica nº1 de Vinhais .....  |                                      | 93  |
| Anexo 2: Informações Relativas ao Agrupamento de Escolas E.B. 2,3 Augusto Moreno.....  |                                      | 95  |
| Anexo 3: Modelo do inquérito preenchido pelos alunos na primeira aula da Prática de Ensino Supervisionada, no 3º CEB.....                        |                                      | 100 |
| Anexo 4: Planificação de Unidade para o 2ºAno .....  |                                      | 104 |
| Anexo 5: Planificação de Unidade para o 8ºano.....   |                                      | 106 |
| Anexo 6: Ficha de autorização para participação dos alunos no videoclip. ....  |                                      | 108 |
| Anexo 7: Letra da canção: “A Nossa Escola”.....  |                                      | 109 |
| Anexo 8: Progressão harmónica da canção: “A Nossa Escola”.....   |                                      | 110 |
| Anexo 9: Frase rítmica criada pelos alunos para acompanhamento da canção: “A nossa escola”. ....   |                                      | 111 |
| Anexo 10: Melodias apresentadas aos alunos para acompanhamento da canção: “A nossa escola”. ....   |                                      | 112 |
| Anexo 11: Videoclip do 1ºCEB.....  |                                      | 113 |
| Anexo 12: Tabela de avaliação individual de música nas AEC. ....   |                                      | 114 |
| Anexo 13: PowerPoint de apresentação do projeto “A Escola em Videoclip”.....   |                                      | 115 |
| Anexo 14: Letra da canção “Estudo na Escola Augusto Moreno”, com os esquemas acordes para acompanhamento em cavaquinho e guitarra acústica. .... |                                      | 117 |
| Anexo 15: PowerPoint sobre a voz. ....   |                                      | 118 |
| Anexo 16: Melodias para flauta (com anotações dos alunos). ....  |                                      | 121 |
| Anexo 17: PowerPoint sobre a flauta de bisel.....  |                                      | 122 |
| Anexo 18: Modelo da autorização para a aula de campo .....   |                                      | 124 |
| Anexo 19: Videoclip do 3ºCEB.....  |                                      | 125 |
| Anexo 20: Quadro 2 - Resumo das grelhas de observação .....  |                                      | 126 |
| Anexo 21: Ficha de avaliação .....   |                                      | 127 |
| Anexo 22: Nove grandes dimensões das competências específicas.....   |                                      | 129 |
| Anexo 23: Competências específicas para a música na escolaridade básica. ....  |                                      | 130 |
| Anexo 24: Tabelas com os parâmetros avaliados relativamente a cada um dos quatro saberes observados. ....  |                                      | 131 |
| Anexo 25: Questionário Aberto .....  |                                      | 131 |
| Anexo 26: Respostas dos alunos do 8ºA ao questionário aberto .....   |                                      | 134 |

## Índice de Gráficos

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 1: Número de alunos do 2ºA de acordo com o género.....                                 | 21 |
| Gráfico 2: Distribuição dos alunos do 2ºA de acordo com o número de irmãos. ....               | 21 |
| Gráfico 3: Profissões dos pais dos alunos do 2ºA. ....   | 22 |
| Gráfico 4: Habilitações literárias dos pais dos alunos do 2ºA. ....                            | 23 |
| Gráfico 5: Avaliação do desempenho do aluno 1 aos quatro saberes observados.....               | 74 |
| Gráfico 6: Avaliação do desempenho do aluno 2 aos quatro saberes observados.....               | 74 |
| Gráfico 7: Avaliação do desempenho do aluno 3 aos quatro saberes observados.....               | 75 |
| Gráfico 8: Avaliação do desempenho do aluno 4 aos quatro saberes observados.....               | 75 |
| Gráfico 9: Avaliação do desempenho do aluno 5 aos quatro saberes observados.....               | 76 |
| Gráfico 10: Avaliação do desempenho do aluno 6 aos quatro saberes observados.....              | 76 |
| Gráfico 11: Avaliação do Saber (musical), por aluno e por sessão.....                          | 77 |
| Gráfico 12: Avaliação do Saber Fazer, por aluno e por sessão. ....                             | 77 |
| Gráfico 13: Avaliação do Saber (compreensão), por aluno e por sessão. ....                     | 78 |
| Gráfico 14: Avaliação do Saber Ser/ Estar, por aluno e por sessão. ....                        | 78 |
| Gráfico 15: Resultados, em percentagem, obtidos pelos alunos do 8ºA na ficha de avaliação. ... | 80 |
| Gráfico 16: Percentagem de respostas correctas para cada questão. ....                         | 81 |
| Gráfico 17: Percentagem de respostas correctas por aluno. ....                                 | 81 |

## Índice de Tabelas

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 1: Distribuição dos alunos do Agrupamento de Escolas Augusto Moreno ciclos/cursos..                        | 26  |
| Tabela 2: Resumo das actividades propostas nas Orientações Programáticas da Música no 1ºCEB.....                  | 48  |
| Tabela 3: Temas dos módulos de acordo com as Orientações Programáticas da Música para o 3ºCEB.....                | 49  |
| Tabela 4: Plano de recolha de dados.....  | 71  |
| Tabela 5: Aspectos em análise na grelha de avaliação.....   | 73  |
| Tabela 6: Categorias relativas a cada questão do questionário.....  | 82  |
| Tabela 6: Distribuição dos alunos do Agrupamento de Escolas Augusto Moreno ciclos/cursos..                        | 95  |
| Tabela 7: Parâmetros de avaliação do "Saber (percepção sonora e musical)" .....                                   | 131 |
| Tabela 8: Parâmetros de avaliação do "Saber Fazer (Interpretação e comunicação/ Criação e experimentação!)" ..... | 131 |
| Tabela 9: Parâmetro de avaliação do "Saber (compreensão e expressão em Língua Portuguesa)" .....                  | 131 |
| Tabela 10: Parâmetros de avaliação do "Saber Ser/Estar (Educação para a cidadania)". .....                        | 131 |

## Índice de Quadros

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1: Respostas dos alunos do 8ºA ao questionário de caracterização da turma.....                | 28 |
| Quadro 2: Valores obtidos nos aspectos em análise de acordo com as medidas de tendência central..... | 79 |
| Quadro 3: Importância da disciplina de Música.....   | 82 |
| Quadro 4: Influência do projecto na percepção da música.....   | 83 |
| Quadro 5: Desempenho do aluno no projecto.....   | 83 |
| Quadro 6: Melhoramentos a implementar nas aulas de música.....                                       | 84 |

## Introdução

A disciplina de música é introduzida pela primeira vez, nas escolas de ensino oficial obrigatório, nas reformas de Passos Manuel e Costa Cabral entre 1836 e 1850, funcionando somente como Canto Coral. Pacheco (2008) menciona que a disciplina sofreu, em todas as reformas de ensino, modificações relativamente ao currículo, programa e a habilitações dos professores, mas incidindo sempre na atividade coral. A primeira grande reforma do ensino da música nas escolas oficiais de ensino obrigatório (ou ensino genérico) acontece em 1968 quando a disciplina passou a ser ministrada sob o carácter da obrigatoriedade no quinto e sexto anos, com um programa determinado, passando a designar-se Educação Musical. Apesar de ter sido integrada em todos os seis anos de escolaridade obrigatória, a Educação Musical funcionou apenas no quinto e sexto ano, com um professor especializado. A disciplina de Canto Coral desaparece do currículo no sétimo e oitavo anos e aparece apenas no nono ano, como disciplina de opção. Em 1990 a disciplina de Educação Musical é integrada em todos os anos curriculares, até ao sexto ano como disciplina obrigatória, e nos anos seguintes até ao décimo segundo ano como disciplina de opção. Com a reforma educativa dos anos sessenta, inicia-se um novo caminho para a Educação Musical, em que a disciplina é, cada vez mais, encarada como um extraordinário contributo para a formação geral e integral da criança nas suas vertentes: auditiva, psicomotora, intelectual, socio afetiva e estética.

A Educação Musical adquire assim importância no âmbito curricular da educação básica na medida em que se valoriza a necessidade da criança em organizar as suas perceções auditivas, bem como a sua contribuição para fomentar a sensibilidade e a imaginação, atendendo ao desenvolvimento das capacidades de expressão e criatividade. O Decreto-Lei nº 310/83, de 1 de Julho, inseriu as artes no sistema geral de ensino, ao restaurar o ensino artístico especializado. Foram desta forma criadas as áreas vocacionais de Música e Dança, e integradas no sistema de ensino preparatório e secundário. O Conservatório Nacional foi extinto em 1983 e sucedeu-lhe a Escola de Música e a Escola de Dança que no mesmo ano passaram a ministrar cursos básicos e secundários artísticos.

Ao nível superior foram criadas as Escolas Superiores de Música, Cinema, Dança e Teatro – inseridas no âmbito do ensino superior politécnico. A partir da década

de 90, do século anterior, a oferta universitária prolifera e as universidades e institutos politécnicos começam a formar licenciados nestas áreas, instrumentista e/ou professores de música. Neste contexto, o ensino da educação musical consegue, desta forma, ganhar alguma importância no currículo e nas escolas, com a implementação da disciplina.

Do que ficou dito anteriormente parece-me pois importante que, enquanto profissional na área da música, possa contribuir para o sucesso da educação musical, enquanto disciplina e, para a formação dos alunos, enquanto professor e formador. Desta maneira quando me propus efetuar este projeto tive como objetivo, valorizar a música e uma área que considero importante que é a produção musical. Assim e no sentido, de valorizar a música, não só como produto final, mas sobretudo como processo, foi elaborado um Projeto Pedagógico (PP) a implementar no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática de Ensino Supervisionada (PES), no 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e no 8º ano do 3º CEB, nas escolas onde realizei o meu estágio. O facto da educação musical ser obrigatória apenas no 2º ciclo, leva a que o ensino da música seja ainda muito heterogéneo, na medida em que o acesso a esta área está dependente, em boa parte dos casos, da opção (ou possibilidade) das escolas terem a disciplina nos currículos, nomeadamente no 3º CEB. A constatação deste facto, aliado à autonomia e flexibilidade facultadas pelas Orientações Programáticas para o 1º e 3º ciclos, pode constituir uma oportunidade para implementar projetos originais, possibilitando o desenvolvimento de atividades que motivem os alunos e estabeleçam um ponto de partida para outro tipo de vivências musicais<sup>1</sup>.

A aprendizagem musical implica o desenvolvimento de grandes especificidades motoras, expressivas, de leitura e performativas como será possível verificar após leitura da análise apresentada, do Currículo Nacional do Ensino Básico, na área da música. O carácter facultativo que a disciplina de música apresenta (no 1º e 3º ciclos) dificulta um pouco o desenvolvimento sustentado e mesmo sequencial das referidas especificidades (ou competências). A título de exemplo poder-se-á referir que, nestes ciclos, são fornecidas Orientações Programáticas, ao invés de um Programa, cuja gestão depende dos departamentos das escolas, nos quais os professores de música estão inseridos, e em alguns casos do próprio professor de música (suporte esta afirmação

---

<sup>1</sup> No âmbito deste trabalho não é possível fazer um estudo sobre vantagens e desvantagens do acesso livre e gratuito das pessoas que “navegam” neste género de sistema. No entanto e aliado ao objetivo deste trabalho percebi que por outro lado a internet possibilita, atualmente, o acesso gratuito a canções (em registo escrito e áudio), álbuns e discografias completas, o que na minha opinião desvaloriza um pouco a importância dada à produção musical; e por outro lado torna-se importante dotar os alunos de sensibilidade para estas questões.

através da minha experiência pessoal). Neste sentido, um grupo de alunos do 3º CEB que frequente a disciplina de música, constituído por alunos que frequentaram previamente diferentes escolas, poderá conter alguns alunos que tiveram Expressão Musical no 1ºCEB e outros que não tiveram acesso a esta AEC, o que os poderá colocar em situações diferentes de aprendizagem dada a diferença de bases na área da música.

As atividades musicais que decorreram da Prática Pedagógica relatada no presente documento foi desenvolvida com base nas canções “A nossa Escola” no 1ºCEB e “Estudo na Escola Augusto Moreno” no 3º CEB. Os alunos foram levados a realizar tarefas de índole variada que possibilitaram a obtenção de experiências diversas e de um produto final que é, ao mesmo tempo (neste caso), a documentação do processo. O PP foi elaborado com o objetivo de desenvolver atividades centradas na canção, visando a consecução de um videoclip como produto final. Os alunos participaram na fase de composição, na gravação das vozes e diferentes instrumentos, na captação de imagens e sons e na produção de desenhos para inserir no filme. Durante a realização das diversas atividades, estas foram fundamentadas teoricamente, por forma a permitir aos alunos uma aprendizagem sustentada, consciente e uma postura crítica sobre toda a prática realizada. O projeto foi implementado nos dois ciclos em questão.

Importa contextualizar os estágios que estão na génese do presente relatório. O estágio do 1ºCiclo foi realizado na Escola Básica nº1 de Vinhais e o estágio no 3ºciclo foi realizado na Escola E.B. 2,3 Augusto Moreno de Bragança.

Tratando-se de um estudo empírico e, fazendo uso das potencialidades da observação, corroboradas por Alarcão e Tavares (1987), procurei, através da experiência e da observação direta, verificar os comportamentos dos alunos, que foram alvo da minha ação educativa, quer no que concerne à motivação, quer no que se refere à aplicabilidade do projeto mencionado anteriormente. Esta situação levou-me a procurar uma forma viável de averiguar em que medida é que a implementação do referido projeto poderia contribuir para um acréscimo da participação e motivação dos alunos nas aulas, em presença das diferentes experiências musicais propostas por mim.

Neste sentido, procurei elaborar uma questão que, de algum modo pudesse ir de encontro aos objetivos traçados neste Relatório, no contexto da minha prática pedagógica:

*De que forma é que a implementação de diferentes experiências musicais, nomeadamente a criação do projeto “A Escola em Videoclip” pode ter impacto na maior ou menor participação dos alunos, nas aulas de educação musical?*

Esta é a questão à qual pretendi responder após a realização do projeto em contexto de sala de aula. Este projeto teve como principal objetivo procurar aferir a evolução da participação, motivação dos alunos, nos seguintes parâmetros: Saber (Perceção Sonora e Musical), Saber/Fazer (Interpretação e Comunicação/Criação e Expressão), Saber (Compreensão e Expressão em Língua Portuguesa), Saber/Estar (Educação para a cidadania), ao longo da Prática de Ensino Supervisionada.

O projeto realizado no âmbito da investigação-ação, no 8ºano do 3ºCEB, foi elaborado em torno da canção “Estudo na Escola Augusto Moreno”, do repertório da recentemente criada tuna nesta escola. Os alunos afirmaram ter conhecimento prévio da letra da canção, visto que o professor cooperante já a havia apresentado nas suas aulas, o que em certa medida auxiliou no processo de aprendizagem.

Este relatório incide essencialmente sobre o estágio realizado no 1º e 3º CEB. Em relação ao 2º CEB, será feita uma abordagem tendo como base a experiência acontecida aquando da realização deste ciclo durante a Prática Pedagógica, na licenciatura em Professores do Ensino Básico – Variante Educação Musical, na Escola Superior de Educação de Bragança – Instituto Politécnico de Bragança. Desta maneira, o presente relatório vai comportar os seguintes momentos:

Na Parte I: Experiências de Prática de Ensino Supervisionada. É feita a “Caraterização do contexto”, no qual decorreram os momentos de estágio, sendo apresentadas informações relativas às duas turmas das escolas onde a Prática de Ensino Supervisionada foi realizada. Ainda na parte I, segue-se uma descrição da “Ação Educativa”, onde é feita uma análise crítica das sessões realizadas nos dois ciclos. Este ponto inicia com a reflexão sobre a prática realizada no 1ºCEB seguindo-se a do 3ºCEB. Esta parte do trabalho termina com a apresentação da “Justificação das opções da pesquisa”, em que fundamentadamente se fala da motivação, do projeto implementado na PES e da origem da investigação com base na questão elaborada.

A segunda parte intitulada “A Escola em Videoclipe – A influência do projeto multimédia na motivação e desempenho dos alunos em contexto da PES, subdivide-se em dois pontos aglutinadores. Um dos pontos trata dos seguintes aspetos: a explanação das especificidades da aprendizagem musical em contexto da sala de aulas; análise do currículo nacional do ensino básico, relativamente à área de música; apresentação da importância de experiências de aprendizagem diversificadas; relevância da música no currículo; os media na escola; a composição e produção musical com o computador e as câmaras de vídeo e o vídeo musical. Neste ponto é também realizada uma análise

descritiva das orientações programáticas da música no 1ºCEB e no 3ºCEB, dando-se, neste caso, relevância ao módulo “Música e Multimédia” que vai de encontro ao PP desenvolvido. Fala-se ainda da implementação de projetos pedagógicos e da sua aplicabilidade na área da educação e produção musical.

Num ponto seguinte, intitulado, “Metodologia de Investigação”, apresenta-se o problema encontrado na Prática de Ensino Supervisionada, os objetivos da investigação, justificam-se as opções metodológicas, e é feita uma contextualização da pesquisa. É posteriormente feita a apresentação dos dados da pesquisa, bem como a explanação e análise dos resultados obtidos na investigação desenvolvida, com base no PP inicialmente formulado.

Este relatório finaliza com a Conclusão, na qual é apresentada uma análise da viabilidade e transferibilidade do estudo, bem como a avaliação da pertinência pedagógica do projeto quer no decorrer da PES, quer para o futuro no âmbito da educação musical.

## **1. Parte I: Experiências da Prática de Ensino Supervisionada**

## 1. Caracterização do contexto

Apresenta-se seguidamente a informação relativa aos dois contextos na qual a PES foi realizada:

- Escola Básica nº1 de Vinhais;
- Escola Básica 2,3 Augusto Moreno de Bragança.

### 1.1. Escola Básica nº1 de Vinhais<sup>2</sup>

#### 1.1.1. Identificação da instituição e do meio envolvente

Vinhais é freguesia e sede de município, pertence ao distrito de Bragança, região norte e sub-região do Alto Trás-os-Montes.

De acordo com os dados fornecidos pela página oficial da Câmara Municipal de Vinhais na internet, a freguesia de Vinhais estende-se por uma área de 33,76km<sup>2</sup> distribuída pelas povoações de Vinhais, Rio de Fornos, Moas, Romariz e Ermida, com 2 382 habitantes<sup>3</sup>.

Com uma área de 694,68 km<sup>2</sup> e 10 646 habitantes, subdividido em 35 freguesias. O concelho é limitado a Norte e Oeste pela Espanha, a Este pelo concelho de Bragança, a Sul pelos concelhos de Macedo de Cavaleiros e Mirandela e a Oeste pelos concelhos de Valpaços e Chaves.

#### 1.1.2. Caracterização do agrupamento

O Agrupamento Vertical de Escolas de Vinhais foi criado no ano Escolar de 2006/2007, como resultado da fusão da Escola Secundária/3 D. Afonso III, com o Agrupamento de Escolas de Vinhais.

É referida no projeto educativo desta escola a fusão e reorganização da rede escolar do concelho de Vinhais; a Escola Sede do Agrupamento passou a ter a denominação de Escola EB 2,3/S D. Afonso III – Vinhais. Ainda como resultado da reorganização da Rede Escolar, o Agrupamento passou a ter apenas cinco Escolas de 1ºCEB (EB1) e oito Jardins-de-infância. Das referidas escolas EB1 duas encontram-se oficialmente encerradas, ainda que estejam a funcionar, a título excecional, desde o ano

---

<sup>2</sup>Caraterização do Escola Básica nº1 de Vinhais redigida com base em: Escola Básica nº1 de Vinhais (2009) e *Projeto curricular de turma (3ªA) - Os 25 anos da Escola Sede: Memórias dos nossos pais*. Vinhais

<sup>3</sup> Informação relativa aos Censos 2001, disponível em <http://www.cm-vinhais.pt/municipio/geografia.html>, acessido em Maio de 2010.

letivo de 2007/08. Com o findar desta excecionalidade, o Agrupamento passa a contar com apenas três Escolas EB1, com tendência para ficarem apenas duas: a de Vinhais e a de Rebordelo. Também a desertificação a que o interior tem sido sujeito, irá, a curto prazo, fazer com que alguns Jardins-de-infância tenham que encerrar por falta de alunos.

A Escola Básica nº1 de Vinhais situa-se em zona residencial, na periferia da vila, envolvida por espaços verdes. Integra-se na rede de Escolas Públicas Portuguesas, ministrando o 1º Ciclo. Dispõe de dois pavilhões construídos no ano de 1977, entrando em funcionamento em 1979. No ano letivo 2008/2009, tal como actualmente, funcionou num só pavilhão. Tem 8 salas de aulas (a ser utilizadas), cantina, bufete, convívio de alunos, sala de pessoal docente e não docente, biblioteca, sala de informática, reprografia e sala de apoio de alunos com necessidades educativas especiais. A escola é constituída por blocos retangulares 17m x 28m, com corredor central. O horário de funcionamento é das 9 horas às 17h30.

A área envolvente da Escola integra o centro histórico e arquitetónico, onde se destaca a muralha do Castelo de Vinhais, a Igreja de S. Facundo, o Convento de S. Francisco de Assis, o convento de Santa Clara, o Pelourinho de Vinhais, a Ponte Romana de Arranca, no rio Tuela, e o chafariz no largo do Arrabalde. A população escolar é composta por 151 crianças com as idades compreendidas entre os seis e os treze anos, sendo 21 do primeiro ano, 35 do segundo, 52 do terceiro e 42 do quarto ano.

É de referir que 7 alunos estão abrangidos pelas disposições do Decreto-Lei número 319/91 de 23 de Agosto, no desenvolvimento do estabelecido pela Lei nº. 46/86, de 14 de Outubro, nos termos da alínea c) do n.º1 do artigo 201.º da Constituição (cuja temática reporta para o enquadramento de pessoas portadoras de Necessidades Educativas Especiais) e que 21 alunos já tiveram retenções. Existem outros alunos com problemas de aprendizagem que não foram enquadrados no Decreto-Lei nº 319/91, pelo que foram consideradas 16 crianças para os Apoios Educativos.

O Corpo Docente é constituído por 12 elementos, sendo que quatro (4) professores são Titulares e 8 docentes são afetos ao Quadro Distrital de Vinculação. Existem docentes contratados para as Atividades de Enriquecimento Curricular, as quais são da responsabilidade da Câmara Municipal de Vinhais. No entanto, para que haja uma planificação adequada e para que a supervisão resulte, existe uma articulação entre estes docentes e os professores titulares de turma.

A coordenação do estabelecimento é assegurada por uma coordenadora que é

docente com a categoria de Professora Titular, em exercício de funções no estabelecimento. Além dos oito professores titulares de turma, a escola dispõe ainda de quatro professores que prestam apoio educativo aos alunos mais necessitados. Ao corpo docente desta escola pertencem ainda três professoras do Ensino Especial e duas docentes de Apoios Educativos. Tratando-se de uma escola relativamente pequena consegue assegurar um bom funcionamento (Anexo 1: Informações relativas ao funcionamento da Escola Básica nº1 de Vinhais).

### **1.1.3. Caracterização da turma**

A turma A do 2ºano é constituída por 20 alunos, com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos. Os alunos frequentaram a educação de infância sendo provenientes do Jardim-de-infância de Vinhais e do Infantário da Santa Casa da Misericórdia. Todos os alunos frequentam o 2º ano pela primeira vez. Dois alunos deslocam-se das aldeias, sendo que a maioria dos residentes na vila de Vinhais utilizam o transporte escolar que faz o percurso entre as várias residências e a escola. Uma minoria desloca-se com os pais. Estas crianças são de um meio sócio/económico médio e, na globalidade, vivem em casa própria.

Faz parte deste grupo um aluno com NEE, que usufrui de Adaptações Curriculares Individuais e Adequações no Processo de Avaliação, medidas emergentes do Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro<sup>4</sup> e que frequenta a Unidade de Ensino Estruturado para alunos com Autismo, apoiado pelas respetivas professoras da Equipa da Educação Especial aí colocadas. A turma é constituída por 10 raparigas e 10 rapazes, como é possível verificar pela análise ao seguinte gráfico, que traduz uma percentagem de 50% para cada género em termos de representatividade. As suas idades estão compreendidas entre os 7 e os 8 anos, no entanto a esmagadora maioria tem 7 anos.

---

<sup>4</sup> Define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e da participação num ou vários domínios da escola. Revoga o Decreto-lei n.º 319/91 de 23 de Agosto.

Informação disponível em:

<http://www.educare.pt/educare/Detail.aspx?channelid=E48777CDD7BD03498B747A7A22DA6A77&contentid=46319A0892C56A6BE04400144F16FAAE&opsel=5&schema=189B73B70A012F45AA6FEF6D201370CB>, acedido a 23 de Maio de 2010.

### Número de alunos do 2ºA de acordo com o género

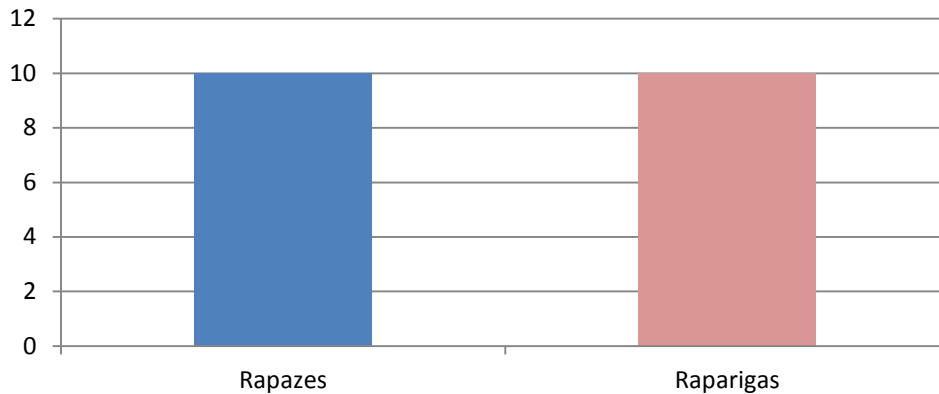


Gráfico 1: Número de alunos do 2ºA de acordo com o género.

O número de irmãos por cada aluno da turma apresenta-se graficamente a seguir:

### Distribuição dos alunos do 2ºA de acordo com o número de irmãos

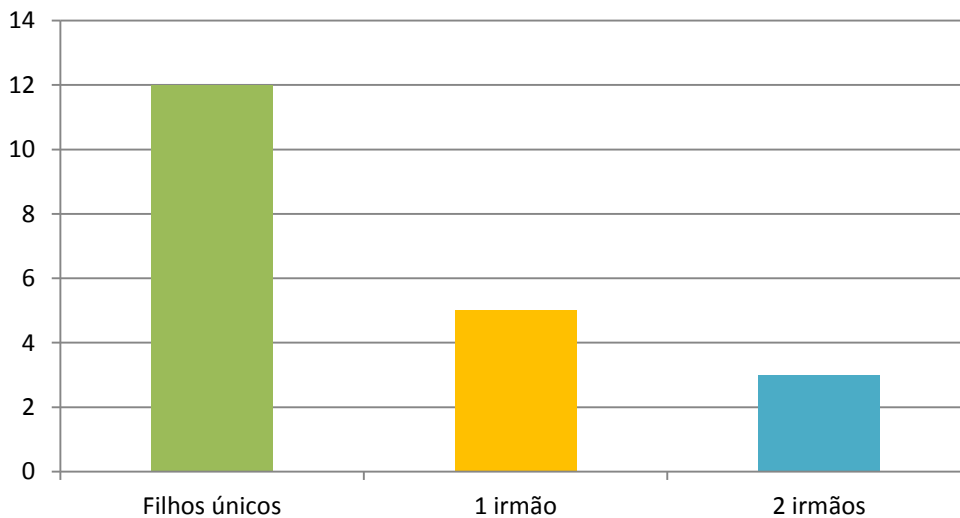


Gráfico 2: Distribuição dos alunos do 2ºA de acordo com o número de irmãos.

Os alunos, na sua maioria (12), são filhos únicos, verificando-se também que as famílias dos mesmos são, na generalidade, pouco numerosas.

As profissões dos pais dos alunos desta turma situam-se entre: 9 empregados de balcão, 8 funcionários públicos, 5 desempregados, 4 construção civil, 3 professores, 3 empresários, 2 enfermeiras, 2 bombeiros, 1 GNR, 1 socióloga, 1 motorista de táxi, 1 agricultor e 1 presidente de Junta/estudante.

### Profissões dos pais dos alunos do 2ºA

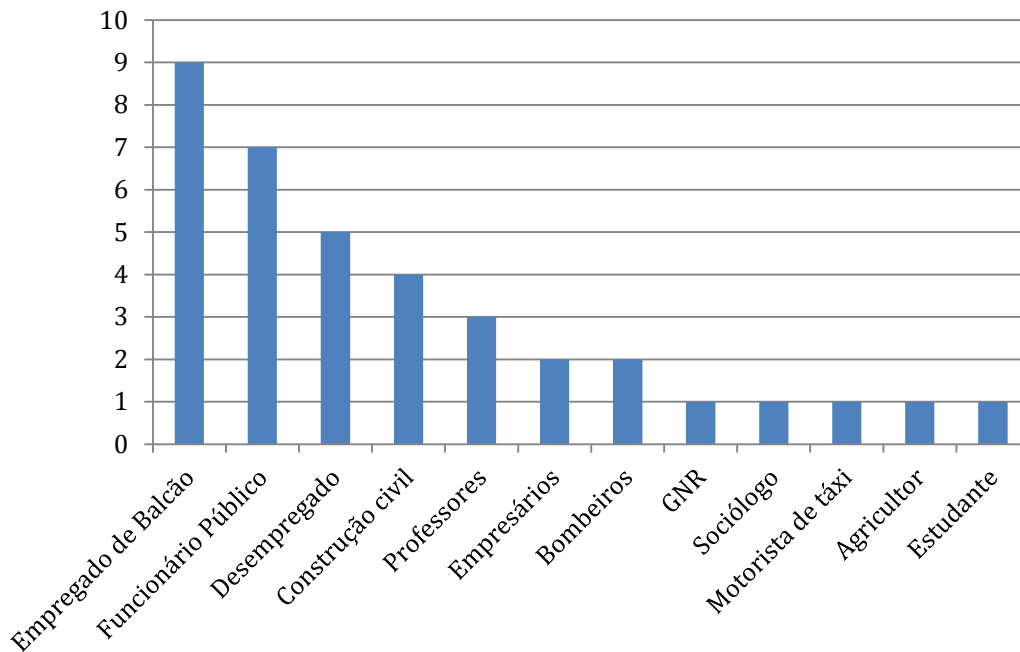


Gráfico 3: Profissões dos pais dos alunos do 2ºA.

É possível verificar, após observação do gráfico 3, que a maioria dos pais dos alunos trabalha na área dos serviços e na função pública. As suas habilitações literárias são assim representadas no gráfico 3:

- 4º Ano de escolaridade - 2 pais e 0 mães;
- 6º Ano de escolaridade - 6 pais e 1 mãe;
- 9º Ano de escolaridade - 3 pais e 4 mães;
- 10º Ano de escolaridade - 0 pais e 2 mães;
- 11º Ano de escolaridade - 3 pais e 0 mães;
- 12º Ano de escolaridade - 3 pais e 9 mães;
- 3º Ano do Ensino superior - 1 pai e 0 mães;
- Licenciatura - 2 pais e 4 mães.

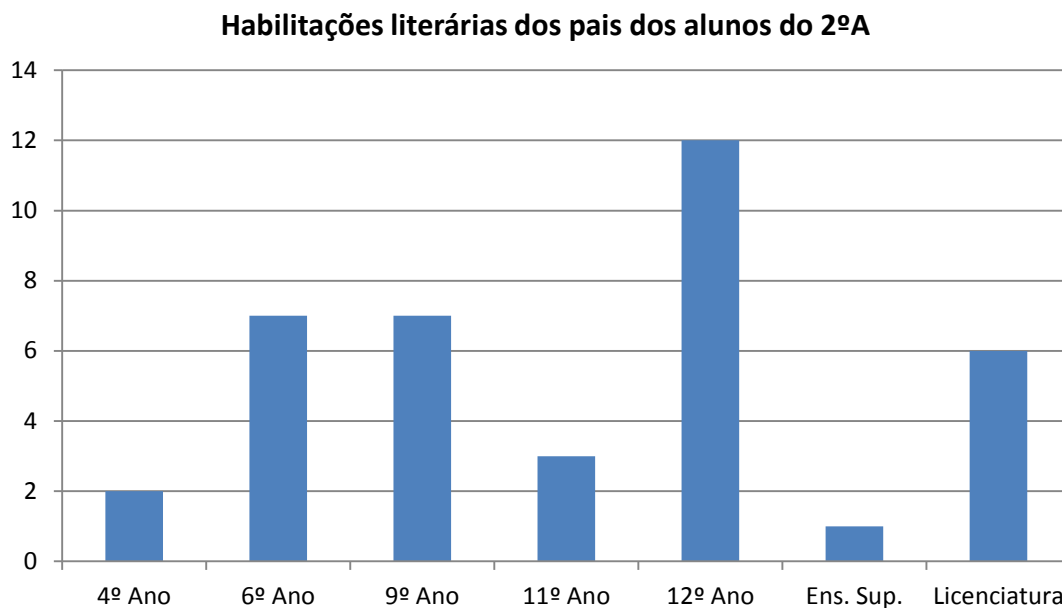


Gráfico 4: Habilitações literárias dos pais dos alunos do 2ºA.

Relativamente às habilitações literárias, é notório que uma grande parte dos pais possui o 12º ano, seguindo-se o 6º e 9º anos como os níveis seguintes em termos de representatividade. Um pai frequentou o ensino superior sem ter concluído a licenciatura (representado por Ens. Sup.).

#### **1.1.4. Caracterização por áreas de desenvolvimento**

De acordo com informações prestadas pela professora titular, e após análise das avaliações individuais dos alunos nas diferentes áreas curriculares e do projeto curricular de turma foi possível verificar a homogeneidade da turma, não havendo comportamentos ou outros aspetos, dos alunos, que mereçam ser registados. Há no entanto um aluno com NEE. Na área cognitiva e de uma forma geral, os alunos, apresentam níveis de desenvolvimento considerados normais para a sua idade. Uma das razões pelas quais, aparentemente, esta turma apresenta comportamentos indicados como sem grandes problemas pode estar relacionado com o fato de serem alunos que já se encontram juntos, na mesma turma, há dois anos.

A título de exemplo da forma como a turma “trabalha”, foi implementado pela professora do Ensino Especial, coadjuvada pela professora titular, um projeto no qual a cada um dos alunos foram atribuídas tarefas na sala de aula, entre as quais se destaca a de «Amigo Tutor», na prestação de apoio ao aluno com NEE.

Atendendo à necessidade de apoio individualizado que este aluno apresenta, normalmente não se encontra presente nas aulas de música, não tendo participado no projeto descrito neste relatório. Este aluno beneficia das seguintes medidas, emergentes do Decreto-Lei 3/2008, de 7 de Janeiro: Adequações Curriculares individuais (nos termos dos números 1 e 2 do artigo 20.º); Adequações no processo de Avaliação (nos termos dos números 1 e 2 do artigo 20.º) e Tecnologias de apoio (nos termos do artigo 22.º), medidas estas que constam do seu Plano Educativo Individual (nos termos dos números 1, 2 e 3, do artigo 10.º). Para além do apoio diário da Educação Especial na Unidade de Ensino Estruturado para Autismo, tem ainda sessões de terapia da fala, fisioterapia, terapia ocupacional e musicoterapia (projeto que vinha a ser desenvolvido por mim desde o início do ano, com 5 alunos com Necessidades Educativas Especiais).

## **1.2. Escola E.B. 2,3 Augusto Moreno<sup>5</sup>**

### **1.2.1. História e localização da Escola E.B. 2,3 Augusto Moreno**

Apresenta-se agora, o resumo de alguns elementos históricos e de localização relativos à Escola E.B. 2,3 Augusto Moreno que poderão ser encontrados, com uma abordagem mais aprofundada, no Projeto Educativo desta escola.

No início do século XVI, a cidade estendia-se já até à Praça da Sé. Nesse local e nesse século, foi construído o edifício onde, 400 anos mais tarde, iria funcionar a Escola Preparatória Augusto Moreno. Inicialmente destinado a convento das freiras Claras, o edifício foi cedido aos Jesuítas, para colégio, em 1562. Em 1764, passou a Seminário Diocesano, em 1853, a Liceu Nacional e em 1968 a Escola Preparatória (Augusto Moreno). Até 1997 foram mais de 400 anos ao serviço do ensino, da educação. Depois de profundas obras de requalificação e modernização, transformou-se, em 2004, no Centro Cultural Municipal, equipamento de grande qualidade, também ao serviço da educação, da cultura, do ensino.

Augusto César Moreno foi um cidadão transmontano, nascido a 10 de Novembro de 1870 em Lagoaça, povoação do concelho de Freixo de Espada à Cinta. Foi professor do Ensino Básico e da Escola do Ensino Normal (formação de

---

<sup>5</sup> Caracterização da Escola Básica 2,3 Augusto Moreno redigida com base em: Agrupamento de Escolas Augusto Moreno (2008) *Projeto Educativo*. Bragança

professores), em Bragança, filólogo e investigador, autor de dicionários e gramáticas de Língua Portuguesa, colaborador de revistas nacionais e jornais de prestígio, Administrador e Presidente da Câmara Municipal.

A Escola Preparatória Augusto Moreno recebeu alunos do 3º Ciclo em 1995 e nesse mesmo ano mudou de instalações. Deixou as históricas instalações junto à Praça da Sé, já muito degradadas, e recebeu como “casa”, o atual edifício na Av. General Humberto Delgado. Em 1997 passou formalmente a Escola E.B. 2,3 e em Julho de 2003 assumiu a liderança do Agrupamento de Escolas de Augusto Moreno. Em 2003/2004 a Comissão Executiva Instaladora procedeu à instalação do Agrupamento de Escolas Augusto Moreno com sede na Escola E.B. 2,3 e é constituído pelas seguintes escolas:

- Jardim de Infância nº 1 Estação;
- Jardim de Infância de Gimonde;
- Escola E.B. 1 nº 1 (Estacada);
- Escola E.B. 1 nº 2 (S. Sebastião);
- Escola E.B. 1 nº 5 (Estação);
- Escola E.B. 1 nº 6 (Toural);
- Escola E.B. 1 nº 8 (Bº Artur Mirandela);
- Escola E.B. 1 Quintanilha;
- Escola E.B. 1 Samil;
- Escola E.B. 2,3 Augusto Moreno.

A Escola-sede está situada num lugar central, face aos principais equipamentos urbanos. Muito próximo do Centro Regional de Segurança Social, do Hospital Distrital, do Centro de Saúde, das Forças de Segurança, dos Bombeiros, da Câmara Municipal, da Junta de Freguesia da Sé, dos Pavilhões Académico e Gimnodesportivo, da Pousada da Juventude, de duas Escolas Secundárias e da escola E.B. 2,3 Paulo Quintela, do Teatro Municipal, do Centro Cultural Municipal, do Jardim de Infância n.º1 e da Escola E.B. 1 da Estação. Os Museus, o Arquivo Distrital, o Instituto Politécnico, o Conservatório de Música de Bragança, o Parque Natural de Montesinho, as Escolas E.B. 1 da Estacada, Toural, S. Sebastião e Artur Mirandela, todos parceiros importantes no processo educativo dos alunos das escolas da cidade, não ficam tão próximos, mas podem ser alcançados em visitas a pé.

### 1.2.2. Caracterização da Escola<sup>6</sup>

A escola é constituída por um edifício central, balneários exteriores e uma pequena casa anexa. No edifício central situam-se as salas de aula normais e específicas, os espaços sociais e desportivos, e os serviços sociais. A estrutura da Escola não se encontra adaptada ao nível de ensino que a frequenta, carecendo de uma sala de convívio para os alunos. As dimensões das salas de aula são variáveis, sendo algumas bastante exíguas para o desenvolvimento de determinadas atividades, como por exemplo a sala de música.

No ano letivo 2009/2010 o agrupamento foi frequentado por 1134 alunos. No quadro seguinte apresenta-se a forma como os alunos se encontram distribuídos pelos diferentes ciclos.

Tabela 1: Distribuição dos alunos do Agrupamento de Escolas Augusto Moreno ciclos/cursos.

| <b>Escolas/Ciclos</b> | <b>Nº de Alunos</b> |
|-----------------------|---------------------|
| <b>Pré-escolar</b>    | 135                 |
| <b>1ºCiclo</b>        | 430                 |
| <b>2ºCiclo</b>        | 322                 |
| <b>3ºCiclo</b>        | 152                 |
| <b>CEF</b>            | 16                  |
| <b>Recorrente</b>     | 79                  |

Fonte: Projeto Educativo da E.B. 2,3 Augusto Moreno.

O nível etário dos alunos do agrupamento varia entre os 3 e os 17 anos abrangando os diferentes graus de ensino, desde o Pré-Escolar ao 9º Ano. A nível dos Cursos EFA e do Ensino Recorrente a idade varia entre os 18 e os 65 anos.

Dada a localização das Escolas do Agrupamento os alunos deslocam-se diariamente para as diferentes instalações, em função dos níveis etários e do ensino. Os alunos das zonas mais distantes utilizam transportes escolares em carreiras públicas bem como transportes camarários. Cerca de 12% dos alunos que frequentam os estabelecimentos urbanos do agrupamento são oriundos dos meios rurais e utilizam diariamente os transportes públicos e familiares. Mais de metade dos alunos desloca-se de automóvel para a escola.

A nível citadino, o projeto de escola revela a existência de vários alunos

<sup>6</sup> Consultar Anexo 2: Informações relativas ao funcionamento da Escola E.B. 2,3, Augusto Moreno

provenientes de famílias disfuncionais, monoparentais e entregues a instituições.

Os agregados familiares são constituídos na sua maioria por famílias de mais de 3 elementos. A nível sócio cultural/económico existem alunos provenientes de contextos familiares muito diversificados.

Dos 1055 alunos que frequentam o Agrupamento de Escolas E.B 2,3 Augusto Moreno em cursos diurnos, 42% destes são contemplados por Auxílios Económicos da responsabilidade do SASE e Autarquia. Constata-se ainda que 58% dos alunos do agrupamento são provenientes de famílias de classe média e média alta. Em todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar ao 9º ano, a profissão que ocupa mais pais é a da construção civil. Quanto às mães verifica-se que são, na maioria, domésticas.

Ao nível das habilitações dos familiares dos alunos, pais ou encarregados de educação, constatou-se que são em número pouco significativo os/as que possuem habilitações de nível superior.

O corpo docente do agrupamento, no ano letivo relativo ao período no qual decorreu o meu estágio, foi constituído por 174 professores dos quais cerca de 25% são professores titulares. Apenas dois não se encontram em funções no agrupamento. O pessoal não docente do agrupamento reparte-se pelos serviços administrativos, S.A.S.E., auxiliares de ação educativa, manutenção, cozinha e guardas-noturnos.

### **1.2.3. Caracterização da turma**

A turma do 8ºA é constituída por 12 alunos, sendo que a frequência às disciplinas de Música e Educação Visual e Tecnológica foi feita com a turma dividida em dois grupos que frequentam as referidas disciplinas em semestres diferentes. Assim o grupo com que foi realizada a PES foi constituído por 1 rapariga e 5 rapazes apresentando uma percentagem de cerca de 83% rapazes em termos de representatividade.

De forma a ter uma ideia mais alargada do grupo, em diferentes parâmetros, apliquei um questionário aos alunos que em baixo se reproduz. As respostas ao questionário permitiram ter uma perceção distinta do grupo que me foi destinado. Por se tratar de um grupo pouco numeroso foi possível, através deste questionário implementado no início da PES (Anexo 3: Modelo do inquérito preenchido pelos alunos na primeira aula da Prática de Ensino Supervisionada, no 3ºCEB), ter uma melhor compreensão de algumas características individuais de cada aluno.

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA  
Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico

Quadro 1: Respostas dos alunos do 8ºA ao questionário de caracterização da turma.

|  | Aluno 1   | Aluno 2   | Aluno 3  | Aluno 4   | Aluno 5   | Aluno 6   |
|--|---|---|--|---|---|---|
| <b>Idade</b>   | 17  | 13  | 13   | 13  | 13  | 13  |
| <b>Nº de irmãos</b>  | 5   | 1   | 1  | 0   | 3   | 0   |
| <b>Profissão do pai</b>  | Construção civil                                      | Funcionário em Hipermercado   | Empresário   | G.N.R.  | Construção civil  | Construção Civil (Pintor)                                       |
| <b>Profissão da mãe</b>  | Auxiliar em lar (3ª idade)                            | Doméstica   | Administrativa   | Empregada   | Apoio há família  | Doméstica   |
| <b>Disciplinas preferidas</b>                                    | Língua Portuguesa, Educação Física                    | Matemática Inglês e Educação Física                                       | Língua Portuguesa, Matemática, Inglês  | Ciências da Natureza, Educação Musical, Educação Física                 | Língua Portuguesa, Matemática, Educação Visual e Tecnológica                          | Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia de Portugal |
| <b>Disciplina em que sentes mais dificuldades</b>                | Inglês  | História e Geografia de Portugal, Ciências da Natureza                    | Língua Portuguesa, História e Geografia de Portugal                          | Língua Portuguesa, Matemática, Inglês, História e Geografia de Portugal | História e Geografia de Portugal, Ciências da Natureza                                | História e Geografia de Portugal, Ciências da Natureza          |
| <b>Atividades preferidas na sala de aula</b>                     | Trabalhar com computador                              | Trabalhar com computador  | Trabalhar em grupo   | Trabalhar em grupo  | Trabalhar em grupo. Trabalhar com computador  | Trabalhar com computador  |
| <b>Hábitos de estudo</b>   | Todos dias  | Todos dias Fins-de-semana   | Véspera de testes  | Fins-de-semana  | Fins-de-semana  | Véspera Raramente   |
| <b>Práticas desporto</b>   | Sim (futebol)   | Não   | Não  | Sim (futebol)   | Sim (Natação)   | Não   |
| <b>Gostas de estar nesta escolar?</b>                            | Não   | Não   | Não  | Não respondeu   | Sim   | Não   |
| <b>Atividades de ocupação de Tempos livres</b>                   | Ver televisão Ler, Praticar desporto, Aprender música | Ver televisão Jogar computador, Ouvir música, Brincar/estar com os amigos | Jogar computador Navegar na Net. Ir à catequese, Brincar/estar com os amigos | Ver TV Jogar computador, Navegar na internet Ouvir música               | Sexo feminino Ver televisão, Praticar desporto, Jogar computador, Navegar na internet | Ver TV Praticar desporto, Jogar computador, Navegar na internet |
| <b>Hábitos de leitura. (“Que tipos de livros costumas ler?”)</b> | Poesia, Policiais                                     | Banda Desenhada   | Outros   | Romance Banda desenhada Policiais                                       | Outros  | Outros  |
| <b>Profissão que gostaria de ter</b>                             | Eletricista   | Não sabe  | Engenheiro   | G.N.R.  | Arquiteta   | G.N.R.  |

Na sua maioria os alunos tem idades compreendidas entre os 13 e os 17, existindo apenas um aluno com 17 anos, que é o único com retenções.

Trata-se de um grupo em que grande parte dos alunos tem irmãos, existindo um aluno com 5 irmãos e outro com 3. Os pais pertencem na generalidade à classe média/baixa, verificando-se a existência de duas mães domésticas. Metade dos pais trabalha na construção civil.

De entre as disciplinas preferidas dos inquiridos destacam-se a Língua Portuguesa e Matemática, referidas, respetivamente, 4 vezes. Relativamente à disciplina em que os alunos sentem mais dificuldades, História e Geografia de Portugal aparece referida por 5 dos 6 alunos. Quando questionados sobre as atividades preferidas na sala de aula, a maioria dos alunos refere o trabalho com o computador, seguindo-se o trabalho de grupo. Relativamente aos hábitos de estudo existem alunos que dizem estudar diariamente, enquanto outros o fazem aos fins-de-semana ou na véspera dos testes. A maioria destes alunos não pratica desporto, sendo que, os que o fazem se dedicam ao futebol ou natação. Como atividades de ocupação dos tempos livres, aparece com mais frequência Ver televisão, Jogar computador e Navegar na internet. Os mesmos alunos afirmam ter alguns hábitos de leitura referindo a maioria que os géneros em questão são Outros (que não o Romance, Ficção científica, Poesia, Banda desenhada e Policiais, apresentados no questionário).

Quando questionados sobre a profissão que gostariam de exercer, dois alunos referem querer ser G.N.R, outro não sabe, existindo também preferências para Eletricista, Engenheiro e Arquiteto.

## 2. Acção Educativa

Apresenta-se neste capítulo uma breve reflexão da ação educativa desenvolvida nas escolas do 1º e 3º CEB, de acordo com os planos delineados previamente (Anexos 4: Planificação de Unidade para o 2ºAno, e 5: Planificação de Unidade para o 8ºAno).

Gordon refere que “(...) *não podemos corrigir a perda de oportunidades sofrida por uma criança durante a fase em que os fundamentos da aprendizagem estão a ser estabelecidos*” (2000b:305). No sentido desta afirmação podemos compreender a importância da implementação da Expressão Musical desde logo no 1ºCEB. Os alunos que têm acesso às AEC adquirem atualmente conhecimentos e experiências prévias que não eram acessíveis há uma década, a crianças da mesma idade. Com o surgimento das AEC a disciplina de Música (Expressão Musical, Educação Musical e Música) está presente em muitos agrupamentos desde o 1º ao 9º ano de escolaridade. Apresento seguidamente a descrição da ação educativa desenvolvida no âmbito da PES numa turma do 2º ano da Escola Básica nº1 de Vinhais e numa turma do 8ºano da Escola Básica E.B. 2,3 Augusto Moreno de Bragança.

### 2.1. Escola Básica nº1 de Vinhais

Procurei, no decorrer da minha ação educativa na PES, realizada no 1ºCEB, facultar aos alunos atividades e experiências musicais que lhes permitissem adquirir conhecimentos e simultaneamente nutrir o gosto pela música, de uma forma geral. Tendo consciência que não foi possível experienciar um conjunto de situações novas com os alunos, quer por falta de tempo, quer porque a morosidade dessas atividades requeria outra maturidade, procurei, contudo, abrir-lhes caminhos distintos.

O ensino da música, de uma forma geral, está cada vez mais presente no currículo do Ensino Básico, consequência da inserção das AEC no 1ºCEB, na dinâmica das escolas e, as crianças podem ser as que mais beneficiam deste acréscimo de contacto com atividades musicais. Apesar disto, é considerada por Gagnard (1974) uma disciplina à margem das outras, praticadas no ensino. No entanto, segundo a mesma autora a música segue, as tendências atuais, ou seja “ (...) *orientando-se no sentido de uma pedagogia baseada na atividade da criança*” (1974:131), que foi o que se procurou efetuar com a implementação dos projetos em ambos os ciclos.

Com a realização do estágio numa turma do 2º ano da Escola Básica nº1 de Vinhais procurei desenvolver um projeto, que contribuísse, se possível, para a

valorização da disciplina de Expressão Musical neste nível de ensino, na escola em questão. Promovendo o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem em que o trabalho desenvolvido ofereceu liberdade aos alunos, em termos de criatividade, fazendo simultaneamente com que sentissem o compromisso assumido na realização do projeto “A Escola em Videoclipe”.

A escola do 1ºCEB na qual desenvolvi este projeto era já um local que conhecia bem, uma vez que se tratou de um dos estabelecimentos de ensino no qual lecionei e de uma turma com quem já tinha trabalhado anteriormente. Desta maneira, foi possível abreviar o período de observação da turma e passar de imediato à prática letiva.

Na primeira aula foi feita a apresentação do projeto à turma para que todos os alunos pudessem ter conhecimento do que se pretendia fazer. Os alunos mostraram desde logo grande entusiasmo, efetuando alguns deles comentários relativamente à proposta apresentada. Esta proposta ia no sentido de realizar um videoclip com uma canção composta, e gravada (em áudio e vídeo) com a participação dos alunos. Foram ainda distribuídos uns formulários, cujos destinatários eram os encarregados de educação dos alunos, com objetivo de solicitar a autorização para a captação de imagens dos alunos durante o período de estágio (Anexo 6: Ficha de autorização para participação dos alunos o videoclipe). Tentei fomentar um ambiente que possibilitasse aos alunos expandir a capacidade de organização e espírito empreendedor. Procurei valorizar as opiniões dos alunos, permitindo que estes escolhessem os instrumentos que queriam tocar, sempre que possível, fomentando as suas improvisações e responsabilizando-os pelo trabalho desenvolvido.

A canção “A nossa escola” seria o ponto de partida que entendi importante para encetar o projeto, levando os alunos a trabalhar em torno de uma atividade que lhes é própria – cantar – e fazendo desta forma com que se envolvessem com afinco na elaboração da letra da canção. Esta letra foi então construída com sugestões de frases e rimas feitas pelos alunos, onde a grande maioria interveio com entusiasmo. Tratou-se de um fenómeno onde a turma trabalhou como um grupo, através de sugestões individuais, desempenhou uma tarefa tornando a prática social, nesta situação, um ato social emanado do grupo em que todos os integrantes puderam sentir-se implicados. Na aula seguinte, já com a letra (Anexo 7: Letra da canção: “A Nossa Escola”) e parte da melodia definidas, foi feita a aprendizagem da melodia, com ajuda de um cavaquinho e com uma progressão harmónica já definida por mim (Anexo 8: Progressão harmónica da canção “A Nossa Escola”).

No sentido das ideias defendidas por Sanuy (1980), a aprendizagem da letra foi feita recorrendo à dramatização, pedindo-se aos alunos que cantassem ou falassem de diversas formas, com acentuações e intenções diferentes. Todos responderam com entusiasmo dado o teor lúdico da aula. Procurei fazer uma abordagem por etapas, separando ou compartimentando as partes constituintes do videoclip (letra, melodia, acompanhamento rítmico, captação de vozes, realização de ilustrações...) procurando evitar a dispersão da atenção das crianças. Neste sentido, foram criadas fórmulas rítmicas e melódicas que fornecessem os pontos de referência necessários para a aprendizagem do ritmo e melodia do refrão, sem palavras, com os vocábulos: lá, lá, lá.

Foram ainda desenvolvidos jogos de pergunta e resposta entre professor e alunos, que pudessem contribuir para apurar o sentido rítmico.

Na terceira aula foi dada continuidade ao trabalho da aula anterior, tendo sido gravadas as vozes da turma sobre uma base que eu tinha preparado previamente. Posteriormente foi feita a audição e análise desta gravação, tendo os alunos reagido de forma muito positiva à maneira como as vozes apareciam ao longo da canção.

Na quarta aula foi feita a gravação de instrumentos de percussão (guizeira, tamborim, pandeireta, clavas, triângulo e reco-reco), tendo sido os alunos a criar (com a minha orientação) a frase rítmica a interpretar (Anexo 9: Frase rítmica criada pelos alunos para o acompanhamento da canção: “A Nossa Escola”). Foram realizados alguns jogos de imitação e improvisação aos quais mais uma vez os alunos responderam com entusiasmo.

O princípio defendido por Carl Orff, referido por Pacheco (2009a), de que as crianças começam por sentir o ritmo em vez de analisar as suas componentes suporta a prática musical independentemente da fundamentação teórica. Pacheco (2009a) refere também a importância do grande princípio de Maria Montessori, de fazer surgir a necessidade de se expressarem musicalmente. Assim, apesar ter optado por fazer aulas centradas em atividades específicas, no sentido de manter uma melhor organização do trabalho e de conseguir, dentro do escasso limite de aulas apresentar o videoclip à comunidade escolar, não foram dissociados os diferentes aspetos da formação musical. Neste sentido, o canto, audição, leitura, escrita, permaneceram intimamente ligadas. Apesar de as aulas terem objetivos específicos foram trabalhadas várias componentes da música que são indissociáveis na interpretação de uma canção, como a melodia, ritmo e harmonia.

A aula seguinte aconteceu no seguimento de todo o trabalho que foi sendo

desenvolvido, tendo sido realizadas gravações de instrumentos de percussão individualmente, pelos alunos, interpretando o ritmo criado na aula anterior. Ficou patente a dificuldade que alguns alunos tinham ao nível rítmico, sendo, por vezes, incapazes de acompanhar a pulsação da canção. Para colmatar esta situação foram isoladas células rítmicas e trabalhadas por imitação. Foi possibilitado aos alunos algum tempo de experimentação com instrumentos de percussão permitindo-lhes explorar algumas ideias rítmicas, denotando-se alguma regularidade nos batimentos e fraco poder de invenção.

Na sexta aula, apresentei uma melodia para os alunos interpretarem na flauta de bisel (Anexo 10: Melodias apresentadas aos alunos para acompanhamento da canção: “A Nossa Escola”). A aprendizagem desta foi feita por imitação, recorrendo a um esquema representativo desenhado no quadro (não foi utilizada a notação musical). Quando os alunos aprenderam a melodia, foram feitos dois grupos de trabalho: um com flautas e outro coral. A intenção era que os dois grupos pudessem interpretar a canção “A nossa Escola”, em conjunto. Neste sentido, a utilização dos instrumentos foi feita no sentido de envolver os alunos como parte de um grupo.

Na aula seguinte foi feita a revisão da melodia e interpretada a canção com os mesmos grupos, seguindo-se uma gravação experimental com alguns alunos.

Na aula do dia 4 de Junho de 2009, foi feita a apresentação oral do cavaquinho. Não havendo cavaquinhos para todos os alunos, foram distribuídos a metade dos alunos, sendo-lhes indicadas as posições para a mão esquerda dos acordes sol e dó. A aprendizagem destes acordes possibilitou-lhes o acompanhamento da primeira parte da canção, o que os deixou extremamente satisfeitos. Os alunos que não estavam a tocar concentravam-se na parte vocal. Efetuou-se posteriormente a troca sendo que o segundo grupo executava a parte instrumental, enquanto os outros asseguravam a canção em termos vocais.

Na penúltima aula os alunos foram divididos por grupos, tendo-lhes sido pedido para, em pequenos grupos, fazerem um desenho relacionado com uma frase ou parte da canção “A nossa escola”. Os alunos corresponderam à tarefa solicitada, com desenhos muito interessantes. Após o término destes trabalhos, os mesmos foram fotografados para posterior inserção no videoclip “A nossa escola” (Anexo 11: Videoclip do 1ºCEB).

Na última aula, a 18 de Junho de 2009, foi feita, na sala de aula, a apresentação do videoclip concluído, tendo os alunos demonstrado orgulho e entusiasmo pelo trabalho realizado. Seguiu-se a autoavaliação por parte dos alunos.

Durante este curto período de tempo no qual decorreu o estágio procurou-se fazer uso de diversas vertentes centrando todo o trabalho numa canção. Assim foi feito uso de vários instrumentos, que para Carl Orff, mencionado por Pacheco (2009a), são de extrema importância na aprendizagem musical, dando também relevância à voz e ao gesto.

Tratando-se do 2º ano de escolaridade, optei por resumir a avaliação do projeto/estágio - relativamente ao desempenho dos alunos - numa tabela de avaliação final (Anexo 12: Tabela de avaliação individual de música nas AEC), baseada na observação direta e nos registos em caderno de campo. Foi também pedida e tida em conta a opinião dos alunos aquando da avaliação realizada na última sessão. A questão colocada aos alunos foi no sentido de perceber que classificação é que eles entendiam merecer. Estes responderam utilizando os parâmetros: Insuficiente, Suficiente, Bom e Muito Bom. Foi-lhes pedido que justificassem a nota, tendo a maioria demonstrado uma opinião similar à minha.

## **2.2. Escola Básica 2,3 Augusto Moreno**

No 3º Ciclo do Ensino Básico deu-se início à PES com uma aula de observação, a 19 de Novembro de 2009.

Tratando-se de um contexto totalmente desconhecido para mim, foi feita uma apresentação formal aos alunos antes de iniciar a prática. Foi também possível recolher opiniões verbais, relativamente ao caminho a seguir, em termos do projeto a implementar. Ficou decidido, com a aprovação dos alunos, que o trabalho seria realizado, com base no hino da Escola Augusto Moreno (de autor desconhecido).

Foi feita uma gravação da interpretação do mesmo por parte do professor cooperante e dos alunos, fazendo-se uso desta gravação para planificar o projeto “A escola em Videoclip”, à semelhança do que havia sido feito no 1ºCEB. Fiz, na sequência desta observação e recolha, o arranjo e gravação de alguns instrumentos (guitarra, bateria, baixo, sintetizador) e voz para servirem de base de trabalho em aulas futuras.

Na primeira aula lecionada por mim apresentei, após o preenchimento de um inquérito por questionário, o projeto “A Escola em Videoclip”, fazendo uma apresentação com projetor multimédia de um trabalho em PowerPoint<sup>7</sup> (Anexo 13:

---

<sup>7</sup> Microsoft) PowerPoint é um programa utilizado para a edição e exibição de apresentações gráficas originalmente

PowerPoint de apresentação do projeto “A Escola em Videoclipe”) da calendarização das atividades a desenvolver. Deu-se posteriormente início à análise da canção (Anexo 14: Letra da canção “Estudo na Escola Augusto Moreno”), com os esquemas para acompanhamento em cavaquinho e guitarra acústica.) Seguindo-se uma pequena demonstração dos programas de notação musical (Sibelius 3<sup>8</sup>), de edição de áudio (Nuendo 3<sup>9</sup>) e edição de vídeo (Adobe Premier Pro CS4<sup>10</sup>). Os alunos mostraram numa fase inicial pouco interesse pela ideia, mas à medida que o tempo foi decorrendo tornaram-se mais interventivos. A aula terminou com o ensaio da canção “Estudo na Escola Augusto Moreno”.

A utilização das novas tecnologias poderá ser uma mais-valia na prática pedagógica e, dever-se-á no meu entender, fazer uso das possibilidades que estas oferecem visto que vão de encontro às necessidades e preferências dos alunos, a avaliar pelos resultados obtidos com a implementação do primeiro questionário, em que a maioria dos alunos referia o trabalho com computador como uma das atividades favoritas.

A segunda aula, a 3 de Dezembro de 2009, seria dedicada interpretação vocal. Neste âmbito foi projetado um trabalho em PowerPoint (Anexo 15: PowerPoint sobre a voz) com a apresentação do aparelho fonador, da necessidade de manutenção de uma postura correta ao cantar, bem como dos diferentes tipos de vozes existentes. Foram também utilizados dois vídeos do *Youtube*<sup>11</sup> como exemplo de questões anatómicas e fisiológicas relativas à voz. Os alunos mostraram bastante interesse pela temática abordada. Optei nesta aula, por fazer pequenas adaptações na letra da canção, uma vez que a métrica não se adequava da melhor forma à estrutura da canção. De notar que os alunos se mostraram pouco confortáveis com o facto de lhes ter pedido para cantarem individualmente. Assim, foram feitos pequenos grupos de forma a permitir que estes trabalhassem com mais confiança, no sentido de não se exporem individualmente.

Na terceira aula, 10 de Dezembro de 2009, foi feita a apresentação e análise das características de alguns instrumentos escolhidos pelos alunos com auxílio do programa *Musical Instruments* (Microsoft<sup>12</sup>). Foi também feita a revisão de algumas figuras

---

escrito para sistema operativo Microsoft Windows.

<sup>8</sup> Sibelius (3) é um programa informático de notação musical, que permite compor e ouvir as composições em tempo real.

<sup>9</sup> (Steinberg) Nuendo 3 é um programa informático de gravação multipistas de áudio e vídeo.

<sup>10</sup> Adobe Premiere Pro CS4 é um programa de edição de vídeo, com ferramentas profissionais.

<sup>11</sup> Youtube é uma página na internet na qual usuários de todo o mundo colocam vídeos gratuitamente.

<sup>12</sup> *Musical instruments* é uma aplicação que fornece a história e sons reais de cerca de 200 instrumentos musicais.

rítmicas (semínima, mínima, semibreve e respectivas pausas). Na sequência desta atividade pedi aos alunos para improvisarem com instrumentos de percussão sobre a base musical previamente gravada por mim, tendo a maioria deles mostrado grande entusiasmo. Tentei ao máximo valorizar o poder de improvisação dos alunos uma vez que acredito nos benefícios que esta modalidade traz, favorecendo o desenvolvimento da criatividade. Procurei sempre ter, a título pessoal – fomentando simultaneamente nos alunos-, uma postura crítica relativamente às suas improvisações e interpretações, da mesma forma que pretendi fazer com que os alunos se sentissem sempre parte integrante do projeto. Neste sentido tive a preocupação de fundamentar as atividades proporcionando aos alunos uma sólida base teórica sobre a qual eram desenvolvidas as atividades, independentemente da índole das mesmas, permitindo a manutenção do pensamento crítico. Foi sempre fornecida uma sólida base teórica para as atividades de teor puramente prático, desenvolvendo-se atividades de preparação.

Na quarta aula, a 17 de Dezembro de 2009, foi realizada uma atividade centrada na flauta de bisel. O objetivo nesta aula era a gravação das melodias de flauta (Anexo 16: Melodias para flauta de bisel [com anotações dos alunos] para acompanhamento da canção). Não foi possível concluir o que estava planeado, uma vez que os alunos não tinham prática suficiente neste instrumento, ou não se lembravam das posições relativas às notas, que deveriam ter trabalhado no segundo ciclo - de acordo com o Programa do 2º Ciclo do Ensino Básico. Foi também apresentado um trabalho em formato PowerPoint sobre este instrumento (Anexo 17: PowerPoint sobre a flauta de bisel) e feita uma espécie de reiniciação à flauta, tendo os alunos respondido com empenho. Tentei também estimular o “tocar de ouvido” porque é uma forma agradável de praticar um instrumento musical e tem grande importância no desenvolvimento do ouvido musical. Consiste também num bom exercício de técnica instrumental, já que a realização de passagens procurando a nota ou melodia correta favorece o automatismo e coordenação e fluidez de movimentos. Foi necessário nesta aula, como já referi, fazer adaptações ao plano, situação normal em contexto de sala de aula, e para a qual o professor se deve sentir preparado. Na sequência da aula anterior, esta, a 7 de Janeiro de 2010, foi utilizada para dar continuidade à gravação das duas melodias de flauta. Os alunos mostraram participação e empenho sem precedentes.

A flauta revela-se um instrumento precioso na sala de aula, dado tratar-se de um instrumento musical que apresenta um nível de dificuldade de execução acessível à maioria dos alunos.

Na sexta aula, a 14 de Janeiro de 2010, os alunos cooperavam com grande interesse fazendo sugestões e intervenções positivas com maior frequência. Foi realizada prática instrumental com os cavaquinhos e a gravação de vozes em grupos de dois. Denotava-se nesta fase um acréscimo na participação dos alunos, que começavam a ver os frutos do trabalho desenvolvido até então. É indiscutível a utilidade dos instrumentos no sentido de educarem o ouvido, a coordenação viso-motora, o conhecimento e prática de um repertório, mas valorizando sobretudo o contributo que dão como forma de fortalecer a expressão a todos os alunos (e, em particular, aos que têm dificuldade de comunicação).

Na sétima aula, a 21 de Janeiro de 2010, foi realizada uma aula de campo (devidamente autorizada pelos encarregados de educação) (Anexo 18: Modelo de autorização para a aula de campo), cujo objetivo era recolher fotografias e filmes de algumas zonas da cidade de Bragança para inserir no videoclip (como o Castelo, a torre de menagem...), tendo para o efeito sido utilizado um veículo de 9 lugares cedido por um meu familiar. Os alunos demonstraram uma excelente postura durante a visita enquanto recolhiam imagens.

No dia 28 de Janeiro, na aula 8, foram realizadas as gravações individuais, das vozes, tendo os alunos demonstrado bastante mais à-vontade do que na fase inicial do projeto. Para além desta situação, o silêncio patente durante as gravações, da parte colegas que assistiam, demonstrou o respeito que os alunos desenvolveram pelo projeto.

Na última aula, a 04 de Fevereiro de 2010, foi feita a ficha de avaliação de conhecimentos, que seria corrigida na mesma aula (uma vez que optei por uma ficha com questões de escolha múltipla) bem como a avaliação do projeto e do produto final, pelos alunos, realizou-se uma pequena discussão sobre o trabalho realizado. Foi também feito o visionamento do videoclip (Anexo 19: Videoclip do 3ºCEB), tendo os alunos demonstrado grande satisfação no resultado obtido. Relativamente à avaliação, foram utilizados vários instrumentos de avaliação no sentido de permitir uma melhor perceção dos níveis de desempenho dos alunos. A avaliação dos alunos foi feita recorrendo a uma grelha de observação (Anexo 20: Resumo das grelhas de observação). Foi realizada uma ficha de avaliação de conhecimentos (Anexo 21: Ficha de avaliação) e um inquérito por questionário. A estes instrumentos adicionar-se-iam as informações recolhidas em caderno de campo. De salientar, neste âmbito, a discussão realizada na última aula, centrada no projeto desenvolvido.

### 3. Justificação das opções de pesquisa

#### 3.1. A motivação

Vasconcelos dizia em (2003, p.17) que,

(...) Um dos grandes constrangimentos da formação especializada (básica, secundária e superior) é a inexistência de um ensino não especializado de música e que conduz a uma procura acrescida da formação especializada - por outro, [existiu] um certo desmazelo e até desconsideração de muitos profissionais de música em relação ao ensino musical “não artístico” desvalorizando o estatuto e dignidade da profissão” (cit. in Revista de Educação Musical, APEM, 2003:17).

Acredito que a situação atual ao nível da educação musical se encontra um pouco distante da descrita pelo autor supracitado. Tendo acompanhado e orientado todo o projeto fiquei extremamente satisfeito com a evolução dos alunos e, sobretudo - independentemente dos benefícios de índole musical que tenham obtido - com a entrega que demonstraram ao longo do processo. Acredito que, neste sentido posso corroborar a afirmação de Sanuy quando refere que “ (...) *o estímulo da expressão e criatividade no âmbito educativo é fundamental para o desenvolvimento pessoal e social da criança [da mesma forma que] (...) o afeto e compreensão favorecem uma mudança de atitude*” (1980:151).

A motivação é um fator de extrema importância no desempenho de qualquer tarefa. De acordo Sprinthall e Collins existem 3 elementos que conduzem ao sucesso na realização de uma variedade de tarefas: “ (...) *o desempenho de acordo com um padrão de excelência; a assunção moderada de riscos e a utilização positiva da informação de retorno (feedback)* ” (1994:565). A consecução de determinados objetivos está então, de acordo com os autores supracitados, relacionada com uma atuação ponderada e exigente.

Os indivíduos que possuem objetivos pouco definidos relativos ao seu desempenho, que assumem tanto riscos precipitados como uma ausência total dos mesmos, e que evitam ajustar os seus planos conforme a informação de retorno recebida, são aqueles que nunca conseguem obter sucesso. Nas escolas e instituições de ensino superior essa síndrome é designada por “baixo rendimento”, no emprego ele é considerado o passe para o desemprego ou para o trabalho de nível inferior (Sprinthall e Collins 1993:565).

Neste sentido a definição de objetivos claros, com risco moderado e com constante reajustamento dos planos tendem a conduzir ao sucesso no desenvolvimento de uma determinada tarefa. O comportamento de realização encontra-se assim

fortemente ligado ao estabelecimento de prioridades, à elaboração de planos racionais, à tomada de decisões bem orientadas. Atendendo a este princípio foram estabelecidos objetivos claros, com nível de dificuldade moderado, tornando o desenvolvimento das atividades aliciante.

Segundo Sprinthall e Sprinthall (1993) a motivação afecta a aprendizagem, da mesma forma que a aprendizagem afeta a motivação. Esta motivação apresenta duas componentes identificáveis: uma necessidade e um impulso.

Tecnicamente, então, o défice interno (necessidade) empurra a pessoa para ação (impulso) aproximando-a ou afastando-a de uma meta específica. Finalmente, o comportamento último do indivíduo pode assentar numa série de metas, isoladas ou combinadas e é, portanto, mais vezes, multimotivado (Sprinthall e Sprinthall, 1993:506).

Neste sentido Bruner admite que a “(...) *motivação extrínseca pode ser necessária para obrigar o aluno a iniciar certas atividades ou para começar e ativar o processo de aprendizagem*” (cit in. Sprinthall e Sprinthall 1993:508). Mas uma vez começado este processo de aprendizagem por vezes frágil, é melhorado e sustentado por motivos intrínsecos. Num estudo apresentado por Sprinthall e Sprinthall (1993) um educando apresentou uma lista de princípios para estimular a motivação intrínseca em crianças e jovens. De entre estes princípios destacam-se: a existência de um ambiente variado e com novidades em casa, a realização de experiências nas quais as crianças afetam os seus ambientes, a existência de um ambiente respondente às ações das crianças e a resposta positiva às questões das crianças, com encorajamento na procura de novas soluções. De acordo com a hierarquia de Maslov, segundo Sprinthall e Sprinthall (1993), a necessidade de auto realização (sucesso, satisfação, realização de metas, ambições e talentos pessoais) ocupa o quinto lugar. Os professores podem, neste sentido, arranjar preciosos aliados como fatores motivacionais, sejam eles as notas, estrelas douradas, ou um amigável “muito bem”.

Outras duas situações importantes para o professor são a cooperação e a competição.

O trabalho numa situação de grupo apresenta dois efeitos principais: pode-se, por um lado, aumentar os sentimentos de competitividade e motivação e, por outro, aumentar sentimentos de ansiedade e proporcionar distrações. (...) A natureza da tarefa é também de grande importância (Sprinthall e Sprinthall, 1993:517).

O papel do professor passa, para além da gestão das relações interpessoais, pela utilização de uma variedade de motivadores extrínsecos, fazendo também uso de

material que é intrinsecamente motivante. Torna-se assim possível aumentar a atenção dos alunos bem como o tempo de realização de tarefas.

Assim, de acordo com os autores referidos previamente, os objetivos da escola deveriam incluir a estimulação, a promoção e a facilitação do desenvolvimento pessoal no contexto da aprendizagem, de modo a fazer face aos efeitos debilitantes e aumentar a plena realização do potencial dos alunos

### **3.2. A pesquisa na PES**

No ano letivo de 2006/2007, foi introduzido pelo Ministério da Educação um programa designado por AEC<sup>13</sup> (Atividades de Enriquecimento Curricular), no sistema educativo, nomeadamente no primeiro ciclo procurando um alargamento e generalização das atividades no 1º Ciclo, bem como o prolongamento do horário nas escolas. Estas reestruturações visam proporcionar novas oportunidades de aprendizagem aos alunos deste nível de ensino, bem como tornar os horários dos estabelecimentos de ensino mais compatíveis com as necessidades das famílias. Ao nível do 2º Ciclo a disciplina tem um carácter obrigatório, situação que não se verifica no 3º Ciclo cuja oferta depende da possibilidade da escola em assegurar esta disciplina. Devido ao facto de o ensino da música (Expressão Musical no 1ºCEB, Educação Musical no 2ºCEB e Música no 3ºCEB) não ser uma constante ao longo do percurso do aluno no Ensino Básico, o desenvolvimento de um projeto no âmbito da música pressupõe a orientação de atividades simples, que sejam passíveis de desenvolvimento sem a necessidade de grandes pré-requisitos.

Como foi referido previamente dever-se-á ir de encontro às necessidades dos alunos, podendo a implementação destes projetos constituir um fator motivacional para que os alunos se interessem pelo ensino vocacional da música, no sentido de complementar a sua formação recorrendo a uma via de ensino mais especializada e personalizada.

A importância comercial do treino vocacional ganhou importância com a disponibilidade de formações na área da música popular e da tecnologia da música. O crescente interesse na música popular e comercial no sector educativo vai continuar a ter impacto no

---

<sup>13</sup> Despacho nº 12 591/2006 (2ª série), de 16 de Junho – Implementa as actividades de enriquecimento curricular no 1º Ciclo do Ensino Básico integradas no conceito escola a tempo inteiro.

currículo musical da escola (Hodges cit. in Philpott e Plummeridge, 2001:178).

De acordo com Philppott e Plummeridge (2001) o surgimento de cursos orientados para a interpretação, composição e produção musical, tem um impacto no currículo da escola, podendo-se fazer uso desse facto através da implementação de projetos que permitam aos alunos tomar contacto com as diversas vertentes envolvidas no fenómeno musical. A execução deste tipo de projetos permitem também apresentar um processo de ensino-aprendizagem alternativo ao tradicional em que “ (...) o professor é a autoridade cujo objetivo é incutir nas crianças as regras reconhecidas e procedimentos que constituem a disciplina de música” (op. cit, 2001:25).

O contacto com a produção musical deverá ser feito pessoalmente. O aluno deve tocar, compor e produzir para compreender de facto estas situações. Torna-se necessário praticar, não restringindo as aulas de música à teoria. O professor Louis Arnaud Reid “ (...) afirma que só é possível compreender o valor das artes a partir de dentro” (cit in. Philpott e Plummeridge, 2001:26).

Os mesmos autores defendem também que ver “ (...) as crianças a participar nas atividades e a trabalhar com um sentido de propósito e prazer é reconhecer que elas estão a participar em algo vantajoso e de valor intrínseco. A prática é a justificativa” (2001:26). Neste sentido a implementação de um projeto em que os alunos tenham a possibilidade de compor uma canção, tocar instrumentos para o seu acompanhamento, fazer a gravação áudio da mesma, e participar na produção de um pequeno videoclip que a sustente, poderá constituir uma mais-valia em termos da educação da música.

Desta maneira e nesta sequência julgo que a interdisciplinaridade presente contribui também para a riqueza educacional do projeto porque de acordo com Hannon “ (...) os alunos têm uma atitude mais positiva para a música quando o assunto é ensinado como parte de um programa combinado” (cit. in. Philpott e Plummeridge, 2001:136). Assim sendo, o contacto proporcionado com instrumentos musicais, aplicações de áudio, notação musical e de vídeo, proporcionados por um projeto no âmbito da produção musical contribuem, de acordo com os autores referidos, para o desenvolvimento dos alunos.

Surge desta forma a necessidade de perceber, partindo do pressuposto de que a motivação e desempenho estão intimamente ligados à participação, se a implementação de um projeto ligado à música tem impacto na participação dos alunos nas aulas de

Música.

Neste sentido, na parte dois deste relatório, será apresentada a fundamentação que sustenta a PES realizada bem como a investigação-ação desenvolvida com base no projeto referido previamente. Serão também referidas as etapas de desenvolvimento do projeto e os resultados obtidos com a implementação do mesmo.

**PARTE II: A Escola em Videoclip - A influência de um projeto  
multimédia na motivação e desempenho dos alunos**

## 1. Pedagogias ativas do ensino da música

Ao mesmo tempo que, no início do séc. XX, a pedagogia infantil se desenvolvia, surgia uma pedagogia musical centrada na criança como ser dotado de necessidades específicas.

Apresentam-se seguidamente algumas ideias defendidas por alguns dos nomes da pedagogia musical do último século, cujo trabalho de alguma forma influencia ou subjaz aos projetos desenvolvidos e implementados na PES relatada neste documento.

Jaques Dalcroze<sup>14</sup> (1855/1950), um dos pioneiros da pedagogia musical, desenvolveu um método baseado na relação da pessoa com o meio, denominado de Rítmica Dalcroze, em que os ritmos naturais do corpo humano são relacionados com os ritmos musicais e com a capacidade criadora da criança. Este método tem como objetivo o desenvolvimento harmonioso das faculdades mentais, sensoriais e afetivas.

Para Zoltan Kodaly<sup>15</sup> (1882/1967) a voz foi a base do seu trabalho ao nível da educação musical. Não tendo criado um processo metodológico, foi responsável pela formulação de princípios educativos. Defendia a música como parte indispensável do desenvolvimento humano, defendendo simultaneamente a iniciação da educação musical o mais cedo possível. Edgar Willems (1890/1978) estabelecia uma relação entre a música, o ser humano e as grandes leis do universo e relacionava o ritmo, a melodia, harmonia com a vida fisiológica, afetiva e mental do homem, respetivamente. Este autor defendia o início da prática musical por volta dos três ou quatro anos de idade, baseando-se em canções, experiências rítmicas e auditivas, possibilitando a descoberta ativa da música, o que implica uma passagem da prática à teoria.

Carl Orff<sup>16</sup> (1895/1982) idealizou um conjunto de instrumentos de percussão com movimentos de execução similares aos produzidos pelos ritmos corporais. Esta abordagem pedagógico-musical procura desenvolver um forte sentido rítmico antes que as crianças compreendam a notação musical sendo a relação entre a palavra, música e movimento privilegiada.

Maurice Martenot (1970) apresenta um método baseado no sentido rítmico e na educação auditiva, que deve ser introduzido nos Jardins de Infância. Privilegia a voz em detrimento da aprendizagem instrumental.

Keith Swanwick (1991) apresenta uma Teoria Espiral, baseada em Piaget

---

<sup>13,14,15</sup> Fonte: <http://sites.google.com/site/pedagogiamusi/periodos>

defendendo um desenvolvimento por etapas. Sustenta, neste sentido, o desenvolvimento de conteúdos de forma articulada, com base no modelo “T.E.C.L.A.”<sup>17</sup>, favorecendo o desenvolvimento integral do aluno.

Edwin Gordon (2000a) é um dos mais importantes investigadores atuais. Criou o termo audição para designar a capacidade de ouvir compreensivamente mesmo quando não há som fisicamente presente. Apresenta cinco capacidades - ouvir, interpretar, ler, escrever e criar - que as crianças deverão desenvolver.

Os autores apresentados previamente defendem, nas suas teorias e métodos, pontos comuns. As metodologias criadas por alguns são ainda hoje amplamente utilizadas nos estabelecimentos de ensino, como é o caso da abordagem pedagógico-musical de Carl Orff.

## **2. Análise interpretativa do currículo nacional do ensino básico na área da música<sup>18</sup>**

Hohmann e Weikart definem a música como “ (...) o movimento controlado do som no tempo (...) [sendo] feita por humanos que a querem, apreciam e até a amam” (1997:657).

No estudo da música o estabelecimento de objetivos curriculares sequenciais, surge com o propósito geral de desenvolver a audição rítmica e tonal. Gordon (2000a) criou o termo audição que significa em termos musicais o que o pensamento significa para a língua, isto é, implica um escutar compreensivo. Assim, pretende-se que os alunos atribuam significado à música que ouvem, compõem, executam e improvisam.

“A música, organizada pelo ritmo, a melodia e a harmonia, que desperta no seu ouvinte uma resposta emocional, tem um carácter universal e exprime a vida humana sensível e criadora” (Hohmann e Weikart, 1997: 657).

No sentido de obter algum domínio sobre as três componentes essenciais da música – melodia, harmonia e ritmo – Pacheco (2009b) organiza a aprendizagem musical nas seguintes competências específicas: auditivas, motoras, expressivas, de leitura e performativas.

O domínio destas competências da aprendizagem musical deverá estar ligado a uma programação de conteúdos. Ao nível da aprendizagem formal de um instrumento,

---

<sup>17</sup> TECLA: T de técnica, E de execução, C de composição, L de literatura e A de apreciação.

<sup>18</sup> Análise baseada em Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais. Disponível em: <[http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Rel\\_MEd\\_MC.pdf](http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Rel_MEd_MC.pdf)>, acessado a 23 Maio 2010.

normalmente em termos individuais (em conservatórios ou escolas vocacionais) o programa é desenvolvido visando a consecução de objetivos por etapas, como por exemplo, a capacidade de interpretação de uma determinada peça musical.

Ao nível do ensino básico a programação carece de algum rigor conceptual, sendo o trabalho desenvolvido sustentado em orientações programáticas. Para o 1º Ciclo o Ministério da Educação sugere como base de trabalho as Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1º Ciclo do Ensino Básico. Ao nível do 2º Ciclo é apresentado um Programa de Educação Musical (Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem). No 3º ciclo existem as “Orientações Curriculares – 3º Ciclo do Ensino Básico”.

No Currículo Nacional do Ensino Básico (2001:165-176) são tecidas algumas considerações e apresentadas as competências essenciais a desenvolver. De acordo com este documento as competências artístico-musicais desenvolvem-se através de processos diversificados de apropriação de sentidos, de técnicas, de experiências de reprodução, de criação e reflexão, de acordo com os níveis de desenvolvimento das crianças e dos jovens.

Todo o trabalho desenvolvido na PES foi delineado procurando fornecer aos alunos uma vasta gama de experiências e indo de encontro às competências específicas contempladas nas Orientações Programáticas. As competências específicas estão pensadas no sentido de providenciar práticas artísticas diferenciadas e adequadas aos diferentes contextos onde se exerce a ação educativa, de forma a possibilitar a construção e o desenvolvimento da literacia musical em nove grandes dimensões (Anexo 22).

Estas dimensões consubstanciam-se em experiências pedagógicas e musicais diversificadas, baseadas na vivência e na experimentação artística e estética situada em diferentes épocas, tipologias e culturas musicais do passado e do presente.

Neste sentido, as competências específicas propostas e a desenvolver constroem-se de forma a potenciar, através da prática artística, a compreensão e as interpelações entre a música na escola, na sala de aula e as músicas presentes nos quotidianos dos alunos e das comunidades.

As competências específicas para a música na escolaridade básica, assumem que a disciplina pode dar um conjunto de contributos para a consolidação das competências gerais que o aluno deverá evidenciar no final do ensino básico (Anexo 23).

Uma das características distintivas das artes do espetáculo é o facto de se desenrolarem em tempo real. Esta característica envolve, entre muitas outras, uma

dimensão tripla: criar, produzir e controlar emoções. Neste sentido, a adoção de metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem, de acordo com os objetivos visados, afigura-se uma estratégia fundamental e adequada na educação e formação no domínio artístico. O facto de a música acontecer em tempo real, implica, por parte de quem a faz, uma capacidade de tomar decisões rápidas e coerentes, tanto sob o ponto de vista técnico como artístico.

O desenvolvimento do projeto “A escola em Videoclip” no 1º e 3º CEB possibilitou, em cerca de uma dezena de sessões em cada Ciclo, trabalhar a quase totalidade das competências específicas contempladas nas Orientações Programáticas para o ensino da Música no Ensino Básico. Foram, desta forma, facultadas aos alunos variadas experiências de aprendizagem.

É apresentada, seguidamente, nos pontos 2.1 e 2.2, uma breve análise das Orientações Programáticas para o 1º e 3º CEB respetivamente, procurando clarificar a abordagem feita à PES em cada um dos Ciclos.

## **2.1. Orientações programáticas da Música no 1ºCiclo do Ensino Básico**

Para Vasconcelos “(...) *a literacia musical, além de significar uma compreensão musical determinada pelo conhecimento de música, sobre música e através da música, engloba também competências da leitura e escrita musicais*” (2006:4).

Neste sentido para além do fenómeno sonoro existente uma vertente escrita que deve também ser valorizada.

Partindo do pressuposto de uma aprendizagem baseada na ação, aprender fazendo, a música no 1º ciclo oferece um quadro alargado de atividades.

Centrada na voz e no canto, a aprendizagem musical interliga-se com o corpo e o movimento onde são fomentadas a audição, as práticas instrumentais diversificadas, a análise e discussão de repertório, a pesquisa, a experimentação e a criação musical. É defendida a valorização de um trabalho diversificado que vise a integração na comunidade e o contacto com criadores, intérpretes, bem como a participação em projetos artísticos diferenciados.

Apresenta-se seguidamente uma tabela que resume as atividades essenciais propostas pelas Orientações Programáticas.

Tabela 2: Resumo das atividades propostas nas Orientações Programáticas da Música no 1ºCEB.

| <b>Atividades</b>  | <b>Síntese</b>   |
|--|--|
| <i>Prática Vocal</i><br>(a voz, o canto, as práticas corais)             | Desenvolvimento de competências em torno da utilização da voz e da interpretação da música vocal.  |
| <i>Prática Instrumental</i><br>(A música e os instrumentos tradicionais) | Desenvolvimento de competências em torno da utilização de instrumentos tradicionais e da interpretação de música instrumental e vocal tradicional. |
| <i>Histórias com música</i><br>(Perceção e expressão musical)            | Audição, interpretação e criação de música com carácter descritivo e programático.   |
| <i>A música teatral</i><br>(música, movimento e drama)                   | Interpretação e/ou criação de um espetáculo músico-teatral que interligue a música e outras formas de arte e tecnologias.                          |

Fonte: Orientações programáticas da Música no 1ºCiclo do Ensino Básico.

Após a leitura das Orientações Programáticas e análise da Tabela 2, poder-se-á ficar com a ideia da relevância da multidisciplinaridade e pluriculturalidade subjacentes ao ensino da música no 1ºCiclo do Ensino Básico.

Pressupõe-se basicamente a interligação de diferentes conceitos e práticas variadas. Existe alguma flexibilidade em termos programáticos, o que possibilita o desenvolvimento de atividades temáticas que vão de encontro às necessidades dos alunos e do seu contexto. Durante a PES no 1º CEB foram desenvolvidas atividades que fossem de encontro às finalidades e princípios das Orientações Programáticas, na medida em que, através de uma canção, se trabalharam atividades de natureza disciplinar (Música) e interdisciplinar (com as restantes áreas), desenvolvendo trabalhos ao nível da sala de aula, escola e agrupamento, sendo o projeto estendido à comunidade, com a participação no vídeo das mães de dois alunos.

## **2.2. Música - Orientações Curriculares para o 3ºCiclo do Ensino Básico**

As orientações curriculares visam essencialmente promover práticas artísticas diferenciadas e apropriadas aos diferentes contextos de ação educativa.

As competências específicas a desenvolver na disciplina de Educação Musical, ao longo do 3º ciclo do Ensino Básico, são apresentadas em torno de quatro organizadores:

- Interpretação e comunicação;

- Criação e experimentação;
- Perceção sonora e musical;
- Culturas musicais nos contextos;

Tratando-se de orientações programáticas, apresentam módulos temáticos que permitem, ao longo do período letivo em que as aulas acontecem - que poderá ser de 90 minutos semanais durante um semestre, ou de 45 minutos semanais ao longo do ano letivo - o desenvolvimento de projetos em torno dos referidos módulos. Sendo a opção pelos módulos facultativa, deve, na minha opinião, ir de encontro às necessidades dos alunos e do contexto onde os mesmos estão inseridos - situação também salvaguardada no documento.

Os temas dos módulos e a síntese das temáticas abordadas são apresentados no quadro seguinte:

Tabela 3: Temas dos módulos de acordo com as Orientações Programáticas da Música para o 3ºCEB.

| <b>Temas dos módulos</b>   | <b>Síntese das temáticas musicais</b>  |
|--|--|
| <b>Formas e estruturas</b><br>(modos de organização e estruturação musicais)               | Desenvolvimento das competências de utilização e compreensão dos modos diferenciados de organização e estruturação musicais.   |
| <b>Improvisações</b><br>(exploração da improvisação musical)                               | Exploração e compreensão dos processos de improvisação musical através dos procedimentos jazzísticos e de outros estilos.  |
| <b>Melodias e arranjos</b><br>(em torno da canção)   | Compreensão das diferentes formas de criação, composição e arranjos de melodias e canções.   |
| <b>Memórias e tradições</b><br>(em torno da música portuguesa)                             | Compreensão dos papéis da música na construção da identidade portuguesa através da exploração de diferentes tipos de espetáculos musicais e do teatro musical.             |
| <b>Música e movimento</b><br>(em torno de danças e coreografias)                           | Exploração, interpretação e criação de diferentes tipos de músicas em torno do movimento, danças e coreografias.   |
| <b>Música e multimédia</b><br>(as diferentes utilizações dos materiais sonoros e musicais) | Exploração, compreensão e manipulação de diferentes materiais sonoros e musicais para a produção de determinados efeitos comunicacionais, estéticos e outros.              |
| <b>Música e tecnologias</b><br>(manipulando sons acústicos e eletrónicos)                  | Manipulação dos sons acústicos e eletrónicos através, experimentação, criação, interpretação e da exploração das tecnologias MIDI.   |
| <b>Músicas do mundo</b><br>(explorando outros códigos e convenções)                        | Exploração, manipulação e compreensão de códigos e convenções de culturas musicais de tradição oral de acordo com os contextos de referência.                              |
| <b>Pop e Rock</b><br>(em torno dos estilos musicais)                                       | Identificação, criação e manipulação das características de determinado estilo musical através da utilização de diferentes tecnologias musicais e outras.                  |
| <b>Sons e sentidos</b><br>(processos de criação musical)                                   | Exploração, manipulação e compreensão dos diferentes processos de criação musical através da experimentação, composição, interpretação e representações gráficas dos sons. |

|  |  |
|--|--|
| <b>Temas e variações</b><br>(em torno do desenvolvimento de ideias musicais) | Exploração, e manipulação das diferentes possibilidades de trabalhar uma ideia musical ou outra. |
|--|--|

Fonte: Orientações Curriculares do 3ºCiclo do Ensino Básico, Ministério da Educação 2001.

Após a leitura das orientações programáticas fica patente a flexibilidade que o documento oferece em termos de gestão da prática letiva. A possibilidade de escolha do módulo a trabalhar permite o desenvolvimento de atividades que vão de encontro aos gostos e necessidades dos alunos. Neste ciclo é valorizada a vivência musical e a convivência com a música, em detrimento de questões eminentemente teóricas. As orientações metodológicas vão no sentido de fomentar contextos favoráveis à aprendizagem, valorizando a prática vocal e instrumental, a criação e experimentação artística e musical e a criação de materiais digitais e outros.

### **2.2.1. O módulo “Música e Multimédia”**

O módulo trabalhado na PES, com a implementação do projeto “A Escola em Videoclip” foi “Música e Multimédia”. De acordo com as Orientações Curriculares, procura-se neste módulo que o aluno:

- *Explore e compreenda como é que os diferentes materiais sonoros e musicais são utilizados para produzir determinados efeitos comunicacionais e induzir a aquisição de determinados produtos;*
- *Investigue como é que a música pode criar determinados efeitos e é utilizada em diferentes media;*
- *Componha e grave peças musicais explorando diferentes códigos e clichés de acordo com intenções pré-definidas;*
- *Utilize as tecnologias MIDI.*

O tempo de duração deste módulo situa-se entre o mínimo de 9 semanas e o máximo de 16 semanas, ou equivalente. O estágio profissional em questão teve a duração mínima sugerida para o módulo. Para o desenvolvimento do trabalho do módulo apresentam-se como pré-requisitos para o aluno alguma experiência e interpretação de música de diferentes culturas, a compreensão de diferentes códigos e a utilização das tecnologias da informação na representação do som.

No decurso do trabalho o aluno compreende e utiliza vocabulário apropriado relacionado com a música e tecnologia, trabalhando simultaneamente diferentes códigos

e convenções. Utiliza diferentes processos como a composição, improvisação ou interpretação e trabalha a música de acordo com um contexto específico.

Os recursos para este módulo incluem variadas fontes sonoras (instrumentos musicais variados, aparelhagem sonora, computadores e outros equipamentos) podendo-se utilizar composições de outros autores. A partir do trabalho desenvolvido o aluno poderá utilizar as diferentes fontes sonoras e desenvolver a acuidade auditiva, investigando simultaneamente o modo como outros compositores utilizam e manipulam os sons. O processo de aprendizagem deste módulo poderá ser enriquecido através da participação em acontecimentos de índole social como: concertos, entrevistas, discussões. As visitas de estudo a estúdios poder-se-ão revelar proveitosas bem como a investigação sobre a forma como outras áreas utilizam a música (cinema, teatro, publicidade).

As Orientações Programáticas defendem que no final do trabalho desenvolvido a maioria dos alunos consigam compor, arranjar, improvisar, interpretar peças e/ou que manipulem e compreendam os diferentes usos e funções dos materiais sonoros e musicais, ainda que necessitando de apoios suplementares para a sua utilização adequada.

### **3. Competências específicas**

A observação, como instrumento da investigação-ação realizada na PES centrou-se no estudo e análise de quatro parâmetros:

- Saber (Perceção Sonora e Musical);
- Saber/Fazer (Interpretação e Comunicação/Criação e Experimentação);
- Saber (Compreensão e Expressão em Língua Portuguesa);
- Saber Ser/Estar (Educação para a cidadania).

Estes parâmetros encontram-se intimamente relacionados com as competências específicas a desenvolver na disciplina de Educação Musical que são, nas Orientações Programáticas, apresentadas em torno de quatro grandes organizadores.

#### **3.1. Percepção sonora e musical**

Este organizador encontra-se ligado ao primeiro parâmetro em estudo na investigação realizada na PES (Saber – Perceção Sonora e Musical). De acordo com o mesmo o aluno:

- *Compreende como se utilizam e articulam os diferentes conceitos, códigos e convenções e técnicas artísticas constituintes das diferentes culturas musicais;*
- *Analisa obras vocais, instrumentais e eletrónicas de diferentes culturas musicais utilizando vocabulário apropriado e de complexidade diversificada;*
- *Descreve, auditivamente, estruturas e modos de organização sonora de diferentes géneros, estilos e culturas musicais através de vocabulário apropriado;*
- *Lê e escreve em notação convencional e não convencional diferentes tipologias musicais recorrendo também às Tecnologias da Informação e Comunicação;*
- *Investiga diferentes modos de perceção e representação sonora.*

### **3.2. Interpretação e comunicação**

No âmbito deste organizador, relacionado com o segundo parâmetro em estudo na investigação-ação - Saber/Fazer (Interpretação e Comunicação/Criação e Experimentação -, o aluno desenvolve a musicalidade e o controlo técnico-artístico através do estudo e da apresentação individual e em grupo de diferentes interpretações.

É defendido, no documento que tenho vindo a analisar, que no final do ensino básico, o aluno seja capaz de:

- *Cantar sozinho e em grupo, com precisão técnico-artística, peças de diferentes géneros estilos e tipologias musicais;*
- *Tocar sozinho e em grupo pelo menos um instrumento musical utilizando técnicas instrumentais e interpretativas diferenciadas de acordo com a tipologia musical;*
- *Preparar, apresentar e dirigir pequenas peças e/ou espetáculos musicais de âmbitos diferenciados;*
- *Participar, como intérprete, autor e produtor em recitais e concertos com diferentes pressupostos comunicacionais e estéticos e para públicos diferenciados;*
- *Partilhar com os pares, as músicas do seu quotidiano;*
- *Investigar e avaliar diferentes tipos de interpretações utilizando vocabulário apropriado.*

### 3.3. Criação e experimentação

No âmbito deste organizador, relacionado com segundo parâmetro em estudo na investigação-ação Saber/Fazer - (Interpretação e Comunicação/Criação e Experimentação) - o aluno explora, compõe, arranja, improvisa e experiencia materiais sonoros e musicais com estilos, géneros, formas e tecnologias diferenciadas. Utiliza a audição, imaginação, conceitos e recursos estruturais diversificados para desenvolver o pensamento musical e a prática artística, aumentando progressivamente o nível de aprofundamento, de complexidade e de sofisticação.

No final do ensino básico, o aluno:

- *Compõe, arranja e apresenta publicamente peças musicais com níveis de complexidade diferentes utilizando técnicas vocais e instrumentais e tecnologias diversificadas;*
- *Improvisa melodias, variações e acompanhamentos utilizando diferentes vozes e instrumentos;*
- *Manipula os sons através de diferentes tecnologias acústicas e eletrónicas;*
- *Grava as suas criações e improvisações musicais;*
- *Investiga processos de criação musical tendo em conta pressupostos, técnicas, estilos, temáticas comunicacionais e estéticas diferenciadas.*

Dada a curta duração da PES (em ambos os ciclos em que foi realizada) não é possível falar de grandes mudanças ao nível dos objetivos previamente apresentados. Os mesmos foram trabalhados dentro das necessidades do projeto “A Escola em Videoclip”.

### 3.4. Culturas musicais nos contextos

O quarto parâmetro estudado na investigação-ação - Saber Ser/Estar (Educação para a cidadania) -, surge no âmbito do organizador Culturas musicais nos contextos, o aluno desenvolve o conhecimento e a compreensão da música como construção social e como cultura.

No final do ensino básico, o aluno:

- *Compreende a música como construção social e como cultura em diferentes períodos históricos e contextos diversificados;*
- *Reconhece os diferentes tipos de funções que a música desempenha nas comunidades;*

- *Compreende e valoriza o fenómeno musical como património, fator identitário e de desenvolvimento social, económico e cultural;*
- *Compreende as diferentes relações e interdependências entre a música, as outras artes e áreas do conhecimento;*
- *Investiga os modos como as sociedades contemporâneas se relacionam com a música.*

Tal como nos outros organizadores apresentados (em 3.1, 3.2 e 3.3), foi possível trabalhar as “Culturas musicais nos contextos” através do projeto implementado, procurando-se que os alunos compreendessem, na globalidade, as ideias defendidas nos objetivos previamente apresentados. Entendendo a música como fenómeno social, poder-se-á transpor alguns aspetos relativos à cidadania para o contexto de sala de aula como: a abertura do aluno perante a novidade, o respeito pela opinião dos outros, o sentido de oportunidade, o espírito de cooperação e de entreaajuda, o esforço, o empenho, a assiduidade e a pontualidade.

O terceiro parâmetro em estudo na investigação realizada na PES (Saber - Compreensão e Expressão em Língua Portuguesa) surge na investigação (e avaliação) dos alunos, dado o teor pluridisciplinar que apresenta. É tida em conta e valorizada a relação da disciplina de Música com a Língua Portuguesa, sendo-o, indiretamente, com outras disciplinas. Isto possibilita a perceção da posição da música no currículo.

#### **4. Composição e produção musical com o computador**

A evolução acentuada que se deu na área das tecnologias da informação e comunicação que aconteceu nas últimas duas décadas levou a que o computador substituísse os gravadores de cassetes multipista, utilizados sobretudo ao nível dos estúdios musicais caseiros. Para além da gravação, foram surgindo, ao longo dos últimos anos, aplicações poderosas que permitem criar êxitos de diversos estilos como acid jazz, tecno ou hip-hop utilizando apenas o teclado e o rato do computador.

Carvalho (2003) refere que o poder que a tecnologia adquiriu nos últimos anos, levou a que a música nos computadores deixasse de ser de uso exclusivo de programadores e utilizadores avançados. É possível atualmente a qualquer amador criar como os profissionais, com ferramentas similares, com funcionalidades do mesmo tipo e com qualidade suficiente para a gravação e edição dos trabalhos produzidos.

O autor referido previamente afirma que as vantagens que o computador traz ao

estúdio musical são acompanhadas de uma grande dose de complexidade. Existem inúmeras opções de configuração e otimização do sistema, quer ao nível de *software*<sup>19</sup> e *hardware*<sup>20</sup>, com diferentes relações custo/benefício, devendo-se também ter em conta a velocidade com surgem atualmente inovações ao nível tecnológico.

Torna-se, neste sentido, necessário compreender o potencial de criação do computador visando uma seleção, aquisição e instalação do *hardware* adequadas ao estúdio musical.

O computador deverá ser rápido e silencioso, necessitando de um disco com muito espaço livre. A placa de som deverá ter algumas características como: capacidade para reprodução e gravação simultâneas; entradas balanceadas, Latência inferior a 5 ms; ADC<sup>21</sup> 24 bits/96 khz; misturador digital e disponibilidade de drivers WDM<sup>22</sup> e ASIO<sup>23</sup>.

Apesar das limitações ao nível do processamento, comparativamente ao *desktop*, os computadores portáteis apresentam já “*níveis de desempenho interessantes para a produção musical e como tal constituem uma válida opção*” (Carvalho, 2003:53), apresentando algumas vantagens como a mobilidade e o facto de serem silenciosos e compactos.

Ao nível das aplicações utilizadas, o sequenciador de áudio é o que efetivamente transforma o computador no instrumento principal do estúdio, permitindo o controlo sobre os instrumentos, parâmetros, efeitos e possibilitando a gravação de trechos inteiros sob a forma de eventos MIDI<sup>24</sup>, que podem posteriormente ser ajustados e editados com uma enorme versatilidade e precisão.

Com a introdução de funcionalidades de áudio digital também passou a ser possível lidar com pistas de voz, guitarra acústica, *loops*, sincronizadas com as pistas MIDI. É possível converter (gravar) as pistas MIDI para áudio, uma a uma antes de se passar às fases seguintes do trabalho, mistura e masterização (Carvalho, 2003:53).

Assim, nesta altura é possível, com um computador portátil e um microfone realizar as funcionalidades básicas de um estúdio musical digital.

---

<sup>19</sup> “A definição mais simples para *software* é um segmento de comandos executados, manipulados, redirecionados, modificados ou seguidos gerando a alteração de uma informação (dado) ou evento.” Informação disponível em: <http://www.compfixhd.com.br/software>, acedido a 18 de Dezembro de 2011.

<sup>20</sup> O *Hardware* é a parte física do computador, composta por circuitos, cabos e placas, disco, memórias entre outros. Tudo que é visível estando dentro da caixa do computador. Informação disponível em: [http://www.viagem-do-fazer.com/o-que/o-que+%E9+hardware+/,](http://www.viagem-do-fazer.com/o-que/o-que+%E9+hardware+/) acedido a 18 de Dezembro de 2011.

<sup>21</sup> ADC – *Analog to digital converter* (conversor de analógico para digital).

<sup>22</sup> WDM – *Wavelength division multiplexing* (divisão e multiplexagem do comprimento de onda).

<sup>23</sup> ASIO – *Audio Stream input output* (fluxo de entrada e saída de áudio).

<sup>24</sup> MIDI – *Musical instrument digital interface* (instrumento musical, interface digital).

Num estúdio musical digital são utilizados diferentes programas para funções específicas. Utilizam-se frequentemente um sequenciador, editor de áudio digital, *software* de síntese, editores, efeitos MIDI, ferramentas para geração e edição de *loops*, programas para autoria e gravação de CD, de entre outros. Existe atualmente uma vasta oferta de aplicações para tarefas musicais diferenciadas efetuadas no computador.

Um estúdio, na sua forma mais básica, é constituído por uma placa de som interna do computador em que a saída do sintetizador é ligada à entrada da placa de som e é utilizada a interface MIDI por ela disponibilizada. As colunas amplificadas são ligadas à saída da placa de som; sendo possível desta forma trabalhar numa grande variedade de situações musicais.

## 5. Os media e a escola

Com os avanços tecnológicos que aconteceram nas últimas décadas, tornou-se necessário à escola acompanhar estas transformações e incorporá-las no trabalho pedagógico.

Para Abrantes, a escola é o reflexo do que a rodeia e neste sentido afirma,

Primeiro, trata-se de a escola acolher uma perspetiva educativa aberta a duas pulsões opostas. A reflexão educativa tem de incidir sobre a rua, não esquecendo o planeta; tem de se debruçar sobre o bairro, não ignorando a consciência cósmica; tem de analisar o particular e refletir sobre o geral; tem de pensar sobre o que vemos e ouvimos com os nossos sentidos, mas também sobre o que vemos e ouvimos com a extensão dos nossos sentidos trazida pelos audiovisuais e pelos *media* (1992:15).

Com cada vez maior utilização dos computadores, dos media e dos audiovisuais, entrámos numa nova etapa. De acordo com o autor supracitado assiste-se à revalorização da escrita e da leitura a partir da utilização das novas tecnologias. Por outro lado, tornou-se uma forma de trabalho a integração do saber escrito, oral e visual em produtos multimédia.

A utilização do computador, só começou a ser socialmente maciça nas escolas após a miniaturização ocorrida nos anos 80, acontecendo de forma similar aos media e audiovisuais. Uma câmara de vídeo é atualmente um objeto acessível e, no entanto, há cerca de 30 anos era praticamente um instrumento profissional altamente dispendioso.

Abrantes considera que “*unir a escrita, a leitura, a fala aos audiovisuais e aos media (...) é só uma estratégia de sobrevivência, para voltar a dar alento à escrita, à*

*leitura e à fala a partir de imagens e dos sons vividos pelos jovens de hoje” (1992:28).*

Neste sentido a utilização dos media num contexto pedagógico é uma mais-valia na medida em que se procura munir os alunos de conhecimentos, indo de encontro aos seus gostos e vivências pessoais.

A utilização dos media na sala de aula possibilitam também a produção de materiais. Mas é necessário perceber que por vezes o produto obtido é secundário, devendo dar-se ênfase ao processo, às relações estabelecidas e às interações produzidas pelos intervenientes. É por isto que Abrantes (1992) distingue dois posicionamentos: a produção para obtenção de um produto e a produção para gerir um processo e interações.

A produção é uma tarefa complexa sendo necessárias grande disponibilidade, tempo, persistência, equipamento, espaço, condições humanas e técnicas. É, atendendo a estes fatores, uma tarefa desgastante.

O uso dos media e dos audiovisuais na escola é diferente do seu uso quotidiano na maioria das práticas sociais. Na escola, em que nenhuma atividade ou projeto vale por si mesmo, tem um cunho pedagógico. Assim, a produção de media é bem-sucedida se houver autenticidade e empenho e requiere a criação de soluções que se adaptem aos alunos, aos professores e ao contexto em que a escola está inserida.

A acessibilidade do material de vídeo, a sua maneabilidade e o facto de o produto estar imediatamente disponível fazem com que na escola este seja útil. Quando surgiu neste contexto, o vídeo tornou-se uma forma de inovar nas áreas disciplinares, um utensílio de renovação das práticas pedagógicas, entusiasmando alunos, pais e professores. Na generalidade pode afirmar-se que teve um forte impacto na formação de professores, nas atividades, independentemente do escalão etário do aluno, e na colaboração entre a escola e os pais.

Outra formação que pode basear-se no vídeo é a de desencadear um processo que tenha como finalidade obter um produto. E esse produto pode ser um produto vídeo, em que, no caso da PES descrita no presente relatório, o essencial é o processo, que segundo Abrantes visa

(...) permitir que os alunos em formação tomem consciência da metodologia do trabalho de projeto. O vídeo pode ser um subproduto ou para retratar elementos visuais e sonoros específicos da metodologia ou para ilustrar, naquele caso concreto, o trabalho de projeto efetuado (1992:81).

Surgem neste sentido produções partilhadas com os alunos, em que, umas vezes

os alunos têm papel central e noutras o seu papel é secundário, importando essencialmente que estes tenham consciência de todo o processo até à obtenção do produto final.

## 6. A câmara de vídeo e o vídeo musical

As câmaras de vídeo têm vindo a tornar-se mais compactas, apresentando uma memória interna ou dispositivos de armazenamento que possibilitam o registo de gravações com durações na ordem de algumas horas.

Estas câmaras podem utilizar pilhas, bateria ou alimentação de rede. A maioria dos modelos dispõe de um visor eletrónico que permite acompanhar a gravação e rever as gravações efetuadas. A imagem vista é focada no sensor de imagem através de um circuito integrado do tipo CCD<sup>25</sup>, que converte a luz em sinais eletrónicos. Atualmente as câmaras possuem várias funcionalidades que permitem modificar a imagem e som.

Lewis ao falar da objetiva da câmara de vídeo refere que esta *“possui uma série de folhas metálicas que se fecham sobre si mesmas e controlam a abertura da objetiva, determinando a quantidade de luz que atinge o sensor de imagem”* (1993:16). À semelhança do que acontece com a íris do olho humano, quando existe muita luz, as dimensões da abertura reduzem, sucedendo o inverso com a diminuição da quantidade de luz.

A maioria das câmaras de vídeo oferece a possibilidade de controlar a focagem manualmente ou automaticamente. Independentemente do método utilizado, a nitidez da imagem depende do ajustamento da objetiva aos raios luminosos provenientes do objeto fazendo-os convergir no sensor de imagem da câmara.

A portabilidade e leveza das câmaras atuais possibilitam uma ação mais livre, o que facilita a alteração de ângulos de filmagem de uma forma espontânea. Poder-se-á, sempre que se desejar uma maior suavidade e definição de imagem, utilizar um tripé.

A captação do som resulta dos microfones incorporados para gravação geral. Existem modelos com microfone do tipo multidirecional, que recebem sons de todos os pontos à volta da câmara. Existem outros modelos que recolhem o som proveniente da frente da câmara, denominados unidirecionais.

Na fase de montagem é possível verificar se o som obtido está adequado às

---

<sup>25</sup> CCD - *Charge Coupled Device* (Dispositivo de carga acoplada).

imagens em termos de qualidade. A complexidade da adequação do som à imagem dependerá do sistema de vídeo e do material adicional à disposição. Podem ser utilizados comentários, música, efeitos sonoros ou o som gravado no local.

A qualidade da imagem está dependente de vários fatores que requerem já um estudo aprofundado de princípios de iluminação e das dimensões dos planos (plano de conjunto, geral, médio, grande, e pormenor...).

Lewis (1993) refere que os elementos que se podem adicionar a um vídeo como os títulos, agradecimentos ou legendas acrescentam um toque profissional às produções em vídeo. Estes elementos deverão ser legíveis, atraentes e visíveis possibilitando uma leitura fácil. O tema considerado deverá ser tido em conta na escolha do tipo de letra, fundos e apresentação em geral. Este trabalho pode ser feito no computador utilizando *software* de edição de vídeo.

Atualmente é possível enviar (utilizando cabos *usb*<sup>26</sup> ou outro tipo de interface) a informação gravada numa câmara de vídeo para um computador e neste efetuar o processo de montagem, estando o mesmo apenas condicionado pela quantidade de informação a processar e pela capacidade de processamento do computador. O *software* utilizado é também extremamente importante uma vez que na prática é a parte do computador responsável pelo tratamento da imagem e som. Nestes programas é possível observar previamente o resultado de eventuais montagens, alterar facilmente sequências de planos e realizar trabalho gráfico (como a inclusão de títulos, legendas, créditos e diversos efeitos de imagem e som). É assim possível trabalhar diversos tipos de imagens e sons sincronizando-os da forma desejada de maneira a obter um produto final.

Lewis (1993) define a montagem do vídeo como sendo a seleção de planos específicos e a ordenação da sequência de modo a dar sentido ao material gravado. Neste sentido, dever-se-á filmar prevendo desde início uma montagem posterior. Algumas técnicas utilizadas são ação em paralelo, justaposição, planos divididos, ritmo, montagem, saltos, tensão e choque.

Na criação de um vídeo musical o objetivo principal é utilizar imagens que se adequem às palavras ou ritmo de uma determinada composição. De entre as possibilidades poder-se-á representar o que é dito na canção, criar uma estória própria interpretando a música, utilizar um tema visual relacionado com a música ou filmar imagens estáticas (desenhos ou fotografias).

---

<sup>26</sup> USB – *Universal Serial Bus*. Termo utilizado para designar as portas de saída e entrada de informação em aparelhos informáticos.

A realização de um vídeo musical carece da definição de um plano. O esboço prévio dos planos é um bom ponto de partida, fornecendo uma estrutura para as filmagens. Os pontos de montagem estão dependentes da música, podendo as batidas ser aproveitadas para cortar planos. As frases musicais podem também orientar a passagem de imagens sendo que os cortes rápidos dão bons resultados numa música rápida.

O trabalho de câmara deve ser adaptado ao ambiente musical criando assim um forte efeito visual. É usual a utilização do tema musical previamente gravado a partir do qual os artistas mimam o seu trabalho. É possível também o registo de imagens, com material adicional filmado posteriormente, que poderá ser incluído no produto final.

Dever-se-á ser criativo procurando refletir o conteúdo da música bem como a imagem que o grupo tenta transmitir.

## **7. Implementação do projecto “A Escola em Videoclip”**

Como já foi referido, o facto de a disciplina de educação musical obedecer a um programa flexível, no caso do 1º Ciclo, não se encontrando delineado com base na apreensão calendarizada - por sessões e períodos - de conteúdos como acontece na maioria das disciplinas do 3º Ciclo, possibilita, como foi já referido previamente, a implementação de projetos.

Falar de projeto educativo de escola implica considerar que a escola (cada escola) se assume como uma organização autónoma, com uma lógica de funcionamento própria, característica da sua “circunstância” interna e externa, e que define objetivos e estratégias para o seu próprio desenvolvimento, em termos de poder cumprir cada vez melhor a sua finalidade básica: o sucesso escolar dos alunos (Costa e Curado, 1995:6).

A ideia de projeto educativo de escola pode ser aplicada a uma disciplina e desta forma ir de encontro às necessidades específicas de um grupo de alunos, ou de uma turma.

A autonomia da escola concretiza-se na elaboração de um projeto educativo próprio, constituído e executado de forma participada, dentro dos princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar e de adequação às características e recursos da escola e às solicitações da comunidade escolar em que se insere (Costa e Curado, 1995:12).

Neste sentido, o projeto deve ter o seu ponto de partida no aluno. Atendendo à especificidade de um grupo ou de um aluno, dar-se-á início à planificação de um conjunto de atividades que visam a consecução de determinados objetivos. Leite refere

que “ (...) o projeto pressupõe a visão de um fim. Implica uma previsão de consequências que resultaram da ação que se introduz no impulso inicial” (Leite et. al 1993:15).

Nesta perspetiva, o autor refere também que a formulação de um projeto é uma operação complexa que implica:

- 1º A observação das condições oferecidas pelo meio ambiente;
- 2º O conhecimento do que foi possível produzir no passado em situações semelhantes;
- 3º A avaliação que sintetiza observações e recordações para delas se tirar a significação.

A implementação do projeto “A Escola em Videoclip, na área da música obedece aos pontos previamente apresentados.

## **8. Metodologia da investigação**

### **8.1. Características do estudo**

De acordo com Souza (2001) a pesquisa em educação deve ser encarada, antes de mais como pesquisa em educação. André (2001) fala, a partir de um estudo realizado por Bernadete Gatti, de uma tendência para um pragmatismo imediatista nas investigações realizadas em educação, tanto na escolha dos problemas como na preocupação da aplicabilidade direta dos resultados. Assumindo os pressupostos enunciados previamente fica patente uma preocupação com a aplicação imediata dos resultados de um estudo, na perspetiva de que venha solucionar problemas quotidianos dos espaços educativos.

Torna-se necessário, no entanto, compreender que “ (...) nenhuma conclusão proveniente das pesquisas científicas pode ser convertida em regra imediata da arte de educar” (Tomazzeti, 2003:12).

A pesquisa em educação musical deve manter-se ligada às necessidades decorrentes das práticas sócio educacionais e musicológicas que a sustentam, “ (...) a pesquisa deve ter algum sentido prático” (Souza, 1997:50). Deve, no entanto, evitar-se a resolução de problemas imediatos da prática, que possam conduzir à “produção investigativa com carácter positivista, não avançando no reconhecimento dos processos ideológicos subjacentes à prática” (Bellochio, 2000:41).

Gauthier (1998) comenta a ideologia aplicacionista das pesquisas na escola, destacando que a sala de aula não é um lugar simples. É um espaço complexo e repleto

de variáveis que exigem posturas profissionais próprias e particularizadas, que adverte ao professor prudência e criticidade na utilização dos resultados de pesquisas. Um outro ponto a ressaltar com relação ao que Gauthier (1998) expõe, é o facto de se negar a pertinência da pesquisa, para fechar o ensino no mundo da experiência pessoal; negando-se também a complexidade e a especificidade da ação pedagógica em prejuízo de uma visão aplicacionista dos resultados das pesquisas. É necessário ligar a pesquisa à prática numa perspectiva de abertura.

Considerando que o tema não é novo, a pesquisa em educação musical não está esgotada devido à própria dinâmica que a constitui, ou seja, as relações que emergem da tríade música, homem e educação. Atendendo à pretensão de apresentar uma investigação na área da música, no presente relatório, esta apresenta-se sob a forma de um estudo empírico, dado que o trabalho se desenvolve valorizando a relação de causa-efeito, baseando a pesquisa essencialmente na observação e experiência pessoal (com recurso a outros instrumentos descritos posteriormente).

### **8.1.1. Problema**

No 3º CEB, foi realizada uma aula de observação, seguida de uma conversa com o professor cooperante, a quem apresentei a ideia a desenvolver no PP.

Por observação, neste contexto, entende-se o conjunto de atividades destinadas a obter dados e informações sobre o que se passa no processo de ensino/aprendizagem com a finalidade de, mais tarde, proceder a uma análise do processo numa ou noutra das variáveis em foco (Alarcão e Tavares, 1987:103).

Após a aula de observação e a aplicação de uma entrevista semiestruturada ao professor cooperante, foi possível concluir que o grupo de alunos em estudo apresentava, na generalidade, uma postura pouco entusiástica relativamente à disciplina de música. Estava patente algum desinteresse pelo trabalho realizado nesta área. O próprio professor cooperante parecia algo descrente relativamente ao genuíno interesse dos alunos pela disciplina.

Desta maneira e, em função do que foi realizado no decorrer da PES, era imperativo que a questão inicialmente colocada pudesse, de algum modo obter resposta.

### **8.1.2. Questão de investigação**

Assim apresenta-se de novo a questão elaborada:

*“De que forma é que a implementação de diferentes experiências musicais, nomeadamente a criação do projeto “A Escola em Videoclipe” pode ter impacto na maior ou menor participação dos alunos, nas aulas de educação musical?”*

Estando a motivação e desempenho ligados à participação na sala de aula, esta é a questão à qual se pretende responder com a investigação, através do registo da evolução dos alunos em diversos parâmetros, ao longo das aulas planeadas.

### **8.1.3. Objetivos**

Na implementação do projeto “A Escola em Videoclipe” definiram-se como preponderantes os seguintes objetivos:

- Compreender como é possível integrar os alunos num projeto, no âmbito da disciplina de Música, e aferir em que medida o mesmo contribui para um acréscimo da participação dos mesmos;
- Compreender como os alunos recebem e cooperam nas atividades relacionadas com o projeto musical, ligado ao projeto pedagógico;
- Compreender se as atividades propostas, no âmbito do projeto “A Escola em Videoclipe”, possibilitam a aquisição de conhecimentos sobre os conteúdos programáticos (ritmo, melodia, harmonia);
- Compreender se a mostra do videoclipe constitui uma forma de valorização da produção musical.

Relativamente à questão de investigação, pretende-se para além de perceber em que medida a implementação do projeto “A Escola em Videoclipe” influencia a participação e desempenho dos alunos, entender em que medida os resultados deste projeto são transferíveis para outros contextos.

## **8.2. Método de Investigação**

### **8.2.1. Escolha do Método**

Neste âmbito da questão de investigação levantada inicialmente e mediante as condições da Prática de Ensino Supervisionada, poder-se-á considerar esta investigação como pontual, na medida em que se procura “ (...) *confrontar as primeiras observações da situação com o quadro de referência teórico, a fim de compreender melhor aquela situação*” (Ketele e Roegiers, 1993:214).

De notar que numa investigação em educação o investigador

(...) insiste na necessidade de uma dupla observação: o meio ambiente sob o ângulo “objetivo” e o ângulo “subjetivo”. Por outro lado, destaca diferentes dimensões a ter em consideração: os objetivos, os valores, os modos de organização e de tomada de decisão, os modos racionais, o ambiente físico” (op cit., 1993:213).

Poder-se-á referir que, de acordo com Ketele e Roegiers, atendendo a que o investigador assume, nesta investigação, também o papel de docente, a transferibilidade dos resultados em termos de amostra-população, transcultural, transsituacional, e transtemporal, é de alguma forma comprometida, uma vez que para além da investigação existe um contexto pedagógico no qual se centra o desenvolvimento do projeto. Poder-se-á, no entanto, afirmar que os resultados obtidos são, em certa medida, generalizáveis.

Epistemologiza-se a observação através de um olhar reflexivo sobre o processo de conhecimento investido. As aquisições metodológicas, utensílios para analisar um procedimento, constituem em si mesmos conhecimentos consideráveis que permitem a todos um prosseguimento ulterior da sua própria formação, para lá da situação de formação instituída (Kohn, 1982, cit. in Ketele e Roegiers, 1993:219).

Assim, esta investigação traduz-se também numa importante ferramenta de formação pessoal.

### **8.2.2. Investigação-ação**

O movimento da investigação-ação é uma tentativa bastante recente de formalização de uma investigação que se pretende explicitamente “comprometida”, por oposição a uma investigação que pretende ser, tanto quanto possível, “independente”, “não reativa”, “objetiva” (Ketele e Roegiers, 1993:114).

A autora afirma uma dificuldade de racionalização da investigação-ação, em virtude de alguns fatores como a neutralidade, a politização, as diferenças ideológicas, o conservadorismo contra progressismo, investigação instituída contra investigação criativa serem uma constante no contexto de investigação. Para Elliot “(...) *a investigação-ação em meio escolar toma como campo de investigação as ações humanas e as situações que são percebidas pelos professores como: inaceitáveis sob certos aspetos; suscetíveis de mudança; exigindo uma resposta prática*” (cit. in Ketele e Roegiers, 1993:114).

Nesta perspetiva a investigação-ação procura possibilitar ao professor a compreensão do seu problema, adotando este uma posição exploratória.

Segundo Denscombe (1999), na investigação-ação, torna-se necessário refletir sobre as práticas, mas também utilizar técnicas de investigação que suportem e sistematizem essa reflexão.

Isto implica o uso de técnicas, como manter um diário, recolha de documentos relativos a situações, uso de questionários abertos ou fechados, entrevistas de variada índole, gravações áudio e vídeo, registos de encontros.

Cohen e Manion (1994) referem a necessidade de uma monitorização constante das diversas fases da investigação através de vários mecanismos (entrevistas, estudos de caso, questionários, diários, etc.). Uma observação exigente permite efetuar os reajustamentos ou mudanças de direção necessárias.

Lessard-Hébert (1996) defende a realização de diferentes momentos de avaliação possibilitando a análise e comparação de informações recolhidas antes (pré-teste) e depois (pós-teste) da implementação de uma ação. É possível efetuar uma avaliação apenas depois da intervenção na impossibilidade ou inviabilidade da aplicação de um pré-teste.

Dado que a investigação-ação examina uma situação a partir do ponto de vista dos participantes, esta descreverá e explicará o que acontece na situação utilizando a linguagem dos participantes (linguagem da vida quotidiana e não linguagem técnica) (Ketele e Roegiers, 1993:115).

A investigação-ação no campo da educação encontra-se orientada para a prática educativa. No seu âmbito, parte do princípio de que é possível conciliar num percurso análogo a investigação e a ação. Cohen et al (2004) definem-na como uma intervenção efetuada num contexto real, sujeita a uma análise sobre os efeitos dessa intervenção. Kemmis e McTaggart (1988) referem que a investigação-ação é planeamento, ação, observação e reflexão cuidadosa, mais sistemática e rigorosa, relativamente a uma postura homóloga na vida diária.

De uma forma generalista, pode referir-se como uma proposta de transformação da realidade, favorecendo a mudança social e possibilitando que os participantes se apercebam da sua função nessa transformação.

### 8.2.3. Etapas/Fases

Segundo Ketele e Roegiers (1993), existem seis grandes fases de trabalho numa investigação:

- *A definição da problemática de partida;*
- *A definição de uma hipótese condutora da investigação, ou de objetivos que devem permitir a tomada de decisão;*
- *A elaboração de um utensílio de recolha de dados pertinente, válido e fiável;*
- *A constituição de uma base de dados e sua validação, ou seja, a verificação da sua pertinência, a sua validade e a sua fiabilidade;*
- *A preparação de um procedimento para o tratamento da informação e a sua justificação em termos de pertinência, de validade e de fiabilidade;*
- *A formulação das conclusões e a sua comunicação de modo pertinente, válido e fiável (1993:205).*

Apesar das diferentes abordagens possíveis, existem traços essenciais que caracterizam a investigação ação. Está relacionada com um problema, a intervenção é situada no contexto, sendo realizada pelos intervenientes na ação. O objetivo primordial é fomentar uma mudança. Engloba um trajeto que valoriza o binómio reflexão/ação, de uma forma sistemática e contínua.

Cohen, Manion e Morrison (2004) apresentam 8 etapas para um processo de investigação-ação:

- 1) *Identificação, avaliação e formulação do problema percebido como crítico numa situação quotidiana de ensino;*
- 2) *Discussões e negociações preliminares entre as partes interessadas por forma a estabelecer uma proposta;*
- 3) *Revisão da literatura incidindo sobre estudos similares, em termos de objetivos, procedimentos e problemas encontrados;*
- 4) *Redefinição da formulação inicial do problema;*
- 5) *Explicação das mudanças pretendidas;*
- 6) *Seleção de procedimentos de investigação;*
- 7) *Escolha dos procedimentos de avaliação a ser usados;*
- 8) *Implementação do projeto;*
- 9) *Interpretação de dados e avaliação do projeto; os resultados são discutidos de*

*acordo com os critérios de avaliação anteriormente apresentados.*

De acordo com Kuhne e Quigley (1997), a investigação-ação caracteriza-se por ser um processo cíclico, envolvendo três fases.

Na fase de planificação procede-se à definição do problema, do projeto e ao processo de medição.

Na fase de ação é implementado o projeto e efetuada a observação.

Na última fase, de reflexão, realiza-se a avaliação. Caso o problema não tenha sido solucionado, proceder-se-á a um novo ciclo.

Para o presente estudo foi definida, após a aula de observação, a problemática de partida. Definiu-se a hipótese condutora da investigação e os objetivos a atingir. Foram elaborados utensílios de recolha de dados considerados pertinentes, válidos e fiáveis (questionários, grelha de observação e ficha de avaliação). Implementou-se o projeto, tendo sido simultaneamente preparado o procedimento para o tratamento da informação.

Foram finalmente formuladas as conclusões.

### **8.3. Contexto da pesquisa**

A investigação teve lugar na escola sede do Agrupamento de Escolas Augusto Moreno de Bragança, a Escola 2,3 Augusto Moreno.

O projeto foi desenvolvido nesta escola devido ao facto de eu me encontrar a efetuar um estágio no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, inserida no Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico. Todo o trabalho foi realizado no âmbito das aulas de Música e integrado no módulo “Música e Multimédia”, com o segundo turno de uma turma de 8ºano, tendo sido desenvolvido entre os dias 19 de Novembro de 2009 e 3 de Fevereiro de 2010.

#### **8.3.1. Alunos participantes**

O estudo é feito no 2º turno de uma turma do 8ºano da Escola Básica 2,3 Augusto Moreno, sendo que o 1º turno se encontra, à mesma hora, na unidade curricular de Educação Visual e Tecnológica.

O grupo de estudo é constituído por 6 alunos tendo a sua caracterização sido feita no ponto 1.2.4 da primeira parte deste relatório.

### **8.3.2. Professores participantes**

O projeto/investigação contou com a colaboração direta do orientador cooperante do Estágio Profissional.

### **8.3.3. Entidades colaboradoras**

Tratando-se de um projeto eminentemente centrado nos alunos, a generalidade do trabalho foi desenvolvida sem necessidade a recursos humanos externos à escola. De referir, no entanto, a colaboração do Conselho Executivo e Conselho Pedagógico da Escola E.B. 2,3 Augusto Moreno, onde o projeto foi desenvolvido.

### **8.3.4. Recursos materiais**

No decorrer da investigação e implementação do projeto “A escola em Videoclipe”, alguns dos recursos materiais utilizados foram fornecidos por mim, nomeadamente:

- Computador;
- 2 Microfones;
- 2 Cabos para microfone;
- Interface de áudio.
- Máquina fotográfica;
- Máquina de filmar;
- Veículo de passageiros de 9 lugares;
- Fichas de trabalho;
- Questionários;
- Fichas de avaliação.

Dos recursos pertencentes à escola foram utilizados:

- Projetor Multimédia;
- 5 Cavaquinhos;
- 1 Guitarra acústica;
- Instrumental Orff;

### **8.3.5. Função do investigador**

Após ter sido delineado o projeto, o mesmo foi apresentado ao orientador cooperante. Foi discutida a calendarização das atividades e apresentado o projeto “A Escola em Videoclipe” ao conselho executivo, tendo os representantes da escola pedido que no final da realização da PES lhes fosse entregue uma cópia do Videoclip.

Procurou-se criar uma realidade onde todos os sujeitos envolvidos fossem ativos e críticos, induzindo em todos uma investigação da sua própria realidade.

O investigador assume, após a apresentação deste projeto, o papel de gestor e concomitantemente, de observador participante, estando desta forma em permanente contacto com as necessidades dos alunos e controlando simultaneamente a aplicação do projeto.

### **8.3.6. Procedimentos éticos**

Valorizando sempre as questões éticas, foram efetuados todos os pedidos, e recolhidas as autorizações, junto de pais e conselho executivo, para a apresentação de um trabalho fidedigno.

O projeto foi apresentado a todos os colaboradores e intervenientes no processo já anteriormente referido, bem como ao Conselho Executivo da Escola para a aplicação dos questionários aos alunos.

Relativamente à recolha de imagens e sons na escola, o Conselho Executivo entendeu autorizar a realização das mesmas sem necessidade de informação escrita.

Na realização do presente relatório optou-se por respeitar o anonimato dos alunos e professores participantes.

## **8.4. Dados da investigação**

### **8.4.1. Recolha de dados**

A recolha de informações pode, desde já, ser definida como o processo organizado posto em prática para obter informações junto de múltiplas fontes, com o fim de passar de um nível de conhecimento para outro nível de conhecimento ou de representação de uma dada situação, no quadro de uma ação deliberada cujos objetivos foram claramente definidos e que dá garantias de validade suficientes (Ketele e Roegiers, 1993:17).

Atendendo a que a prática pedagógica foi desenvolvida ao longo de 10 sessões, a

primeira sessão foi dedicada à observação e à recolha de informações que permitissem definir a situação problemática a investigar.

A observação direta foi um dos métodos utilizados quer na fase inicial, quer durante o desenvolvimento do projeto.

O investigador falará de observação por oposição ao processo de experimentação. Para ele, a observação será a fase exploratória que desemboca na emissão de uma hipótese, no quadro de uma investigação experimental. (...) No sentido lato, a observação será o resultado codificado do ato de observar seguido do ato de interpretar, o que pressupõe, para o especialista ou para o investigador, a referência a um quadro teórico (referencial) (Ketele e Roegiers, 1993:26).

Conforme defendido pelos autores supracitados a observação é o fator que desencadeia a investigação uma vez que origina uma hipótese sobre a qual o processo de investigação se desenvolve.

Ketele e Roegiers (1993) sugerem, como forma alternativa de recolha de informações, a existência de vários tipos de questionários, que se podem agrupar em dois tipos: questionários de verificação de conhecimentos e questionários de inquérito.

No sentido de uma perspetiva diferente foram também utilizados os seguintes instrumentos: questionário de verificação de conhecimentos (ficha de avaliação) e questionário aberto na fase final do projeto procurando perceber a opinião dos alunos relativamente ao projeto. Foi aplicado um questionário aberto, no final da investigação, constituindo, á semelhança do defendido por Ketele e Roegiers (1993), uma forma de compreender a evolução de diferentes parâmetros ao longo dos cerca de 4 meses de duração da PES.

Um questionário pode ser utilizado para fins de estudo longitudinal, como por exemplo o conjunto das interrogações de um ano escolar, para avaliar os progressos realizados por um aluno, é também o caso de questionários em que se tenta compreender a evolução de diferentes parâmetros no tempo, como a utilização de um conhecimento obtido numa formação passados 3 meses, 6 meses e 1 ano (Ketele e Roegiers, 1993:200).

Para Ketele e Roegiers “ (...) a validade é o grau de adequação entre o que se pretende fazer (avaliar ou recolher informação) e o que se faz realmente” (1993:81). Representa, portanto, a diferença entre os objetivos pré definidos e os atingidos. No caso da investigação em educação a validade acarreta algum grau de subjetividade.

O autor refere que “ (...) é o caso, por exemplo, da auditoria, da investigação especulativa, da investigação-ação (...), nas quais seria contrário ao próprio espírito da intervenção ter um utensílio inteiramente determinado antecipadamente” (Ketele e

Roegiers, 1993:230).

A recolha de informações é então feita de maneira aberta no trabalho que elaborei. Para Ketele e Roegiers (1993) a validação está centrada na informação resultante da recolha de informações, sendo que, nestas investigações, uma informação é válida quando reflete a realidade. Por este motivo foram utilizadas várias fontes neste trabalho.

Ketele e Roegiers (1993) fazem referência a Tukey que, em 1960, proclamava a distinção entre dois tipos de investigações: “ (...) *as investigações orientadas para as conclusões e as orientadas para as decisões (Conclusions vs Decisions, Technometrics, 1960, vol. 2, 423-433)* ” (1993:122).

Procurei nesta investigação fazer uso de diversos utensílios, visando a recolha da maior quantidade possível de informação, dado o curto período em que a referida investigação aconteceu.

Ketele e Roegiers fazem referência à utilização de utensílios conceptuais, ou até não estruturados. Como no “*caso de uma recolha de informações na fase indutiva de uma investigação, de uma entrevista livre, ou mesmo de certas formas de entrevistas semidirigidas nas quais o investigador se limita a ter na cabeça algumas perguntas referenciais*” (1993:206).

Posso, resumidamente, dizer que na realização deste estudo, os dados resultam da análise de questionários (aberto e fechado), da observação do comportamento e desempenho dos alunos (registado em grelhas de avaliação), da observação direta e participante e da ficha de avaliação.

O plano de recolha de dados foi resumido na tabela 4.

Tabela 4: Plano de recolha de dados.

|  |   |
|--|---|
| <p><b>1ª Fase – Diagnóstico</b><br/>(Antes da implementação do Projeto Pedagógico)</p> | <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Observação direta não participante</b><br/>(1 sessão a 19/11/2009)</li><li>• <b>Aplicação de questionários</b><br/>(1 sessão a 26/11/2009)<br/>(Pré-teste)</li></ul>                           |
| <p><b>2ª Fase - Intervenção</b><br/>(Implementação do Projeto Pedagógico)</p>          | <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Observação direta participante</b></li><li>• <b>Notas do investigador</b></li><li>• <b>Grelhas de avaliação</b><br/>(6 sessões de 03/12/09 a 21/01/10)<br/>(Desenvolvimento da ação)</li></ul> |

|  |   |
|--|---|
| <b>3ª Fase – Avaliação</b><br><br>(Após a implementação do Projeto Pedagógico) | <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Aplicação de questionário aberto</b><br/>(28/01/2010)</li><li>• <b>Ficha de avaliação de conhecimentos</b><br/>(03/02/2010)</li><li>• <b>Registo de comentários</b><br/>(03/02/2010)<br/>(Pós-teste)</li></ul> |
|--|---|

Fonte: Construída pelo autor.

## 8.5. Apresentação e análise de dados

Tratando-se de uma amostra muito reduzida a transferibilidade dos resultados obtidos fica inevitavelmente comprometida. Não obstante, parece pertinente a análise dos dados relativos às diferentes fases da investigação, no sentido de perceber a viabilidade dos projetos e, objetivamente, do projeto “A Escola em Videoclipe”.

### 8.5.1. Fase de diagnóstico

Nesta fase, que coincide com a aula de observação, foi feita a aplicação de um inquérito de caracterização do grupo (Anexo 13: Modelo do inquérito preenchido pelos alunos na primeira aula da PES, no 3º CEB) cujas respostas se encontram no Quadro 1, previamente apresentado, possibilitando a tomada de consciência da situação global do aluno em termos familiares, socioeconómicos e percebendo algumas das suas atividades e disciplinas preferidas. No final da mesma aula foi realizada uma entrevista semiestruturada com o professor cooperante procurando aferir a sua opinião relativamente à implementação do projeto. Foram cedidas algumas informações relativamente às características do grupo na aula de Música, o que motivou a implementação do projeto.

### 8.5.2. Fase de intervenção

Nesta fase, foram implementadas as atividades relacionadas com o projeto “A Escola em Videoclipe”, sendo, concomitantemente, em cada sessão efetuados registos individuais, numa grelha de observação (Anexo 20: Resumo das grelhas de observação), das prestações dos alunos atendendo aos quatro saberes apresentados na tabela 5.

Tabela 5: Aspetos em análise na grelha de avaliação.

| <b>Saber</b><br><i>(Perceção Sonora e Musical)</i>   | <b>Saber Fazer</b><br><i>(Interpretação e Comunicação / Criação e Experimentação)</i>  | <b>Saber</b><br><i>(compreensão e expressão em Língua Portuguesa)</i>   | <b>Saber Ser/ Estar</b><br><i>(Educação para a cidadania)</i>  |
|--|--|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identifica auditivamente características musicais ao nível do Timbre, Ritmo, Dinâmica, Altura, Andamento e Forma;</li> <li>• Compreende diferentes códigos e convenções que constituem o vocabulário musical, através da audição, do movimento e da prática instrumental;</li> <li>• Conhece diferentes culturas musicais nos contextos socioculturais e históricos.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Utiliza e apropria-se de formas diferenciadas de notação musical;</li> <li>• Compõe pequenas peças musicais a partir de elementos pré-definidos;</li> <li>• Desenvolve a musicalidade e o controlo técnico-artístico através do estudo e da apresentação individual ou em grupo de diferentes peças musicais para voz, para instrumentos ou para estas duas formações.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreende e expressa-se corretamente em Língua Portuguesa na forma oral e escrita.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Revela abertura perante a novidade, respeito pela opinião dos outros, sentido de oportunidade, espírito de cooperação e de entreatajuda;</li> <li>• Esforça-se e empenha-se;</li> <li>• É assíduo e pontual.</li> </ul> |

Fonte: Construído pelo autor.

A avaliação dos quatro saberes referidos previamente é feita numa escala de numérica de 1 a 5. Tratando-se de um estudo eminentemente qualitativo, esta escala terá equivalência nos comportamentos evidenciados e registados na grelha de observação. Assim, a não evidência de comportamentos corresponde ao nível um e uma excelente evidência do saber em questão corresponde ao nível cinco (Anexo 24: Tabelas com os parâmetros avaliados relativamente a cada um dos quatro saberes observados).

Apresentam-se seguidamente seis gráficos de linhas, nos quais é possível verificar os valores obtidos por cada aluno nos quatro saberes<sup>27</sup> ao longo das oito sessões.

<sup>27</sup> SA - Saber (Perceção Sonora e Musical); SB- Comunicação / Criação e Experimentação); SC- Saber (compreensão e expressão em Língua Portuguesa); SD - Saber Ser/ Estar (Educação para a cidadania)

### Avaliação do aluno 1

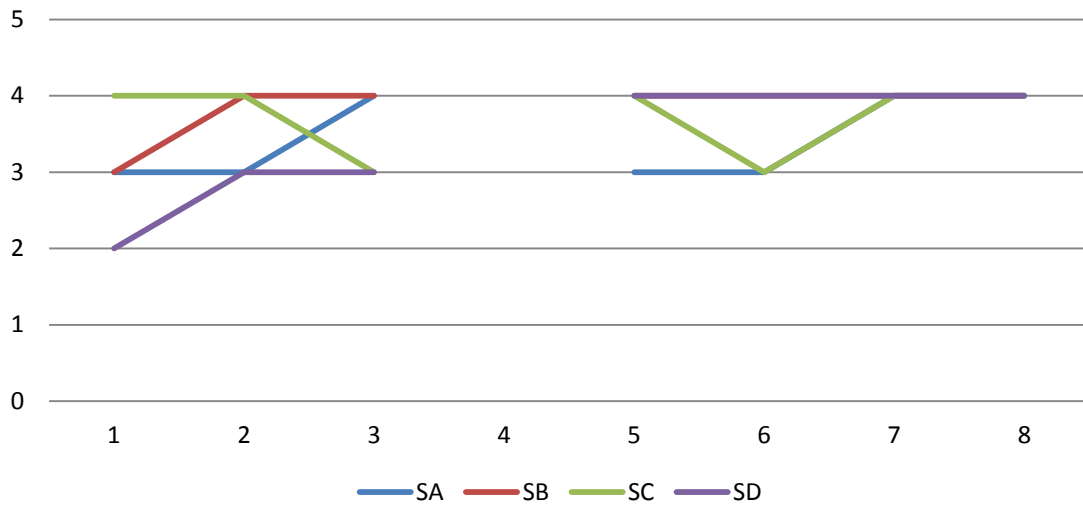


Gráfico 5: Avaliação do desempenho do aluno 1 aos quatro saberes observados.

É verificável, relativamente ao aluno 1, uma tendência de subida relativamente ao Saber Ser/Estar e alguma irregularidade relativamente ao Saber (Língua Materna). O aluno em questão faltou à 4 sessão.

### Avaliação do aluno 2

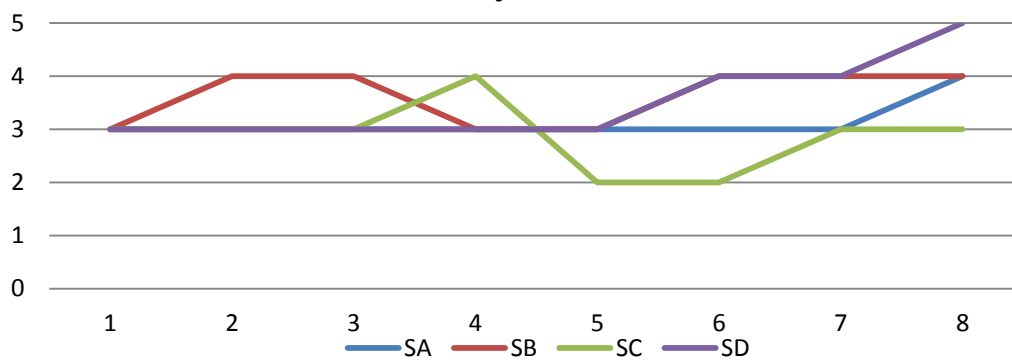


Gráfico 6: Avaliação do desempenho do aluno 2 aos quatro saberes observados.

O aluno 2 mostrou um desempenho irregular no Saber relativo à compreensão e expressão, com um crescendo ao longo das 8 sessões no Saber Ser/Estar. O Saber relacionado com a perceção Sonora e Musical melhora na parte final do projeto.

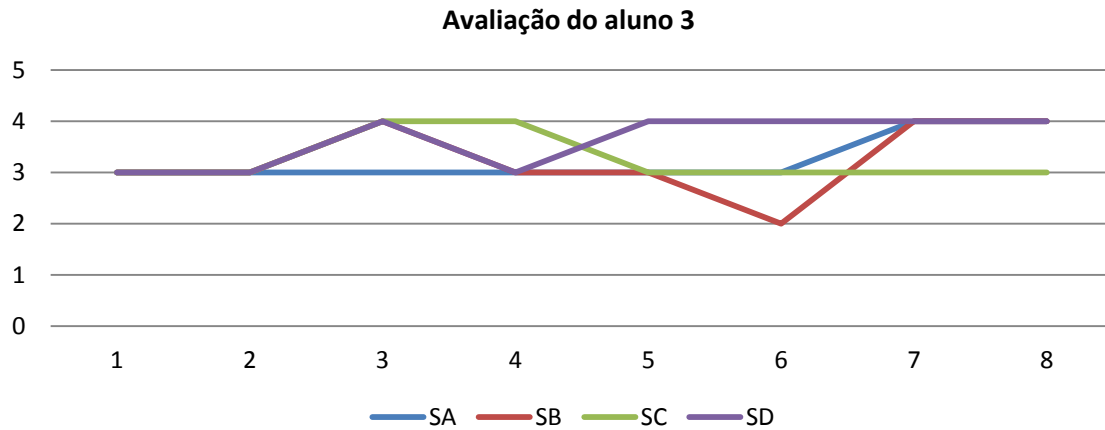


Gráfico 7: Avaliação do desempenho do aluno 3 aos quatro saberes observados

De destacar no caso deste aluno a descida para o nível 2 no Saber/Fazer (interpretação) com uma melhoria substancial nas duas sessões finais.

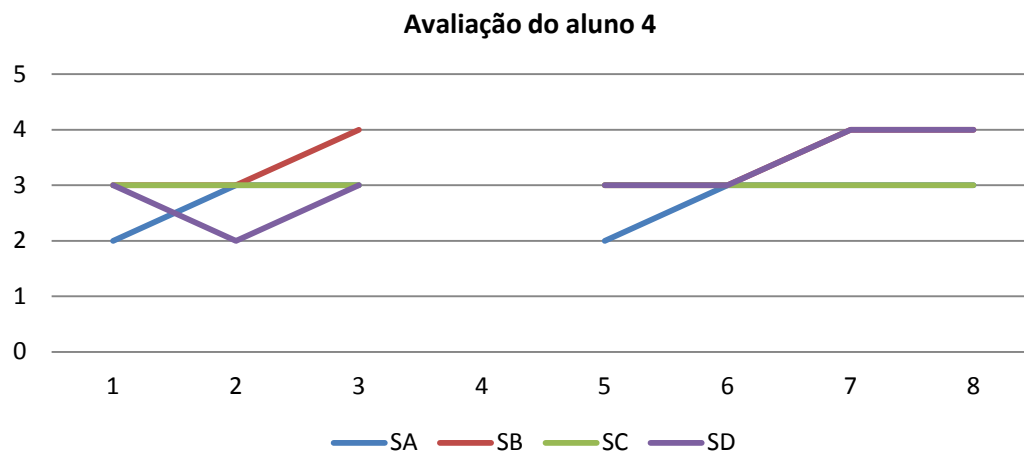


Gráfico 8: Avaliação do desempenho do aluno 4 aos quatro saberes observados.

O aluno 4 esteve ausente na quarta sessão, à semelhança do aluno 1, tendo registado regularidade ao nível da Compreensão e Expressão, uma subida ao nível do Saber Ser/Estar a partir da segunda sessão.

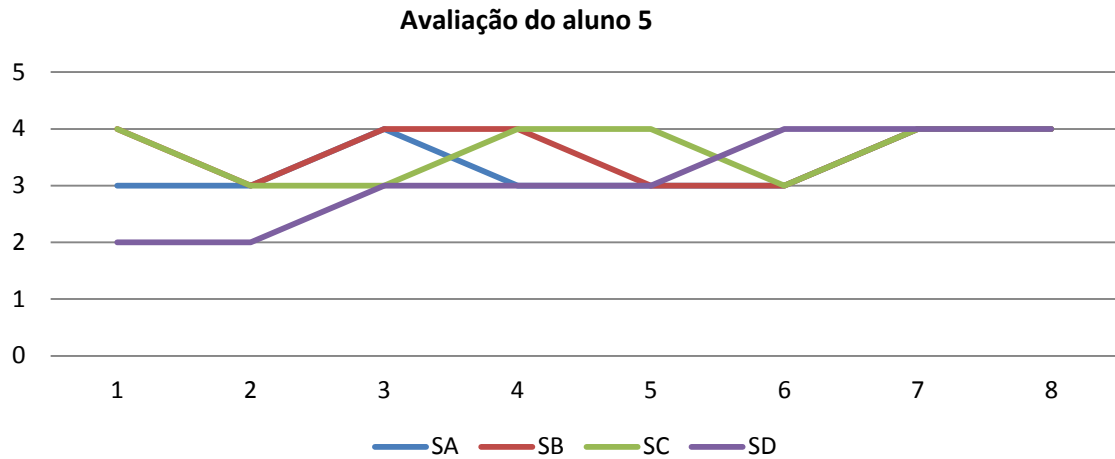


Gráfico 9: Avaliação do desempenho do aluno 5 aos quatro saberes observados.

Aluno revela uma variação entre os valores 3 e 4 para os SA, SB e SC, registando-se uma subida ao longo das sessões para o Saber Ser/Estar.

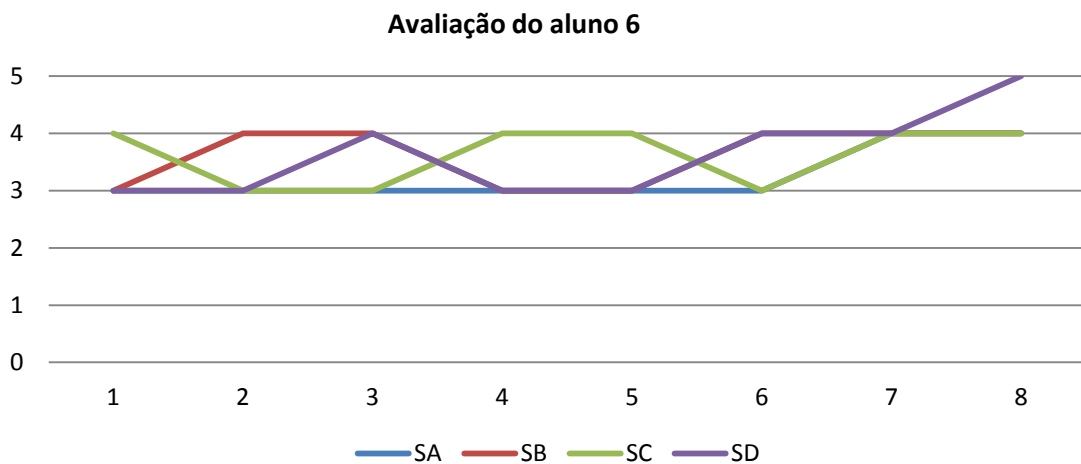


Gráfico 10: Avaliação do desempenho do aluno 6 aos quatro saberes observados.

O aluno 6 registou uma oscilação entre os valores 3 e 4 para todos os saberes verificando-se uma ligeira subida em termos globais depois da sexta sessão.

### Avaliação do Saber (musical), por aluno e por sessão

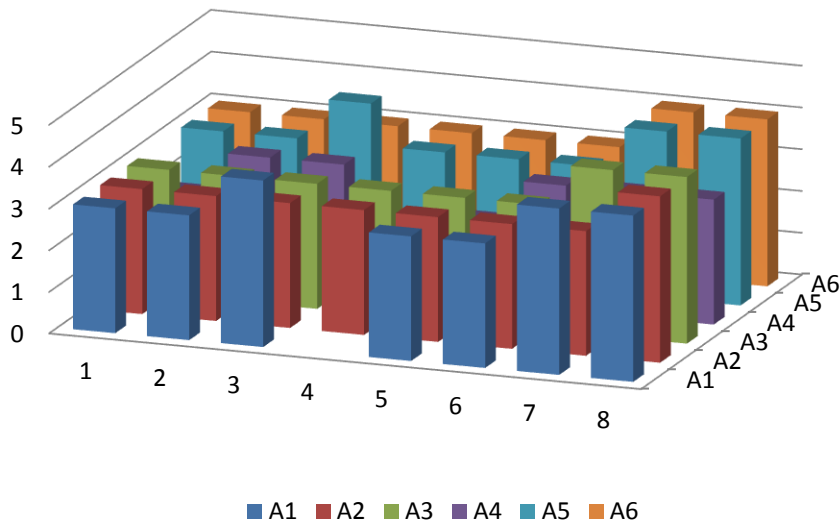


Gráfico 11: Avaliação do Saber (musical), por aluno e por sessão.

Tendo em conta o Saber (musical) representado no gráfico 11, é possível verificar que os valores mais altos são atingidos na parte final do projeto, nomeadamente nas sessões 7 e 8.

### Avaliação do Saber Fazer, por aluno e por sessão

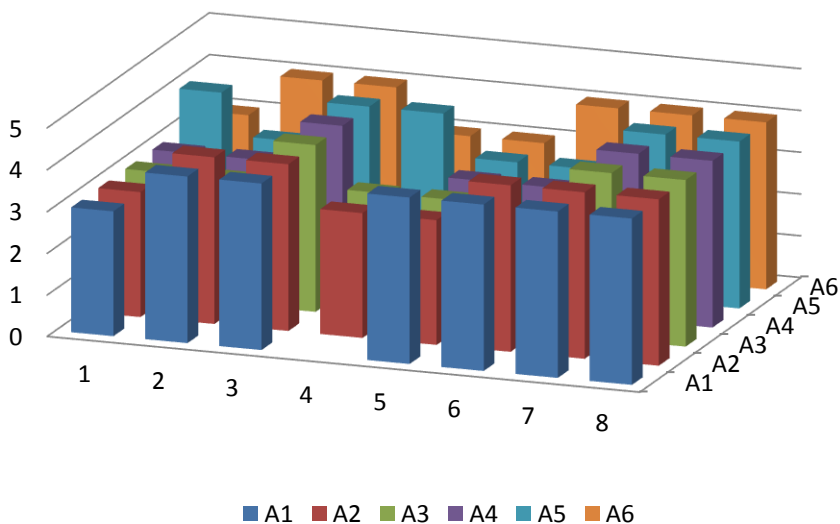


Gráfico 12: Avaliação do Saber Fazer, por aluno e por sessão.

Ao nível do Saber Fazer, o gráfico 12 mostra valores mais altos depois da sexta sessão, verificando-se valores similares na terceira sessão. Existe uma descida na quarta sessão que coincide com a ausência de dois dos seis alunos do grupo.

### Avaliação do Saber (compreensão), por aluno e por sessão

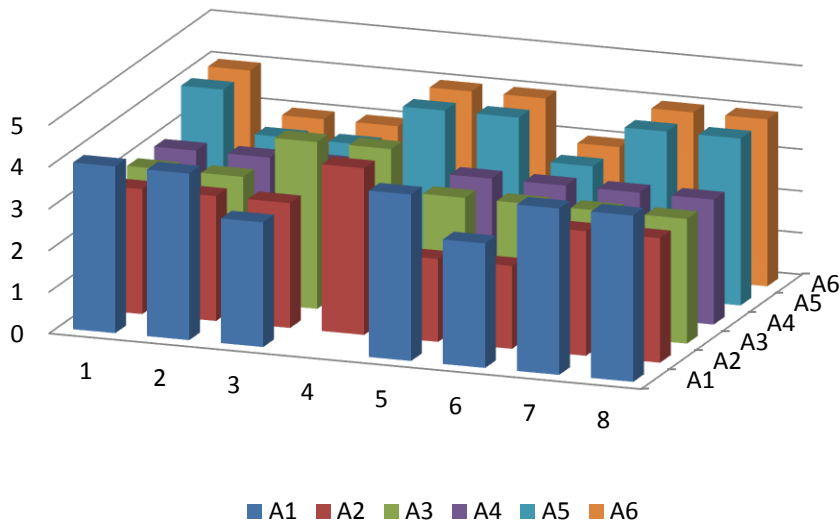


Gráfico 13: Avaliação do Saber (compreensão), por aluno e por sessão.

O gráfico 13 mostra alguma disparidade relativamente aos valores do Saber “Compreensão” que poderá estar relacionada com a dificuldade que alguns alunos foram sentindo ao longo do projeto, à medida que eram realizadas atividades de variadas índoles, que careciam de pré-requisitos distintos. Estes sentir-se-iam mais preparados para a realização de determinadas tarefas.

### Avaliação Saber Ser/Estar, por aluno e por sessão

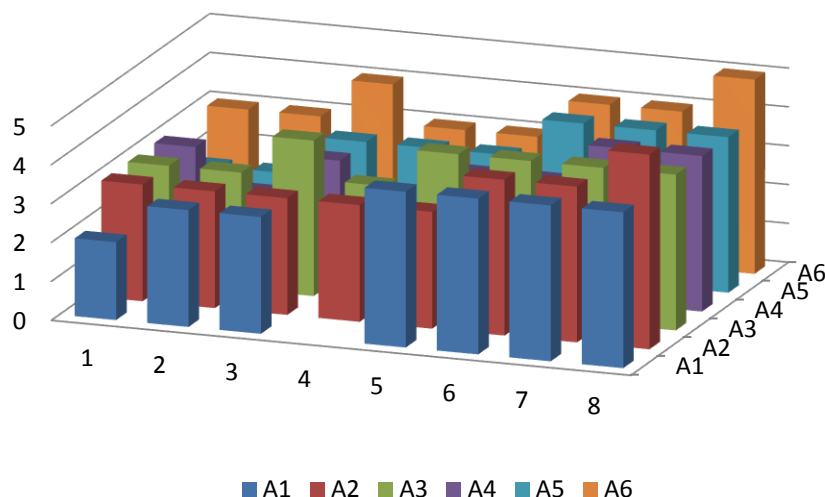


Gráfico 14: Avaliação do Saber Ser/ Estar, por aluno e por sessão.

O Saber Ser/Estar, representado no gráfico 14 mostra um aumento gradual ao longo das sessões. Denota-se um envolvimento crescente dos alunos nas atividades

desenvolvidas.

### 8.5.3. Fase de Avaliação

A seguir apresentam-se os resultados obtidos na grelha de observação, ao nível do grupo, tendo em conta medidas de tendência central, sendo que, para o estudo em questão, a pertinência do trabalho se centre no valor da moda, que corresponde ao valor mais frequente o que melhor reflete o objetivo geral da avaliação.

|                | <b>Saber</b><br><i>(Perceção Sonora e Musical)</i> | <b>Saber Fazer</b><br><i>(Interpretação e Comunicação / Criação e Experimentação)</i> | <b>Saber</b><br><i>(compreensão e expressão em Língua Portuguesa)</i> | <b>Saber Ser/ Estar</b><br><i>(Educação para a cidadania)</i> |
|----------------|--|---|---|---|
| <b>Média</b>   | 3,175  | 3,525   | 3,4   | 3,3   |
| <b>Moda</b>    | 3  | 4   | 3   | 3   |
| <b>Mediana</b> | 3  | 4   | 3   | 3   |

Quadro 2: Valores obtidos nos aspetos em análise de acordo com as medidas de tendência central.

O grupo demonstrou no início do projeto alguma relutância em participar. Este fator aliado a alguns problemas comportamentais revelados por um aluno condicionou de alguma forma o rendimento geral do grupo. Assim sendo, o grupo poder-se-á considerar razoável, como comprova o valor 3 de moda, obtido (na globalidade) relativamente aos aspetos: Saber (Perceção Sonora e Musical), Fazer (Compreensão e expressão em Língua Portuguesa) e Saber Ser/Estar (Educação para a cidadania); demonstrou um bom aproveitamento relativamente ao Saber fazer (Interpretação e Comunicação/Criação e Experimentação) obtendo um 4 (moda). A vertente prática (prática instrumental e coral) revela ser a vertente mais proveitosa para os alunos, tendo sido esta a essência do projeto. A análise dos dados recolhidos espelha com rigor, na minha opinião, o desempenho dos alunos nos aspetos em questão, ao longo das 9 sessões. De notar que houve um crescendo de envolvimento, demonstrado pelo crescente entusiasmo que os alunos foram demonstrando com o decorrer das aulas e exposição do projeto.

Relativamente à ficha de avaliação, os alunos tiveram um desempenho razoável, existindo uma nota negativa. Apresentam-se os valores obtidos nos gráficos apresentados seguidamente.

**Resultado obtidos na ficha de avaliação  
(em percentagem)**

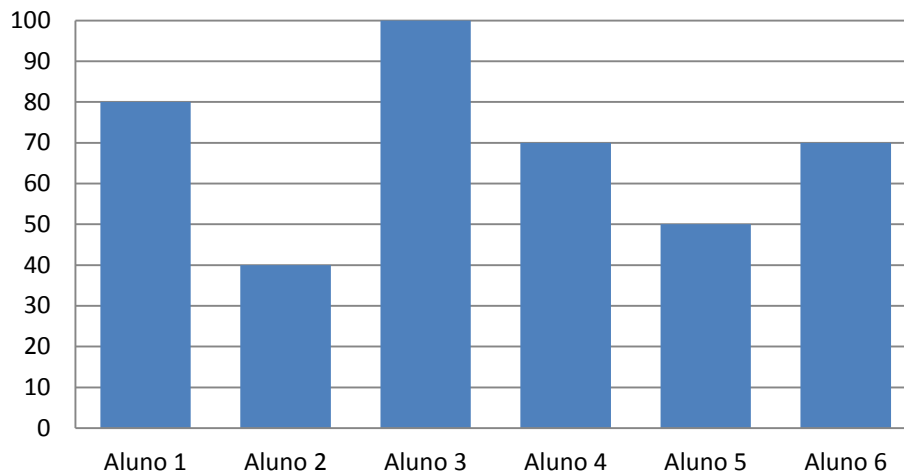


Gráfico 15: Resultados, em percentagem, obtidos pelos alunos do 8ºA na ficha de avaliação.

Tratando-se de um grupo com um número de elementos reduzido, é possível verificar com clareza em que medida os resultados obtidos correspondem às expectativas. Assim, poder-se-á dizer que estes se assemelham, em termos qualitativos, aos obtidos nas grelhas de observação, com exceção do aluno, que devido a alguma precipitação na realização da ficha, acabou por obter um resultado negativo.

Para a investigação em questão foi aplicada a mesma ficha de avaliação (com exceção de duas questões específicas sobre o projeto) a um grupo de nove alunos, do mesmo escalão etário, que não tiveram acesso à participação no projeto. Os resultados obtidos são representados nos gráficos 16 e 17.

### Percentagem de respostas correctas para cada questão

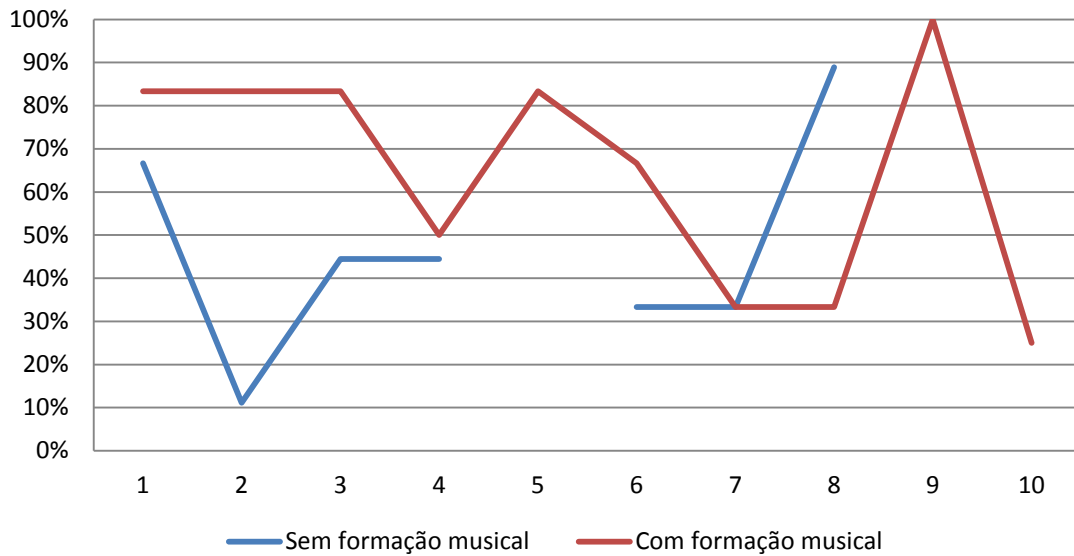


Gráfico 16: Percentagem de respostas correctas para cada questão.

É possível verificar após análise do gráfico 16 que os resultados obtidos pelos alunos que estiveram envolvidos no projeto são, na generalidade das questões, superiores aos dos alunos que não estiveram envolvidos no projeto. Na questão 8, relativa à localização das notas musicais na flauta, os alunos que não participaram no projeto tiveram uma percentagem de assertividade superior.

### Percentagem de respostas correctas por aluno

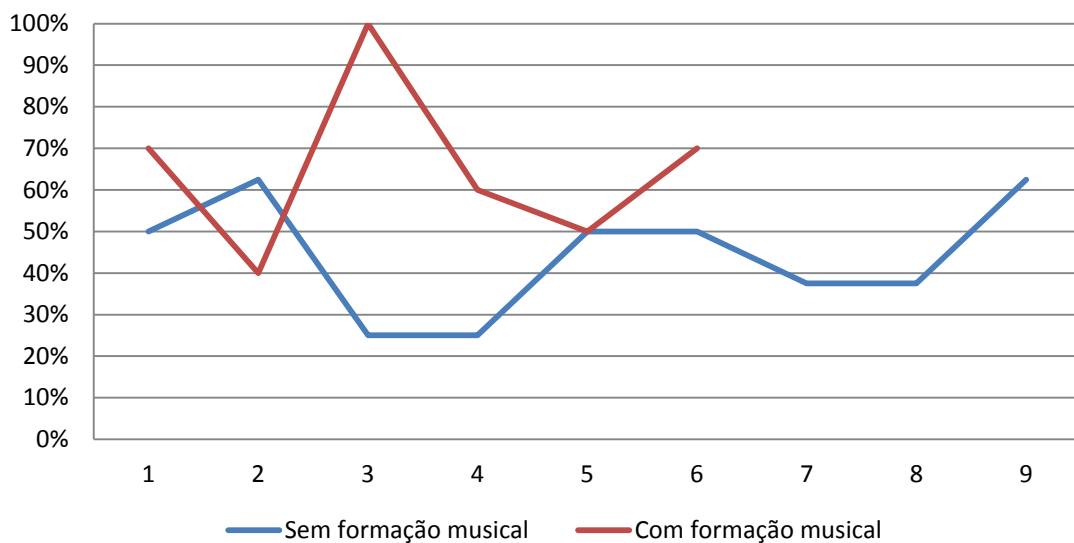


Gráfico 17: Percentagem de respostas correctas por aluno.

O gráfico 17 mostra que, na globalidade, os alunos envolvidos no projeto

tiveram melhores resultados na realização da ficha, com exceção do aluno 2 (representados como “Com formação musical”).

Relativamente ao questionário (Anexo 25: Questionário Aberto) e tratando-se de uma amostra de 6 indivíduos, apresenta-se seguidamente um resumo da informação recolhida em resposta às quatro questões do questionário

As categorias em estudo para cada uma das questões, estão patentes na Tabela 6, apresentando-se a totalidade das respostas obtidas em anexo. (Anexo 26: Respostas dos alunos do 8ºA ao questionário aberto.)

Tabela 6: Categorias relativas a cada questão do questionário.

| <i>Questão</i>  | <i>Categoria</i>                            |
|---|---|
| <i>1. Explica a importância que atribuis à disciplina de educação musical no currículo.</i>           | Importância da disciplina                   |
| <i>2. Comenta de que forma é que a realização do videoclip mudou a tua forma de pensar na música.</i> | Influência do projeto na perceção da música |
| <i>2. Como avalias o teu desempenho na realização deste projeto?</i>                                  | Desempenho do aluno                         |
| <i>4. Como achas que deveriam ser as aulas de Educação Musical?</i>                                   | Melhoramentos a implementar                 |

Fonte: Construído pelo autor.

As respostas obtidas à primeira questão, que procurava aferir a importância da disciplina, foram as seguintes:

| <i>Categoria:<br/>Importância da<br/>disciplina</i> | <i>Resposta</i>   | <i>Nº de<br/>Respostas</i> |
|---|---|----------------------------|
| <b>Muito importante</b>                             | E – “É muito importante, porque aprendi a tocar instrumentos.”  | 1                          |
| <b>Importante</b>                                   | A – “Acho que é importante, porque assim podemos aprender a tocar vários instrumentos...”.<br>D – “A importância é igual a todas as outras disciplinas” ...<br>F – “Se quisermos seguir uma carreira profissional de música, precisamos dela para aprendermos.” | 3                          |
| <b>Pouco importante</b>                             | C – ...”uma disciplina como as outras, mas menos importante.”   | 1                          |
| <b>Outra</b>  | B – “Eu gosto de músicas.”  | 1                          |

Quadro 3: Importância da disciplina de Música.

Em resposta à segunda questão, que visava perceber a influência que o projeto tinha tido na perceção pessoal de cada aluno relativamente à disciplina de música,

responderam conforme se verifica no quadro 4.

| <b>Categoria:</b><br><i>Influência do projeto<br/>na percepção da<br/>música</i> |   | <b>Nº de<br/>Respostas</b> |
|--|---|----------------------------|
| Positiva   | F – “Sim. Porque podemos fazer o que quisermos...”<br>B – “É um bom trabalho e aprendemos muito.”   | 2                          |
| Indiferente  | A – “Acho que não mudou em nada, penso na música como pensava antes...”<br>C – “Não mudou nada, porque era a mesma coisa...”<br>E – “Não mudou nada sobre a minha forma de pensar a música.”<br>D – “Não mudou nada em relação à música.” | 4                          |
| Negativa   |   | 0                          |

Quadro 4: Influência do projeto na percepção da música.

Na terceira questão pretendia-se que os alunos se autoavaliassem. As respostas obtidas estão representadas no quadro 5.

| <b>Categoria:</b><br><i>Desempenho do aluno</i> |   | <b>Nº de<br/>Respostas</b> |
|---|---|----------------------------|
| Positivo  | E – ...” Muito bom porque toquei muito bem e cantei ainda melhor.<br>C – “Bom, porque todos juntos fizemos boas coisas.”<br>F – “Eu para mim acho que me portei bem, mostrei algum desempenho e esforcei-me.” | 3                          |
| Razoável  | A – “Acho que estive empenhada, às vezes estava um pouco distraída (...), participei às vezes na aula.”<br>D – “O meu desempenho neste projeto acho que é normal apesar de não trabalhar muito.”              | 2                          |
| Negativo  |   | 0                          |
| Outro   | B – “Eu gosto da aula, o professor ensina-me coisas novas e ensina-me a tocar”  | 1                          |

Quadro 5: Desempenho do aluno no projeto.

Na última questão colocada pedia-se aos alunos que sugerissem melhorias a implementar nas aulas de música ou na sala de aula. As respostas foram as seguintes:

| <b>Categoria:</b><br><i>Melhoramentos a<br/>implementar</i> |  | <b>Nº de<br/>Respostas</b> |
|---|--|----------------------------|
| Materiais   | A- “Devíamos ter computadores na sala de aula, mais instrumentos...” | 1                          |
| Pedagógicos   | B- “Aprender a tocar viola e piano e outras coisas.”                 | 2                          |

|         |   |   |
|---------|---|---|
|         | Eu gostava de tocar caixa de bateria.”<br>C – “Melhores, porque era melhor para todos nós.”   |   |
| Nenhuns | D – “As aulas deviam ser como são agora...”<br>E – “Deviam ser exatamente como são agora.”<br>F – “Deviam ser como exatamente são.” | 3 |

Quadro 6: Melhoramentos a implementar nas aulas de música.

Relativamente à importância da Educação Musical no currículo do ensino básico, a opinião de metade dos inquiridos (3) é de que a música é importante, existindo uma referência ao facto de ser menos importante que outras disciplinas.

A influência do projeto na forma como os alunos percebem a música manteve-se inalterada para quatro dos inquiridos, registando-se em dois dos inquiridos que a influência foi positiva. Ao nível do desempenho, três dos alunos afirmam ter tido um desempenho positivo, tendo dois outros, manifestado um comportamento razoável. Existe nesta questão um elemento cuja resposta se desenquadra do âmbito da mesma.

A necessidade de material para a sala de aula é mencionada apenas em um questionário como sendo um fator constituinte de uma melhoria nas aulas de educação musical. Três alunos referem que as aulas funcionam da forma que eles entendem ser a correta, existindo outros dois que referem que as aulas deviam ser diferentes sob o ponto de vista da pedagogia.

De um modo geral as respostas parecem indicar satisfação por parte dos alunos na frequência das aulas e, ainda que não lhes seja atribuída a mesma importância que às disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, por exemplo, parece haver uma valorização do fator da disciplina de música. Aprecia-me verificar que existem alunos a responder que as aulas funcionam da forma que eles consideram benéficas, ainda que o projeto não tenha tido uma dimensão mais representativa que permita afirmar, na maioria dos casos, uma alteração na forma como estes veem o fenómeno musical; no sentido da valorização do processo para além do produto final.

## Conclusão

A escola é uma instituição que aparece na vida do aluno com o objetivo não só de o fazer adquirir conhecimentos como de o formar para a construção de atitudes e valores que, de certa forma possam incutir o sentido de responsabilidade como bom cidadão.

O processo de aprendizagem determina, em grande parte, o tipo de vida que se tem em adulto, porque o percurso escolar vai influenciar os passos a dar ao longo da vida. Neste sentido, o educador é o transmissor de valores e conhecimentos, com responsabilidades na vida futura da sociedade.

O longo processo legislativo que passa por alguma transferência de competências para as Direções Regionais e para as escolas, descrito no Decreto-lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, representa um marco fundamental no regime de autonomia das escolas. A descentralização e autonomia das escolas constituem aspetos fulcrais de uma nova organização da educação, visando concretizar na vida da escola a democratização, a qualidade do serviço público de educação e igualdade de oportunidades.

Neste sentido, a implementação de projetos poderão ser uma mais-valia, partindo do pressuposto que têm o objetivo de beneficiar, sob o ponto de vista educativo, um determinado grupo, ou colmatar as suas necessidades socioculturais. Assim, é crível que o projeto tenha uma boa aceitação e influencie positivamente os alunos.

*“De que forma é que a implementação de diferentes experiências musicais, nomeadamente a criação do projeto “A Escola em Videoclipe” pode ter impacto na maior ou menor participação dos alunos, nas aulas de educação musical?”*

Esta era a questão para a qual se pretendia encontrar resposta com o desenvolvimento do projeto.

No início da última fase do estágio, referente ao 3º Ciclo do Ensino Básico, tinha já definido, antes de entrar em contacto com os alunos, que iria desenvolver um projeto no âmbito da produção musical, uma vez que esta era a linha condutora delineada por mim para a Unidade Curricular de Prática Supervisionada do Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino, tendo sido já implementada com sucesso no 1ºCEB.

Um dos objetivos foi utilizar as tecnologias da informação na sala de aula,

facultando aos alunos experiências que ligassem a música e as referidas tecnologias.

Assim, após uma aula de observação, fiz a minha proposta ao professor cooperante –fazer um videoclipe -, tendo o mesmo mostrado alguma relutância, dada a complexidade e os recursos que uma atividade deste tipo exige. O facto de a escola não possuir o material necessário para a realização de um projeto deste tipo e a aparente inércia dos alunos poderiam ser fatores a dificultar o processo. Após a apresentação de um plano de atividades o professor cooperante acabou por concordar com a exequibilidade do projeto.

A ausência de material apropriado para as atividades acabou por não se notar no decorrer do estágio, uma vez que, semanalmente me encarreguei de montar um pequeno estúdio na sala de aula.

Este projeto centrado na canção, sugerida pelo professor cooperante, com anuência dos alunos, teria à semelhança do verificado no estágio do 1º Ciclo do Ensino Básico, uma estreita relação com as outras áreas do saber como a Língua Portuguesa, a Matemática, Educação Visual e Tecnológica.

Foi feita a calendarização de atividades para 8 sessões de trabalho (com uma de observação no início e outra de avaliação no final), possibilitando alguma margem para redefinir uma ou outra atividade, se necessário, visto que não tinha um bom conhecimento das capacidades ou dificuldades destes alunos em termos da prática instrumental ou vocal, e as atividades poderiam não resultar como proposto.

Assim, concebi uma planificação que considero relevante para a prática letiva e para os alunos e que na generalidade acabou por resultar de forma bastante positiva, visto que os alunos tiveram a possibilidade de realizar atividades variadas como tocar flauta, tocar cavaquinho e guitarra acústica, tocar instrumentos de percussão, realizar desenhos de acordo com a temática da canção, tirar fotografias, filmar, captar o som de vozes e instrumentos e manusear programas de edição de vídeo e áudio.

Todas as atividades desenvolvidas encontram-se fundamentadas teoricamente no presente relatório, não tendo surgido apenas como peças de um puzzle, necessárias ao produto final. É possível verificar pelos resultados obtidos na ficha de avaliação que os alunos tomaram consciência das atividades desenvolvidas e dos conceitos presentes nas mesmas.

O projeto permitiu aos alunos desenvolver e aperfeiçoar a prática vocal e instrumental, compreender a música como construção humana, utilizar as tecnologias da informação e comunicação e desenvolver o pensamento crítico, pelo que considero que

foram atingidos os objetivos pedagógicos propostos.

Todos os alunos demonstraram ser capazes de se pronunciar criticamente em relação à sua produção e à dos outros. Participaram ativamente no processo de produção artística, o que, de alguma forma, confirma a viabilidade deste tipo de projetos.

Poder-se-á afirmar que este projeto, enquadrado nas diretrizes do Ministério da Educação, contempladas no Currículo Nacional do Ensino Básico, é uma ferramenta pedagógica de grande valor, pelo facto de lidar com áreas atuais como as tecnologias da informação, possibilitando o registo multimédia do trabalho do aluno.

Em termos pedagógicos, o balanço apresenta-se como positivo relativamente à metodologia utilizada. A ênfase nas questões de índole prática parece ter uma considerável recetividade por parte dos alunos. Acredito também que a planificação de sessões com objetivos diversificados constitui um fator de constante desafio.

O comportamento demonstrado tanto pelos alunos do 2º ano (da Escola Básica nº1 de Vinhais) como pelo 8ºano (da Escola Básica 2,3 Augusto Moreno de Bragança) foi de encontro ao que se pretendia nas atividades verificando-se um grande empenho nos dois grupos, tendo em conta o grau de dificuldade imposto nas atividades de cada grupo.

O facto de a Escola Básica de Vinhais ser um dos meus locais de trabalho facilitou, logicamente, a implementação do projeto, até porque a turma onde foi realizado o estágio me tinha sido atribuída no ano letivo anterior, o que me permitiu planear o projeto com mais certeza, dada a boa noção das capacidades e limitações do grupo.

Relativamente ao 8º ano, acredito que o facto de a turma se encontrar dividida, foi também uma mais-valia para o desenvolvimento das atividades. Assim, enquanto 6 alunos – de uma turma constituída por 12 alunos – se encontrava a ter Educação Visual e Tecnológica, os outros 6 encontravam-se na aula de Música. Desta forma foi possível fomentar um ambiente mais interativo, na medida em que as aulas se caracterizavam pela troca constante de ideias entre oito indivíduos, cujas opiniões eram analisadas por todos, ao invés de um formato de ensino tradicionalista com um professor estagiário, um supervisor cooperante e seis alunos eminentemente passivos.

Os objetivos propostos para o projeto foram atingidos, verificando-se um crescendo na forma como os alunos se foram envolvendo no projeto.

Os resultados obtidos ao nível do desempenho dos alunos revelam de forma realista o empenho dos mesmos ao longo do projeto “A Escola em Videoclipe”.

Situação que vem, de alguma forma, ser comprovada pelos questionários.

Os videoclipes “A Nossa Escola” (1ºCEB) e “Estudo na Escola Augusto Moreno” (3ºCEB) constituem por si só um resumo da prática realizada, visto que é possível, através dos mesmos, aferir a qualidade das interpretações dos alunos, bem como o seu empenho na realização das tarefas sendo também notório o meu envolvimento durante toda a PES.

Foi mostrado grande apreço pelo registo conseguido, por parte da comunidade escolar em ambos os casos, (na Escola Básica de Vinhais e na Escola Básica 2,3 Augusto Moreno de Bragança) motivo que constitui um fator de grande satisfação pessoal e profissional.

Ao nível da investigação, o facto de a amostra ser pequena – 6 alunos – retira-lhe alguma viabilidade sob o ponto de vista estatístico. No entanto, os dados apresentados e analisados ao longo deste trabalho, permitem-me concluir, sobretudo tendo em conta a vertente de observador participante, que projetos similares ao implementado, criam condições para um acréscimo da motivação e envolvimento dos alunos, aumentando o seu nível de participação nas atividades. Esta situação fomenta uma melhoria nos níveis de desempenho e, tratando-se de um projeto a desenvolver a curto prazo, é fomentado nos alunos um sentimento de pertença e de envolvimento com o projeto, que eles demonstraram querer acompanhar e concluir. A transferibilidade dos resultados para outros contextos é questionável como já referi, mas acredito ser possível obter resultados similares.

Acredito também que, em termos gerais, a implementação deste tipo de projetos, é muito benéfica para os alunos, dada a quantidade e diversidade das experiências que possibilitam.

## Bibliografia

- Abrantes, J. M. (1992). *Os Media e a Escola – Da Imprensa aos Audiovisuais no Ensino e na Formação*. Lisboa: Texto Editora
- Alarcão, I. e Tavares J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica - Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina
- Amado, M. L. (1999). *O prazer de ouvir música – Sugestões pedagógicas de audições para crianças*. Lisboa: Caminho da Educação
- Agrupamento de Escolas Augusto Moreno (2008) *Projeto Educativo*. Bragança
- André, M. (2001). *Pesquisa em Educação Musical: Buscando rigor e qualidade*. São Paulo: Cadernos de Pesquisa - Fundação Carlos Chagas.
- Bellochio, C. R. (2000). A Educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental: Olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor. *Tese de doutoramento*. Porto Alegre, Brasil: Universidade Federal Rio Grande do Sul.
- Carvalho, F. (2003). *Composição e Produção Musical com o PC*. Lisboa. FCA – Editora de Informática
- Cohen, L. e Manion, L. (1994). *Research Methods in Education (4ª ed.)* London: Routledge.
- Cohen, L., Manion, L. e Morrison, K. (2004). *Research Methods in Education (6ª ed.)* London: Routledge.
- Costa, A. C. e Curado, A. P. (1995). *Projectos educativos de escola: Concepções subjacentes (1ª ed.)*. Ministério da educação: Instituto de inovação educacional
- Denscombe, M. (1999). *The Good Research Guide For Small - Scale Social Research Projects*. Open University Press
- Departamento da Educação (2001). *Música - Orientações curriculares: 3ºCiclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação
- Escola Básica nº1 de Vinhais (2009). *Projeto curricular de turma (3ªA) - Os 25 anos da Escola Sede: Memórias dos nossos pais*. Vinhais
- Oliveira-Formosinho, J. e Formosinho (2001). *J. Associação Criança: Um contexto de formação em contexto*, Coleção: Minho Universitária
- Gagnard, M. (1974). *Técnicas de Educação – Iniciação Musical dos Jovens*. Lisboa. Editorial Estama
- Gauthier, C. (1998). *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o*

*saber docente*. Liui: Ed da UNIJUI.

Gordon, E. E. (2000a). *Teoria da Aprendizagem Musical - Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: FCG.

Gordon, E. (2000b). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M. e Weikart, D. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Leite, E. Malpique, M. e Santos, M. R. (1993). *Trabalho de Projecto 2: Leituras Comentadas*. (3ª Ed). Colecção Ser Professor. Edições Afrontamento

Kemmis, S. e McTaggart, R. (1988). *Como Planificar la Investigación Acción*, Barcelona: Laertes

Ketele, J. e Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados. Fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudos de documentos*. Epistemologia e Sociedade - Instituto Piaget – Lisboa

Lessard-Hébert, M. (1996). *Pesquisa em Educação*, Lisboa: Instituto Piaget.

Lewis, R (1993). *Guia Prático do Vídeo*, Lisboa: Editorial Presença

Marli, A. (2001). *Pesquisa em educação Musical: buscando rigor e qualidade*. São Paulo: Cadernos de pesquisa - Fundação Carlos Chagas.

Martenot, M. (1970). *Principes fondamentaux de formation musicale et leur application*. 6. ed. Paris: Edições Magnard.

Pacheco, A. (2008). *O Ensino da Música em Regime Articulado no Conservatório do Vale do Sousa: Função Vocacional ou Genérica?* Tese de Mestrado não publicada, Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

Pacheco, A. (2009a). *Didáctica da Música: Modelos de Ensino e Aprendizagem*. Documento policopiado fornecido pelo docente.

Pacheco, A. (2009b). *Didáctica da Música: Especificidades da Aprendizagem Musical-Competências*. Documento policopiado fornecido pelo docente.

Philpott, C., Plummeridge, C. (2001), *Issues in music teaching*, Londres: Routledge Falmer

Santos, A. (1989). *Mediações Artístico Pedagógicas*. Lisboa: Livros Horizonte

Sanuy, M. (1980). *Aula Sonora – Hacia una educación musical en primaria*. Segunda Edición. Colección: Pedagogia Manuales

Silva, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação

Souza, J. (2001). *Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: reconfigurando o campo da educação musical*. Porto Alegre: Uberlândia.

Sprinthall, N. A. e Collins, A. (1994). *Psicologia do Adolescente - Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sprinthall, N. A. e Sprinthall, R. C. (1993). *Psicologia Educacional – Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: Editora McGraw-Hill.

Swanwick, K. (1991). *Música, pensamiento y educación*; Madrid: Morata.

Tomazzeti, E. M. (2003). *Dimensões da profissão docente*. UNIFRA.

Toro, M. B. (2001). *Fundamentos de Musicoterapia*. Madrid: Morata.

Vasconcelos, A. Ã. (2003). “*Políticas no Ensino da Música em Portugal nas últimas décadas do Séc.XX – Contributos para uma análise crítica.*”. *Revista de Educação Musica*, 115, pp. 14-28.

Vasconcelos, A. Ã. (2006). *Ensino da Música - 1º Ciclo do Ensino Básico: Orientações Programáticas*. Lisboa: Ministério da Educação

## **Legislação**

Decreto-Lei nº 310/83, de 1 de Julho – Insere o ensino artístico nos moldes gerais de ensino em vigor através da reconversão dos Conservatórios de Música em Escolas Básicas e Secundárias, criando as respectivas Escolas Superiores de Música inseridas na estrutura de Ensino Superior Politécnico.

Decreto-Lei nº 319/91, de 23 de Agosto, regula a integração dos alunos portadores de deficiência nas escolas regulares.

Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, regula o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

Despacho nº 12 591/2006 (2ª série), de 16 de Junho – Implementa as actividades de enriquecimento curricular no 1º Ciclo do Ensino Básico integradas no conceito escola a tempo inteiro.

Decreto- Lei 3/2008 - Adequações Curriculares individuais.

## **Webgrafia**

Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais. Disponível em: <[http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Rel\\_MEd\\_MC.pdf](http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Rel_MEd_MC.pdf)>, Acedido a 23 Maio 2010.

Pedagogia Musical. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/pedagogiamusi/periodos>> acedido a 23 Maio 2010.

Informações sobre a demografia do Concelho de Vinhais disponíveis em: <<http://www.cm-vinhais.pt/municipio/geografia.html>>, acedido em Maio de 2010.

## **Anexos**

## **Anexo 1: Informações relativas ao funcionamento da Escola Básica nº1 de Vinhais**

As reuniões de Conselho Docentes realizam-se com todo o Corpo Docente mensalmente na Quinta-feira seguinte ao Conselho Pedagógico. As reuniões de Ano, realizam-se todas as últimas segundas feiras do mês 1º e 2º anos das 18:00 às 20:00 e 3º e 4º anos das 20:00 às 22:00 horas.

Sempre que necessário a coordenadora de escola convoca reuniões com 48 horas de antecedência.

As reuniões com os encarregados de educação são trimestrais, após os momentos de avaliação. É também feita uma reunião geral no início do ano letivo, para que, em comum, se tracem as diretrizes e os objetivos para que este decorra dentro da normalidade.

Na ausência do Professor Titular de Turma, esta é assumida pelo professor que está de apoio. Em situação excepcional, podem os alunos ser redistribuídos pelas outras turmas.

Está definido no projeto de escola que todos os professores participam nas atividades programadas.

Em caso de doença ou acidente, os alunos, são acompanhados pelo professor de apoio que esteja disponível.

A assiduidade dos docentes é registada no livro de ponto sendo as faltas enviadas diariamente para a sede do agrupamento.

Para a constituição das turmas prevalece o seguinte critério: manter no mesmo grupo/turma, até final do ciclo, todos os alunos que iniciaram conjuntamente o 1º ano. No caso de alunos retidos, estes podem ser integrados noutras turmas sempre que se verifiquem condições favoráveis ao seu desenvolvimento integral.

A assiduidade dos alunos é registada no diário de frequência. Caso o número de faltas injustificadas ultrapasse um terço do limite legal, é enviada uma carta ao respetivo encarregado de educação, para que a situação seja clarificada e resolvida.

A Escola Básica de Vinhais funciona no seguinte horário: 9h – 17h30m. Nos dias em que se comemoram festividades o horário a cumprir por todo o pessoal é: 9h-14h.

A escola tem nove turmas e contempla a atual designação de escola a tempo inteiro, que totalizam 171 alunos.

O Apoio ao Estudo é efetuado pelos professores afetos administrativamente à

escola.

As Atividades de Enriquecimento Curricular são ministradas por professores recrutados pela Câmara Municipal.

Só é permitida a circulação, no espaço escolar, das viaturas que transportam as crianças. Estas entram pelo portão principal, contornam pelas traseiras a escola, deixando os alunos no coberto e de seguida saem contornado pelo outro lado a escola

O autocarro, atendendo às suas dimensões, é exceção. Nos dias de precipitação os alunos transportados no autocarro, poderão entrar pela porta da frente não necessitando de contornar a escola para entrar pela retaguarda.

A sala de Informática encontra-se disponível durante o período de funcionamento da escola podendo ser utilizada pelos alunos desde que acompanhados pelos docentes.

Para melhor funcionamento do espaço e salvaguardando as horas previamente definidas como ocupadas com atividades referentes a Projetos, o horário será afixado, podendo assim os docentes que o entenderem, fazer uso desse mesmo espaço, bastando para isso solicitarem-no.

## **Anexo 2: Informações Relativas ao Agrupamento de Escolas E.B. 2,3 Augusto Moreno.**

- **Instalações**

Relativamente às instalações, estas são constituídas por um edifício central, balneários exteriores e uma pequena casa anexa. No edifício central situam-se as salas de aula normais e específicas, os espaços sociais e desportivos, e os serviços sociais.

A estrutura da Escola não é adaptada a este nível de ensino carecendo de uma sala de convívio para os alunos. As dimensões das salas de aula são variáveis, algumas das quais exíguas.

Devido à escassez do número de salas de aula, face ao número de turmas e ao esquema dos horários das turmas de 2º Ciclo e à integração de turmas do 1º CEB, é impossível ocupar os espaços específicos em regime de exclusividade.

A escola é dotada de uma Biblioteca/CRE bem apetrechados e dois Auditórios. Dispõe de uma Sala de Informática, de 3 salas dotadas de quadros Interativos, um auditório com um Quadro Interativo, uma sala de informática e uma sala de Ciências.

O Parque de estacionamento existente é exíguo para as necessidades sentidas carecendo de obras de ampliação.

- **População Escolar: Alunos**

O corpo discente do Agrupamento é proveniente de duas freguesias urbanas (Sé e Santa Maria) e de várias freguesias rurais que se estendem até uma distância de 45 km.

Em toda a comunidade educativa existe uma grande percentagem de alunos cuja língua materna não é a Língua Portuguesa (alunos Moldavos, Brasileiros, Búlgaros, Ucrrianos, Russos, Asiáticos).

No ano letivo 2009/2010 o agrupamento é frequentado por 1134 alunos. O quadro seguinte apresenta a forma como os alunos se encontram distribuídos pelos diferentes ciclos.

Tabela 7: Distribuição dos alunos do Agrupamento de Escolas Augusto Moreno ciclos/cursos.

| <b>Escolas/Ciclos</b> | <b>Nº de Alunos</b> |
|-----------------------|---------------------|
| <b>Pré-escolar</b>    | 135                 |

|                   |     |
|-------------------|-----|
| <b>1ºCiclo</b>    | 430 |
| <b>2ºCiclo</b>    | 322 |
| <b>3ºCiclo</b>    | 152 |
| <b>CEF</b>        | 16  |
| <b>Recorrente</b> | 79  |

Fonte: Projeto Educativo da E.B. 2,3 Augusto Moreno.

O nível etário dos alunos do Agrupamento varia entre os 3 e os 17 anos abrangendo os diferentes graus de ensino, desde o Pré-Escolar ao 9º Ano. A nível dos Cursos EFA e do Ensino Recorrente a idade varia entre os 18 e os 65 anos.

O S.A.S.E. presta auxílio económico aos alunos do 2º e 3º Ciclos, sendo os critérios de atribuição estipulados anual e superiormente pelo Ministério de Educação.

A autarquia local presta apoio aos alunos do 1º Ciclo e Jardim-de-infância.

Os números constantes no quadro são variáveis dado que a qualquer momento podem aumentar ou diminuir desde que a situação económica do agregado familiar se altere.

- **Transportes Escolares**

Dada a localização das Escolas do Agrupamento há necessidade de recorrer à deslocação diária de alunos de todos os níveis etários e de Ensino.

Para o Jardim de Infância de Gimonde, são transportados, de táxi, alunos das aldeias de Milhão, Varge, Aveleda, Sacoias, Baçal, Quinta das Carvas, Caravela e S. Julião.

Algumas escolas do 1º Ciclo são frequentadas por crianças de aldeias vizinhas cujas escolas se encontram extintas, sendo os alunos transportados também por táxis e autocarros da responsabilidade da Autarquia.

A Escola Sede é frequentada por alunos oriundos de zonas que se encontram, em alguns casos, a 40 km, de distância, sendo transportados diariamente.

Os alunos das zonas mais distantes utilizam transportes escolares em carreiras públicas assim como transportes camarários.

- **Contexto Cultural dos Alunos**

As duas Escolas do Meio Rural e o Jardim-de-Infância de Gimonde são

frequentadas, na sua maioria, por alunos, cujas famílias, se dedicam à agricultura e à pecuária. Alguns agregados familiares deslocam-se diariamente para a cidade onde exercem as suas atividades ligadas aos serviços. O nível económico de algumas famílias melhorou com o regresso de muitos emigrantes que se reflete no desenvolvimento da aldeia e conseqüentemente no apoio familiar prestado às crianças.

Cerca de 11,7 % dos alunos que frequentam os estabelecimentos urbanos do agrupamento são oriundos dos meios rurais e utilizam diariamente os transportes públicos e familiares. Mais de metade dos alunos desloca-se de automóvel para a escola. À medida que os alunos entram no 2º ciclo, aumenta o número dos que se deslocam a pé ou de transportes públicos.

A maioria dos alunos, em qualquer dos anos, gasta menos de 10 minutos no trajeto casa -escola ou vice-versa. No pré-escolar, 11% gastam mais de 20 minutos, no 1º Ciclo a percentagem destes alunos ronda os 13%. No 2º Ciclo e no 3º Ciclos, respetivamente 10% e 20% gastam mais de 20 minutos.

A nível citadino há alguns alunos com famílias disfuncionais, monoparentais e entregues a instituições.

Os agregados familiares são constituídos na sua maioria por famílias de mais de 3 elementos dado que 56%, 62%, 60% e 62%, respetivamente dos alunos vivem com pais e irmãos. Um número menos significativo, 33,5, 21%, 24% e 17% vivem sozinhos com os pais não permitindo, contudo, inferir se são filhos únicos.

A nível sócio cultural/económico encontrámos alunos provenientes de contextos familiares muito diversificados.

Dos 1055 alunos que frequentam o agrupamento em cursos diurnos, 42% são contemplados por Auxílios Económicos da responsabilidade do SASE e Autarquia. Este indicador revela um significativo número de famílias com dificuldades económicas.

- **Profissões e habilitações**

Constata-se ainda que 58% dos alunos do agrupamento são provenientes de famílias de classe média e média alta.

Em todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar ao 9º ano, a profissão que ocupa mais pais é a da construção civil (22,5%, 22,3%, 31% e 21%) respetivamente. Quanto às mães verifica-se que (25%, 26,9%, 35% e 29,6%) são domésticas, profissão que surge em maioria.

Ao nível das habilitações constatou-se que são em número pouco significativo

os/as que possuem habilitações de nível superior.

No pré-escolar as habilitações concentram-se ao nível do 3º Ciclo e Secundário. No 1º Ciclo centram-se maioritariamente ao nível do 2º Ciclo. No 2º Ciclo constatamos que a maioria dos pais têm o 2º Ciclo e as mães o 3º Ciclo. É também neste ciclo que o número de pais e mães Licenciados se aproxima dos pais com o 2º e 3º Ciclos. No 3º Ciclo, a maioria dos pais possui o 1º e 2º Ciclos.

No que respeita à nacionalidade dos alunos, existe uma constância de valores desde o Pré-escolar ao 9º ano oscilando entre os 90 e 93% os valores respeitantes à nacionalidade Portuguesa.

- **Pessoal Docente**

O corpo docente do agrupamento, no presente ano letivo, é constituído por 174 professores dos quais 25,28% são professores titulares. Apenas dois não se encontram em funções no agrupamento.

Os professores e educadores sem turma desempenham funções técnico-pedagógicas nos Jardins-de-Infância do agrupamento, nas escolas do 1º Ciclo e na escola sede.

- **Pessoal não Docente**

O pessoal não docente do agrupamento reparte-se pelos serviços administrativos, S.A.S.E., auxiliares de ação educativa, manutenção, cozinha e guardas-noturnos

- **Atividades de enriquecimento Curricular**

No presente ano letivo funcionam no agrupamento algumas atividades de apoio e enriquecimento curricular como: salas de estudo, gabinete de apoio ao aluno, clube de astronomia, clube de jornalismo, clube de alemão, clube de música, poesia e drama, Tuna da Escola Augusto Moreno - dinamizada por um professor de Educação Musical; envolve alunos do 2º e 3º ciclo; Projeto Eco Escolas; Desporto Escolar.

O projeto educativo do Agrupamento de Escolas Augusto Moreno apresenta como aspetos positivos:

- A articulação existente entre professores do Agrupamento.
- Relações interpessoais na Comunidade Escolar.
- Relações entre a Escola e a Associação de Pais

- Troca de saberes entre os intervenientes da ação educativa.
- Agrupamento – fator de aproximação das escolas rurais – quebrou o isolamento.
- Multiculturalidade dos alunos (abertura à diferença).
- Intercâmbio cultural rural-urbano.
- Rentabilização dos espaços da escola sede (Biblioteca, Cantina, Auditórios, Ginásios).
- Espaços envolventes da escola sede, muito amplos.
- Salas de aula da escola sede bem dimensionadas e bem iluminadas.
- Jornal Escolar – Participação de todas as escolas.
- Bom ambiente de trabalho
- Plano de Formação para os diferentes intervenientes educativos.
- Relativamente aos aspetos negativos refere:
- Pessoal auxiliar insuficiente nas Escolas do 1º Ciclo e na Escola Sede.
- Apetrechamento de recreios inexistente ou insuficiente em todas.
- Falta de recreios cobertos nas escolas do agrupamento em todas.
- Edifícios/escolas obsoletos. (Estação, Estacada, S. Sebastião)
- Falta de sala de convívio dos alunos na E.B. 2,3.
- Controlo das entradas e saídas da E.B. 2,3 com algumas falhas.
- Dificuldade na manutenção dos espaços exteriores da E.B. 2,3.
- Grande desigualdade entre as escolas rurais e as escolas urbanas.
- Dificuldade de interação entre os diferentes níveis de ensino do Agrupamento.

**Anexo 3: Modelo do inquérito preenchido pelos alunos na primeira aula da Prática de Ensino Supervisionada, no 3º CEB.<sup>28</sup>**

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AUGUSTO MORENO**

ESCOLA E.B. 2,3 AUGUSTO MORENO

**3ºCiclo - Música**

**Identificação**

Nome: \_\_\_\_\_

Número: \_\_\_\_\_ Turma: 8ºA Idade: \_\_\_\_\_

Pai: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Nº de irmãos: \_\_\_\_\_

**Parte 1 - Sobre a tua escolaridade**

**1 - Alguma vez ficaste retido em algum ano escolar (1º ou 2º ciclo)?**

Não       Sim, apenas uma vez       Sim, mais do que uma vez

**1.1 - Se respondeste SIM indica em que anos:**

**Parte 2 - Sobre os teus hábitos**

**3 - Nos teus tempos livres o que costumavas fazer? Escolhe no máximo 4 opções.**

- Ver Televisão
- Ler
- Praticar desporto
- Aprender música
- Jogar computador / Playstation / Wii

<sup>28</sup> Tipo de letra alterado para os Anexos do Relatório.

- Brincar na rua
- Navegar na internet
- Passear em Centros Comerciais
- Passear ao ar livre
- Aprender a dançar
- Ouvir música
- Ir ao cinema
- Ir ao café
- Ir à catequese / Missa
- Ajudar em casa
- Brincar com amigos

**4 - Que tipo de livros mais gostas de ler?**

- Romance
- Ficção Científica
- Poesia
- Banda Desenhada
- Policiais
- Outros

**5 - Praticas modalidades desportivas?**

- Não  Sim

**5.1 - Se respondeste sim, qual a modalidade que praticas?**

- Futebol
- Natação
- Equitação
- Hóquei

**6 - No futuro o que gostarias de ter como profissão?**

- Jornalista
- Engenharia
- Desporto

- Áreas de saúde
- Arqueólogo
- Curso técnico
- Educação
- Design
- Outra - Qual?
- Não sei.

### Parte 3 - Sobre a escola

#### 7 - Gostas de estar nesta escola?

- Sim
- Não

#### 8 - Da lista que se segue escolhe três disciplinas que mais gostaste de ter:

- Língua Portuguesa
- Matemática
- Inglês
- História e Geografia de Portugal
- Ciências da Natureza
- Educação Visual e Tecnológica
- Educação Musical
- Educação Física
- Formação Cívica
- Área de Projeto
- Estudo Acompanhado

#### 9 - Da lista que se segue escolhe as disciplinas onde sentiste mais dificuldades:

- Língua Portuguesa
- Matemática
- Inglês
- História e Geografia de Portugal
- Ciências da Natureza
- Educação Visual e Tecnológica
- Educação Musical

- Educação Física
- Formação Cívica
- Área de Projeto
- Estudo Acompanhado

**10 - Das atividades seguintes indica aquela que mais preferes na sala de aula:**

- Trabalho grupo
- Trabalhar PC
- Aula expositiva
- Fichas de trabalho
- Pesquisa
- Outra. Qual?

**11 - Quando é que costumavas estudar?**

- Todos os dias
- Fins-de-semana
- Véspera dos testes
- Raramente

#### Anexo 4: Planificação de Unidade para o 2º Ano

| IDENTIFICAÇÃO                                      |                           |                 |
|--|---------------------------|-----------------|
| NOME DO PROFESSOR ESTAGIÁRIO: ROMEU FERREIRA BEATO |                           |                 |
| ESCOLA E.B. Nº1 DE VINHAIS                         | 1º Ciclo do Ensino Básico | NÚMERO DE AULAS |
| Educação Musical                                   | 2º Ano                    | <b>10</b>       |

| CONTEÚDOS   | COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS   | COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS  |
|---|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Músicas, formas, voz, instrumentos e características, música e tecnologias da informação.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desenvolve e aperfeiçoa a prática vocal e instrumental;</li> <li>▪ Produz e participa em diferentes tipos de espetáculos musicais, vocais e instrumentais;</li> <li>▪ Compreende a música como construção humana, social e cultural e as inter-relações com os diferentes quotidianos e áreas do saber;</li> <li>▪ Desenvolve o pensamento crítico que sustente as opiniões, as criações e interpretações;</li> <li>▪ Explora diferentes processos comunicacionais, formas e técnicas de criação musical;</li> <li>▪ Produz e realiza espetáculos diversificados;</li> <li>▪ Utiliza as tecnologias da informação e comunicação;</li> <li>▪ Desenvolve o pensamento crítico que sustente as opiniões, as criações e interpretações.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desenvolve a compreensão das culturas musicais portuguesas;</li> <li>▪ Identifica diferentes códigos e convenções;</li> <li>▪ Explora diferentes técnicas instrumentais;</li> <li>▪ Experimenta e interpreta música portuguesa e diferentes géneros e estilos;</li> <li>▪ Compreende e utiliza vocabulário apropriado;</li> <li>▪ Prepara, ensaia, dirige, grava e avalia interpretações individuais e em grupo de diferentes peças, géneros e estilos musicais de acordo com as intenções dos autores;</li> <li>▪ Utiliza, combina e manipula sons, elementos musicais, tecnologias e outros recursos apropriados para compor, arranjar e improvisar músicas para fins específicos e com estilos diferenciados;</li> <li>▪ Escreve as músicas criadas ou os arranjos utilizando grafia convencional e não convencional;</li> <li>▪ Apresenta publicamente e regista as criações individuais e do grupo em suportes áudio/vídeo para avaliação, aperfeiçoamento e difusão;</li> <li>▪ Desenvolve a improvisação utilizando diferentes conceitos, materiais, estruturas, técnicas e tecnologias;</li> <li>▪ Acrescenta ou desenvolve linhas vocais e instrumentais em peças pré-existentes;</li> <li>▪ Investiga a produção e as interpretações musicais no contexto das sociedades contemporâneas (disco/vídeos /...);</li> </ul> <p><b>Competências locais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Conhece e interpreta o repertório da região.</li> </ul> |

| METODOLOGIA   | AVALIAÇÃO   | BIBLIOGRAFIA   |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"><li>• Motivação</li><li>• Audição</li><li>• Interpretação</li><li>• Experimentação</li><li>• Improvisação</li><li>• Investigação</li><li>• Apresentação</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Observação direta</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>▪ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO-DEB (Ed.) (2001). <i>Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais</i>. Lisboa: Autor.</li><li>▪ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – DGIDC (Ed.) (2006). <i>Ensino da Música 1º Ciclo do Ensino Básico – Orientações Programáticas</i>. Lisboa: Autor.</li><li>▪ Wuytack, J. (2004) <i>Curso de Pedagogia da iniciação Musical (1ºGrau)</i>. Bragança: Escola Superior de Educação de Bragança</li></ul> <p>Internet:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Youtube em: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=VUmCcvqVGkg">http://www.youtube.com/watch?v=VUmCcvqVGkg</a> acedido a 30 de Abril de 2009.</li><li>▪ Youtube em: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=C2IRhe_Fc04&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=C2IRhe_Fc04&amp;feature=related</a>, acedido a 30 de Abril de 2009.</li></ul> |

## Anexo 5: Planificação de Unidade para o 8ºano.

| IDENTIFICAÇÃO                                      |                            |                 |
|--|----------------------------|-----------------|
| NOME DO PROFESSOR ESTAGIÁRIO: ROMEU FERREIRA BEATO |                            |                 |
| ESCOLA E.B. 2,3 AUGUSTO MORENO                     | UNIDADE DIDÁCTICA (MÓDULO) | NÚMERO DE AULAS |
| Música   | Música e Multimédia        | 9               |

| CONTEÚDOS   | COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS   | COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS   |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>Músicas, danças, formas, voz, instrumentos e características, música e tecnologias da informação.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolve e aperfeiçoa a prática vocal e instrumental;</li> <li>Produz e participa em diferentes tipos de espetáculos musicais, vocais e instrumentais;</li> <li>Compreende a música como construção humana, social e cultural e as inter-relações com os diferentes quotidianos e áreas do saber;</li> <li>Desenvolve o pensamento crítico que sustente as opiniões, as criações e interpretações;</li> <li>Explora diferentes processos comunicacionais, formas e técnicas de criação musical;</li> <li>Produzir e realizar espetáculos diversificados;</li> <li>Utilizar as tecnologias da informação e comunicação;</li> <li>Desenvolve o pensamento crítico que sustente as opiniões, as criações e interpretações.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolve a compreensão das culturas musicais portuguesas;</li> <li>Identifica diferentes códigos e convenções;</li> <li>Explora diferentes técnicas instrumentais;</li> <li>Experiencia e interpreta música portuguesa e diferentes géneros e estilos;</li> <li>Compreende e utiliza vocabulário apropriado;</li> <li>Prepara, ensaia, dirige, grava e avalia interpretações individuais e em grupo de diferentes peças, géneros e estilos musicais de acordo com as intenções dos autores;</li> <li>Utiliza, combina e manipula sons, elementos musicais, tecnologias e outros recursos apropriados para compor, arranjar e improvisar músicas para fins específicos e com estilos diferenciados;</li> <li>Escreve as músicas criadas ou os arranjos utilizando grafia convencional e não convencional;</li> <li>Apresenta publicamente e regista as criações individuais e do grupo em suportes áudio/vídeo para avaliação, aperfeiçoamento e difusão;</li> <li>Desenvolve a improvisação utilizando diferentes conceitos, materiais, estruturas, técnicas e tecnologias;</li> <li>Acrescenta ou desenvolve linhas vocais e instrumentais em peças pré-existentes;</li> <li>Investiga a produção e as interpretações musicais no contexto das sociedades contemporâneas (disco/vídeo-clips/etc.);</li> </ul> <p><b>Competências locais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Conhece e interpreta o reportório da região.</li> </ul> |

| METODOLOGIA   | AVALIAÇÃO   | BIBLIOGRAFIA   |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>● Motivação</li> <li>● Audição</li> <li>● Interpretação</li> <li>● Experimentação</li> <li>● Improvisação</li> <li>● Investigação</li> <li>● Apresentação</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Saber (perceção sonora e musical) 20%</li> <li>▪ Saber fazer (Interpretação e Comunicação / Criação e Experimentação) 20%</li> <li>▪ <b>Saber Fazer</b> (Utilização das TIC)</li> <li>▪ 20%</li> <li>▪ <b>Saber</b> (compreensão e expressão em Língua Portuguesa)</li> <li>▪ 10%</li> <li>▪ <b>Saber Ser/ Estar</b> (Educação para a cidadania)</li> <li>▪ 30%</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO-DEB (Ed.) (2001). <i>Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais</i>. Lisboa: Autor.</li> <li>▪ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – DGIDC (Ed.) (2001). <i>Ensino da Música 3º Ciclo do Ensino Básico – Orientações Curriculares</i>. Lisboa.</li> <li>▪ Internet</li> <li>▪ Youtube em: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=VUmCcvqVGkg">http://www.youtube.com/watch?v=VUmCcvqVGkg</a> acedido a 30 de Abril de 2009.</li> <li>▪ Youtube em: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=C2IRhe_Fc04&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=C2IRhe_Fc04&amp;feature=related</a>, acedido a 30 de Abril de 2009.</li> </ul> |

**Anexo 6: Ficha de autorização para participação dos alunos no videoclip.**

**Agrupamento de Escolas D. Afonso III de Vinhais**  
**Escola Básica de Vinhais**  
**Educação Musical**

**Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, Encarregado(a) de Educação do(a) aluno(a) \_\_\_\_\_, da turma \_\_\_ do \_\_\_º ano, autorizo a captação de imagens (fotografia e vídeo) e sons do meu educando, no âmbito das atividades relacionadas com a comemoração do 25º aniversário da Escola Sede de Vinhais, inserido no projeto “A escola em Videoclip” no âmbito do mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico.

O objetivo do projeto prende-se com a realização de um videoclip sobre a escola, com uma canção cantada e tocada parcialmente pelos alunos e com a captação de imagens e sons da escola e da vila.

Vinhais, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

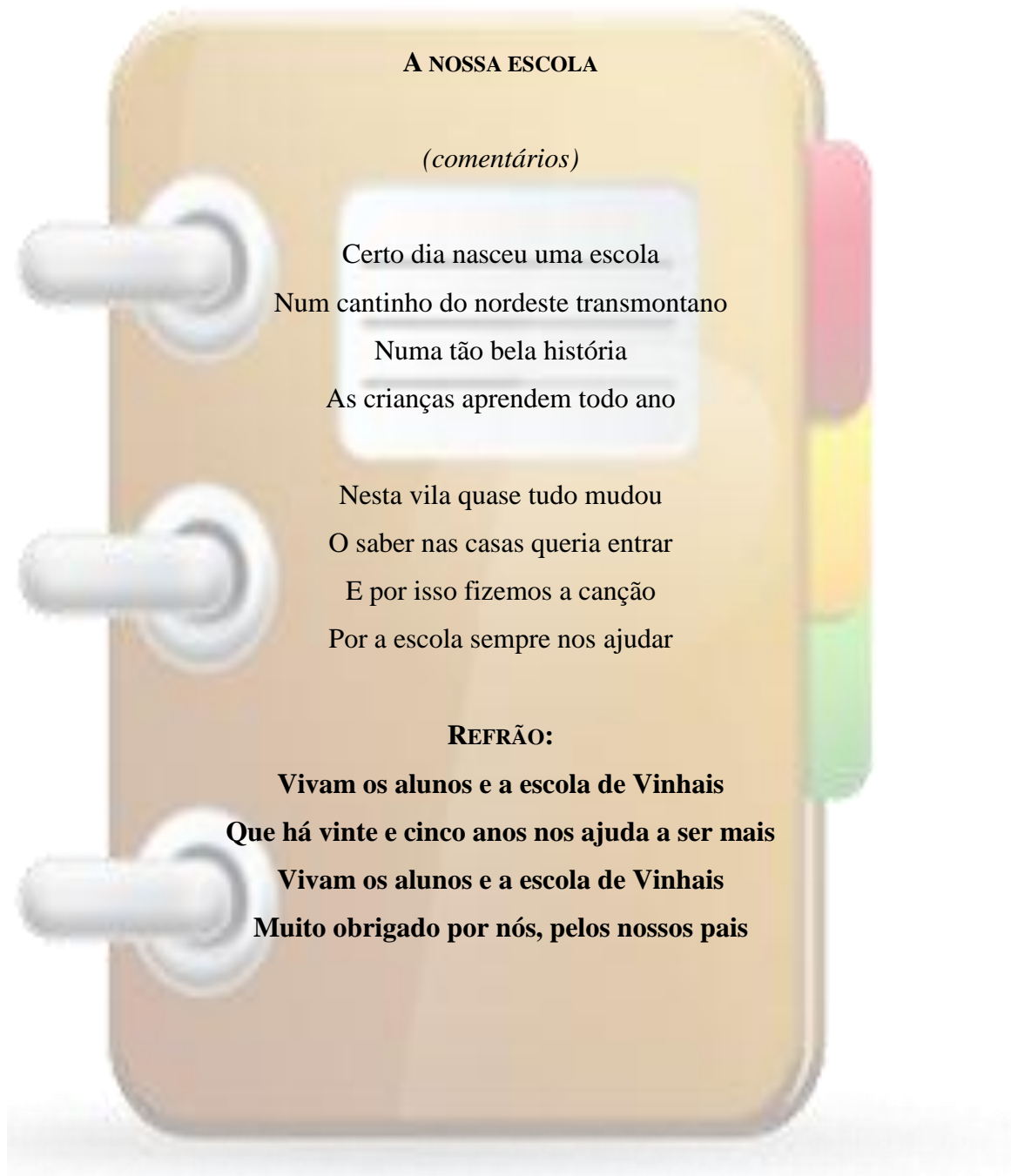
*Assinatura do(a) Encarregado(a) de Educação*

\_\_\_\_\_

**Anexo 7: Letra da canção: “A Nossa Escola”.**

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DE VINHAIS  
ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO VINHAIS Nº1  
EDUCAÇÃO MUSICAL

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_ Turma: \_\_\_ Ano: \_\_\_ Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

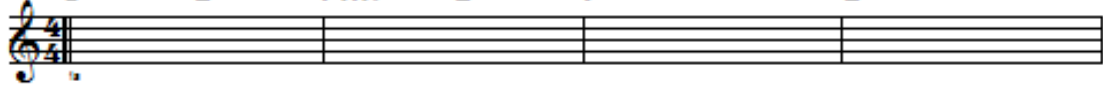


Anexo 8: Progressão harmónica da canção: “A Nossa Escola”.

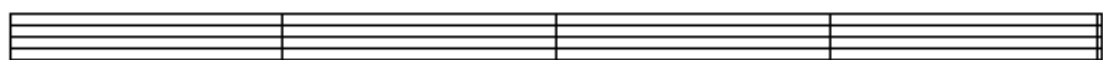
---

A nossa escola

C G Am G F G



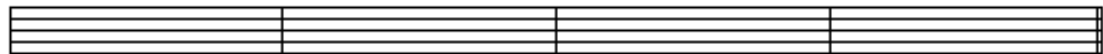
E7 Am Dm G



C G Am G F G



E7 Am Dm G



F G C Am F G C





**Anexo 10: Melodias apresentadas aos alunos para acompanhamento da canção: “A nossa escola”.**

**A nossa escola**

Flauta Melodia 1

Flauta Melodia 2

**Anexo 11: Videoclip do 1ºCEB**

**Anexo 12: Tabela de avaliação individual de música nas AEC.**

| <b>AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DE MÚSICA NAS AEC</b> |                                    |                |          |   |    |
|---|------------------------------------|----------------|----------|---|----|
| Escola:                                       | Turma:                             | Ano: 2008/2009 | Período: |   |    |
| Professor de Música:                          |                                    |                |          |   |    |
| Aluno:  |                                    |                |          |   |    |
| [ Parâmetros gerais ]                         | [ Parâmetros específicos ]         | Insuf          | Suf      | B | MB |
| <b>Interpretação e comunicação</b>            | Canto >                            |                |          |   |    |
|   | Execução instrumental >            |                |          |   |    |
|   | Práticas em grupo >                |                |          |   |    |
|   | Domínio da notação >               |                |          |   |    |
|   | Expressão corporal >               |                |          |   |    |
|   | Observações:                       |                |          |   |    |
| <b>Criação e experimentação</b>               | Criação individual >               |                |          |   |    |
|   | Criação em grupo >                 |                |          |   |    |
|   | Improvisação >                     |                |          |   |    |
|   | Domínio da notação >               |                |          |   |    |
|   | Observações:                       |                |          |   |    |
| <b>Percepção sonora e musical</b>             | Audição >                          |                |          |   |    |
|   | Análise de música gravada >        |                |          |   |    |
|   | Análise de música ao vivo >        |                |          |   |    |
|   | Análise de música escrita >        |                |          |   |    |
|   | Observações:                       |                |          |   |    |
| <b>Culturas musicais nos contextos</b>        | Organologia [Som e instrumentos] > |                |          |   |    |
|   | Formas/Estilos >                   |                |          |   |    |
|   | Contexto histórico e geográfico >  |                |          |   |    |
|   | Observações:                       |                |          |   |    |

Anexo 13: PowerPoint de apresentação do projeto “A Escola em Videoclip”



### Aula 1 – 26/11/09

Aula de Preparação para o projeto:

- Apresentação do projeto
- Rota de identificação pessoal
- Análise das características de alguns do material existente na sala
- Apresentação e utilização do software musical Sibelius
- Apresentação do software de edição de áudio

- Apresentação de material de gravação disponível
- Seleção de uma gravação instrumental de base da escola



### Aula 2 – 03/12/09

Trabalho de voz:

- Explicação dos diferentes tipos de vozes
- Coloção da voz e postura perante o microfone
- Gravação de base de trabalho (instrumentos de corda e voz)



### Aula 3 – 10/12/09

Gravação de percussão tradicional/Oriff.

- Apresentação de instrumentos de percussão
- Instrumental Orff
- Revisão da notação rítmica
- Gravação de alguns instrumentos de percussão



### Aula 4 – 17/12/09

Gravação de instrumentos de corda

- Apresentação de alguns instrumentos de corda
- Visionamento de estilos de música em que são utilizados (software de instrumentos)
- Gravação dos instrumentos de corda



### Aula 5 – 07/01/10

Gravação de flauta

- Apresentação do instrumento
- Revisão da notação rítmica
- Gravação de alguns instrumentos de percussão



### Aula 6 - 14/01/10



A influência da música em outras no quotidiano

- = Realização de cartazes ilustrativos sobre a escola, relativos ao tema da canção.

### Aula 7 - 21/01/10

- = Transcrição da melodia
- = Notação da melodia da canção com acordes.



### Aula 8 - 28/01/10

Apresentação da escola em vídeo

- = Apresentação de pequeno documentário sobre como realizar um vídeo clip.
- = A utilização da música em documentários e filmes.
- = Gravação de imagens ao longo da escola.



### Aula 9 - 04/02/10

Mistura de áudio e vídeo

- = Explicação do funcionamento do programa.
- = Realização de uma mistura original pela aluna, após apresentação dos materiais.
- = Apresentação do projeto parcialmente misturado e discussão com os alunos.



### Aula 10 - 11/02/10

Análise do projeto.

- = Apresentação do trabalho.
- = Avaliação escrita do resultado final.
- = Realização de uma ficha de avaliação (de escolha múltipla) de apreensão de conhecimentos relativamente aos conteúdos trabalhados.

**Anexo 14: Letra da canção “Estudo na Escola Augusto Moreno”, com os esquemas acordes para acompanhamento em cavaquinho e guitarra acústica.**

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AUGUSTO MORENO  
ESCOLA E.B. 2,3 AUGUSTO MORENO  
3ºCiclo - Música

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Turma: 8ªA Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

ESTUDO NA ESCOLA AUGUSTO MORENO (VERSÃO 2)

Dó Sol Lá m  
Estudo na Escola Augusto Moreno  
Ré m Sol  
Na linda cidade de Bragança  
Solm(\*) Dó  
Novos tempos, desafios...  
Fá Sol Dó  
Marcas e projectos de mudança

1.  
Dó  
Repressiva e elitista  
Sol  
Era a escola do passado  
  
Agora, no outro extremo  
Dó  
Facilita-se um bocado...  
Mi  
Dantes poucos estudavam  
Lá m  
Novas oportunidades  
Ré  
Abertura e inclusão  
Sol  
Diferentes necessidades

2.  
Havia medo e respeito  
Hoje ruído e confusão  
Telemóveis, rádio-escola  
Música, clubes, emoção.  
Alunos a recitar  
À exaustão as lições  
Agora querem teclar  
Fazer investigações

REPETIR A LETRA DUAS VEZES

(\* Sol m substituído por Sol sus4 no cavaquinho)

**Acordes para cavaquinho (afinação: Sol – Sol – Si – Ré).**

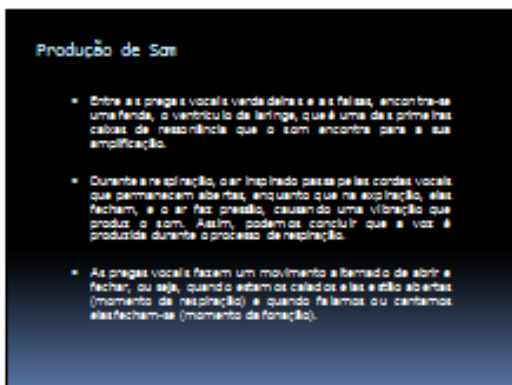
|                |           |            |            |
|----------------|-----------|------------|------------|
| x Dó<br>       | x Sol<br> | x Lá m<br> | x Ré m<br> |
| x Sol sus4<br> | x Fá<br>  | x Mi<br>   | x Ré<br>   |

**Acordes para guitarra acústica.**

|               |         |          |          |
|---------------|---------|----------|----------|
| Dó<br>        | Sol<br> | Lá m<br> | Ré m<br> |
| x x Sol m<br> | Fá<br>  | Mi<br>   | Ré<br>   |

Professor Estagiário:  
Romeu Beato

Anexo 15: PowerPoint sobre a voz.




### Produção de Som

- Pólipos, podem resultar da evolução de nódulos, e só podem ser removidos cirurgicamente.
- Edemas
- Fendas
- entre outras alterações ocasionadas pelas contínuas formas de abuso vocal.
- Conhecer bem a anatomia e a produção da voz, o funcionamento do aparelho fonador, e o quanto as pregas vocais são sensíveis e frágeis, levamos a valorizar e cuidar melhor da nossa voz, preservando-a e protegendo-a do eventual aparecimento de problemas.

### Postura para o canto

- A boa postura consiste no alinhamento de toda a coluna, o qual determina o equilíbrio e a distribuição de peso adequada.
- Essa postura permite o correto funcionamento das estruturas musculares que transformam para sons as ondas e ressoa no subossérgo e não se instalarem em zonas delicadas como a faringe, língua, mandíbula e zona cervical.




### Postura para o canto

- O cantor deve sentir pressão toda a sua cabeça, tornando-se muito mais estável nos processos neuromuscular e de ressonância.
- Deve procurar uma postura que se harmonize com as estruturas naturais do sistema vestibular (linha cervical ligeiramente inclinada para trás, sendo dada ligeiramente inclinada para a frente e sem lembrar ligeiramente inclinada para trás).




### Postura para o canto

- Conhecer bem a anatomia e a produção da voz, o funcionamento do aparelho fonador, e o quanto as pregas vocais são sensíveis e frágeis, levamos a valorizar e cuidar melhor da nossa voz, preservando-a e protegendo-a do eventual aparecimento de problemas.



### Tipos de vozes

- Soprano, Contralto, Tenor e Baixo. São as vozes de uma forma de composição bem conhecida e estável, que nome também, popularmente, representam o grupo de vozes que resulta a tal composição (podemos afirmar, mais correctamente, o grupo General).
- Contudo, em primeiro lugar separar as vozes em agudas, médias e graves.
- A voz aguda feminina é de Soprano e masculina é o Tenor.
- A voz média feminina é o Mezzo-soprano (ou Mezzo-soprano) e a masculina é o Barítono.
- A voz grave feminina é de Contralto e masculina é Baixo.
- Todavia, é preciso saber que existem vozes que não se enquadram nestas classificações, são as vozes características: falsete, que se caracterizam por serem mais graves do que as vozes masculinas.



### Tipos de vozes: femininas

- Vozes femininas:
- O Soprano Lígelo. É o chamado 1º Soprano, que tem por característica uma voz de volume menor, mas que alcança notas muito agudas, além de ter facilidade para cantar notas com ritmo rápido (voluntás). Referências: Joan Sutherland, Kathleen Battle, Sumi Jo.
- O Soprano Lírico-Lígelo. Também chamado de Lírico Solista, é um pouco mais encochado que o lígelo puro, também tem facilidade para agudas e voluntás. Referências: Renata Tebaldi, Victoria de Los Angeles.
- O Soprano Lírico, de voz mais cheia, também possui maior volume. É também chamada de 2º Soprano. Referências: Kiri Te Kanawa, Mirella Freni, Renata Scotta.
- O Soprano Dramático, raro e de sonoridade peculiar, é o soprano mais grave. Normalmente tem grande estômago e desportiva grande volume. Referências: Jessé Norman (polémica classificação, pois alguns consideram Mezzo-soprano Lírico).

### Tipos de vozes: femininas

- O **Mesossoprano Lírico** também chamado em alguns lugares de **Mesossoprano Lígido**, tal como o **Soprano Lígido**, tem boa agilidade para linhas (melhor resultado que o **Soprano Lírico**). Referências: **Theresa Lepp** (da ópera); **Katherine Tegen** (Soprano); **Terese Bergman**.
- O **Mesossoprano Dramático** de grandeza, timbre escuro e bem grave, muito mais forte também participa de coros, mas a sua presença não é tão frequente nem a abundância natural de voz ao passar os anos. Referências: **Olga Borodina**.
- O **Contralto** tem timbre muito escuro e dá uma pouco espontaneidade ao seu desempenho. Tem poucos papéis em ópera, a maior parte de repertório está reservada a **Sopranos** e **mezzos de voz**. Referências: **Caroline Peters**.
- Algumas mulheres, devido a problemas hormonais ou dificuldades de aparelho fonatório, adquirem uma voz chamada **Atenção**. Estas vozes são muito fortes, de natureza masculina, uma altura, dificuldade e desamplitude na produção de timbre vocal.

### Tipos de vozes: Masculinas

- **Vozes masculinas:**
- O **Contratenor**, é actualmente a voz masculina que trata tecnicamente o falsete para cantar como **Contralto**. Comum em coros mistos e masculinos europeus que interpretam, principalmente, música dos períodos **Renascença** (séc. XVI) e **Barroco** (do séc. XVII à primeira metade do séc. XVIII). Na liturgia católica não havia canto congregacional (até meados do séc. XIX). A música era executada por coros masculinos.
- Por este motivo usavam-se meninas (os famosos soprinos e contraltos), os falsetistas e os castrati. O uso de coros apenas masculinos perdurou na liturgia após a reforma protestante. A mulher só participava do canto congregacional (todos os fides cantando juntos), reintroduzido por Lutero. Referências de **Contratenores** (falsetistas - cantando como contraltos) no canto lírico: **Andreas Scholl**, **David Daniels**.

### Tipos de vozes: Masculinas

- O **Tenor Lígido**, também conhecido como o **Tenor** é a voz masculina natural mais aguda, também com facilidade para volutas. Referências: **Juan Diego Flórez**, **Nicola Gedda**, **Salvatore Licitra**.
- O **Tenor Lírico-Lígido**, Também chamado de **Lírico Solito**, é um pouco mais encorpado que o lígido puro, também tem facilidade para agudas e volutas. Referências: **Enrico Caruso**, **Franco Corelli**.
- O **Tenor Lírico**, voz mais rica em harmonias que a anterior, tem o timbre mais cheio, é também chamado de **so Tenor**. Por isso ou, às vezes, por causa do repertório operístico, alguns Tenores Líricos são chamados de **Dramáticos**. Referências: **Mario Lanza**, **Páido Domingo**.
- O **Tenor Dramático**, assim como o **Soprano Dramático** desenvolve grande volume. É o Tenor mais grave. Quando intérprete de óperas do **Romantismo Germânico** (R. Wagner, R. Strauss) é chamado de **Mezzotenor** (do italiano) ou **Tenor Menor**. Referências: **Lauritz Melchior**, **Wolfgang Windgassen**.

### Tipos de vozes: Masculinas

- O **Barítono Lírico** ou **Barítono Central**, é comum como terceira voz em quartetos masculinos de música cristã. É importante salientar que alguns Tenores Dramáticos e Líricos podem ser classificados como **Barítonos**, devido a alguma dificuldade na identificação do timbre. O bom professor, com o desenvolver da técnica do aluno, corrigir a classificação e redireccionar o trabalho. Isto ocorreu com o conhecido Tenor **Páido Domingo** (do "The Tenors"), classificado como **Barítono**, a princípio. Referências: **Thomas Hampson**.
- O **Barítono Dramático**, de voz bem grave e volumosa, é também chamado de **Baixo Cantante** ou **Baixo Barítono** (de acordo com o repertório operístico). Muitos dos Baixos de quartetos masculinos de música cristã são, na verdade, **Barítonos Dramáticos**. Referências: **Erin Trefel**.
- O **Baixo**, tem o timbre bem escuro e potente. Referências: **Gottlob Frick**.
- O **Baixo Profundo**, timbre escuro, voz potente, impressionante, é muito raro no Brasil, é encontrado com maior facilidade em países como a Rússia, Ucrânia, Letónia, etc.) Referências: **Walter Trueta**.

### Bibliografia

- <https://www.youtube.com/watch?v=3DmC0wDQ8>
- <https://www.youtube.com/watch?v=3DmC0wDQ8>
- <https://www.youtube.com/watch?v=3DmC0wDQ8>
- <https://www.youtube.com/watch?v=3DmC0wDQ8>
- <https://www.youtube.com/watch?v=3DmC0wDQ8>
- <https://www.youtube.com/watch?v=3DmC0wDQ8>

**Anexo 16: Melodias para flauta (com anotações dos alunos).**<sup>29</sup>

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AUGUSTO MORENO  
ESCOLA E.B. 2,3 AUGUSTO MORENO  
3ºCiclo - Música

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Turma: 8ºA Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

ESTUDO NA ESCOLA AUGUSTO MORENO  
FLAUTA

Dó Sol Lám

**Estudo na Escola Augusto Moreno**

Rém Sol

Na linda cidade de Bragança

Solm(\*) Dó

Novos tempos, desafios...

Fá Sol Dó

**Marcas e projectos de mudança**

1.
  - Dó
  - Repressiva e elitista
  - Sol
  - Era a escola do passado
  - Agora, no outro extremo
  - Dó
  - Facilita-se um bocado...
  - Mi
  - Dantes poucos estudavam
  - Lám
  - Novas oportunidades
  - Ré
  - Abertura e inclusão
  - Sol
  - Diferentes necessidades

2.

- Havia medo e respeito
- Hoje ruído e confusão
- Telemóveis, rádio-escola
- Música, clubes, emoção.
- Alunos a recitar
- À exaustão as lições
- Agora querem teclar
- Fazer investigações

REPETIR A LETRA DUAS VEZES

(\* Sol m substituído por Sol sus4 no cavaquinho)

Professor Estagiário:  
Romeu Beato

<sup>29</sup> Fotocópia utilizada pelo aluno, com a anotação da duração das figuras e com o nome de algumas notas.

Anexo 17: PowerPoint sobre a flauta de bisel.

**Flauta de bisel**  
SAA Professor catagória: Ramos Boato

**Flauta de Bisel: A História**

- O seu aparecimento ocorre, provavelmente, no séc. XII, sendo o resultado de uma evolução gradual de instrumentos populares, os quais já possuíam embocadura em forma de apito.
- As flautas de bisel mais antigas que se conservaram até hoje datam do séc. XV/XVI.
- No Renascimento pu blícam-se várias crónicas sobre a flauta. Podemos citar, como exemplo, Agricola, Gonzesi ou até Sebastein V�ding. O mundo desse último instrumento: "Musical Gemachte und Ausgemachte". Kaselany, Verdang falamos, entre outros aspectos, na flauta de nove buracos, o que permitia aos cantantes escutarem o instrumento tocando a posição das mãos.

**Flauta de Bisel - História**

- Na Renascença a flauta era vista não como instrumento solista mas mais apropriado à música de conjunto.
- Escutava-se normalmente em Igrijas. É pelas mãos de Hotteterre que passa a transformação da flauta renascentista em flauta barroca.
- Esta vai ter um diâmetro menor, com o tubo a estreitar para o fim; divide-se em três partes; orifícios mais pequenos. O material preferido continua a ser a madeira de buxo. Todavia, constroem-se flautas de marfim, o que permite ornamentos esculpidos.
- Aparecem, ainda, flautas com orifícios duplos para as meias tons mais graves, tornando as flautas totalmente cromáticas.

**Flauta de Bisel - História**

- Durante o séc. XVIII a flauta de bisel, tal em desuso, sobressaltou-se a transvernal, devido ao aumento das orquestras e das salas de espetáculo: a flauta de bisel tinha uma tessitura pouco apropriada e volume reduzido.

**Flauta de Bisel - História**

- No fim do séc. XIX, Joseph Cox, Bridge, C. Welch, F. W. Galpin e Arnold Dolmetsch elaboraram um trabalho de pesquisa que permitiu o renascimento desse instrumento.

**A flauta de Bisel**

- A flauta de Bisel é constituída por um tubo em que uma das extremidades é parcialmente fechada por bocal (peça de madeira, de metal ou anjoire) e embocadura uma forma de bico aparmica consistindo do porta-vento, local por onde se sopra). O porta-vento transforma o ar, aquando da sua passagem por este, numa espécie de lâmina que incide no bisel ou lábio.

### A flauta de Bisel

- Nunca é possível ao instrumentista modificar a forma ou a direcção da lâmina de ar, apenas lhe é permitido alterar a pressão do sopro. A flauta de bisel moderna é formada, habitualmente, por três partes:
- A cabeça - Cilíndrica no seu interior
- O corpo - Cónico invertido no seu interior, tendo seis orifícios na parte da frente e um outro da parte de trás. O último orifício da parte da frente pode ser dividido em dois.
- O pé - Onde se encontra o sétimo orifício.

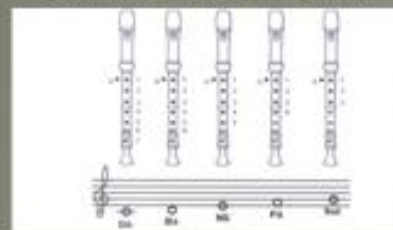
### A flauta de bisel constrói-se em vários tamanhos.

| Modelo            | Alcunha    |
|-------------------|------------|
| Sopranino em fá   | Fá-Bielô   |
| Soprano em dó     | Dóu-Flô    |
| Contralto em fá   | Fá-Bielô   |
| Tenore em ré      | Ré-Dôu-Flô |
| Baixo em fá       | Fá-Bielô   |
| Contrabaixo em dó | Dóu-Flô    |
| Sub-baixo em fá   | Fá-Bielô   |

### A flauta de bisel constrói-se em vários tamanhos.

- A música para sopranino, soprano, baixo e contrabaixo escreve-se uma oitava a baixo do som real, utilizando-se a clave de fá para baixo e contrabaixo e a clave de sol para todos os outros modelos.
- Existem e existirão, todavia flautas em ré e sib. As flautas de bisel mais graves apresentam, normalmente, um tudel (espécie de tubo que liga a embocadura da flauta à boca do executante. Apresentam uma extensão reduzida devido ao diâmetro do tubo, relativamente grande em comparação com o seu comprimento.

### Dedilhões Básicas para flauta de bisel soprano



### Dedilhões Básicas para flauta de bisel soprano



### Bibliografia

- <http://www.flautas.com.br/pt-br/faq-questoes-e-respostas>
- <http://www.flautas.com.br/pt-br/faq-questoes-e-respostas>
- <http://www.flautas.com.br/pt-br/faq-questoes-e-respostas>
- <http://www.flautas.com.br/pt-br/faq-questoes-e-respostas>

**Anexo 18: Modelo da autorização para a aula de campo<sup>30</sup>**

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AUGUSTO MORENO  
Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Augusto Moreno

**Participação/ Autorização - Encarregado de Educação**

**VISITA DE ESTUDO / AULA DE CAMPO**

No dia 21 do mês de Janeiro de 2010 vai realizar-se uma visita de estudo / aula de campo com o seguinte plano:

**Objetivos:** Recolha de fotografia e vídeo na cidade de Bragança

**Locais a visitar:**

**Castelo, Muralhas e Torre de Menagem; Domus Municipalis**

Saída da escola às 10h30; chegada prevista às 11h50

Meio de transporte a utilizar: Veículo ligeiro de passageiros

Custo: 0€

Professores participantes:

**Professor Estagiário:** Romeu Beato

**Orientador Cooperante:** Fernando Fernandes

O professor responsável:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

AUTORIZAÇÃO

Tomei conhecimento da visita de estudo a realizar no dia 21 /01/10 e autorizo o meu educando, aluno nº \_\_\_\_\_, da turma \_\_\_\_\_, do \_\_\_\_\_ ano a participar.

O Encarregado de Educação

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

<sup>30</sup> Tamanho da letra modificado.

**Anexo 19: Videoclip do 3ºCEB**

## Anexo 20: Quadro 2 - Resumo das grelhas de observação

|    | <i>Sessão 1</i><br>26-11-09 |   |   |   | <i>Sessão 2</i><br>03-12-09 |   |   |   | <i>Sessão 3</i><br>10-12-09 |   |   |   | <i>Sessão 4</i><br>17-12-09 |   |   |   | <i>Sessão 5</i><br>07-01-10 |   |   |   | <i>Sessão 6</i><br>14-01-10 |   |   |   | <i>Sessão 7</i><br>21-01-10 |   |   |   | <i>Sessão 8</i><br>28-01-10 |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|----|-----------------------------|---|---|---|-----------------------------|---|---|---|-----------------------------|---|---|---|-----------------------------|---|---|---|-----------------------------|---|---|---|-----------------------------|---|---|---|-----------------------------|---|---|---|-----------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A1 | 3                           | 3 | 4 | 2 | 3                           | 4 | 4 | 3 | 4                           | 4 | 3 | 3 | -                           | - | - | - | 3                           | 4 | 4 | 4 | 3                           | 4 | 3 | 4 | 4                           | 4 | 4 | 4 | 4                           | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 |
| A2 | 3                           | 3 | 3 | 3 | 3                           | 4 | 3 | 3 | 3                           | 4 | 3 | 3 | 3                           | 3 | 4 | 3 | 3                           | 3 | 2 | 3 | 3                           | 4 | 2 | 3 | 3                           | 4 | 4 | 3 | 4                           | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3 | 5 | 5 |
| A3 | 3                           | 3 | 4 | 3 | 3                           | 3 | 3 | 3 | 3                           | 4 | 4 | 4 | 3                           | 3 | 4 | 3 | 3                           | 3 | 3 | 3 | 3                           | 2 | 3 | 4 | 4                           | 4 | 4 | 4 | 4                           | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3 | 4 | 4 |
| A4 | 2                           | 3 | 3 | 3 | 4                           | 3 | 3 | 2 | 3                           | 4 | 3 | 3 | -                           | - | - | - | 2                           | 3 | 3 | 3 | 3                           | 3 | 3 | 3 | 3                           | 3 | 3 | 3 | 4                           | 3 | 4 | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 |
| A5 | 3                           | 4 | 4 | 2 | 3                           | 3 | 3 | 2 | 4                           | 4 | 3 | 3 | 3                           | 4 | 4 | 3 | 3                           | 3 | 4 | 3 | 3                           | 3 | 3 | 4 | 4                           | 4 | 4 | 4 | 4                           | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 |
| A6 | 3                           | 3 | 4 | 3 | 3                           | 4 | 3 | 3 | 3                           | 4 | 3 | 4 | 3                           | 3 | 4 | 3 | 3                           | 3 | 4 | 3 | 3                           | 4 | 3 | 4 | 4                           | 4 | 4 | 4 | 4                           | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 5 | 5 |

Fonte: Construído pelo autor

## Anexo 21: Ficha de avaliação<sup>31</sup>

AGRUPAMENTO DE  
ESCOLAS AUGUSTO  
MORENO

Música

*Ficha de  
avaliação*

Escola Básica do  
2º e 3º Ciclos  
Augusto Moreno

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2010

Nome: \_\_\_\_\_





Ano: \_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_ Nº \_\_\_\_

**Classificação**

\_\_\_\_\_  
Professor

\_\_\_\_\_  
Encarregado de educação

Assinala com uma **CIRCUNFERÊNCIA** (em volta da letra correspondente à alínea) apenas a opção de resposta que consideras mais correta. As questões que apresentarem mais do que uma opção assinalada ou qualquer tipo de rasurado serão consideradas incorretas.

- O homem possui capacidade para comunicar. A produção do som resulta de:
  - Movimentação de braços e pernas.
  - Passagem do ar na boca.
  - Movimentação do diafragma.
  - Passagem do ar pela laringe, onde se situam as cordas vocais.
- As vozes de uma forma de composição conhecida como coro são:
  - Alta, Média e Baixa.
  - Azul, Verde, Vermelho e Amarelo.
  - Soprano, Contralto, Tenor e Baixo.
  - Clarinete, Tuba, Contrabaixo e Saxofone.
- O bongó é um instrumento de:
  - Fricção.
  - Sopro.
  - Percussão.
  - Cirurgia.
- Assinala a figura que traduz (num compasso quaternário) um som com a duração de uma pulsação.
  -  Semínima.
  -  Semibreve.
  -  Colcheia.
  -  Semifusa.

<sup>31</sup> Formatação da ficha de avaliação alterada para os Anexos do Relatório.

5. Assinala a frase que se encaixa na sequência (de acordo com o hino da escola).  
“Repressiva e elitista, era a escola do passado. Agora, no outro extremo...”

- a) Amedronta-se um bocado.
- b) Fica-se mais animado.
- c) Ri-se e salta-se pouco.
- d) Facilita-se um bocado...

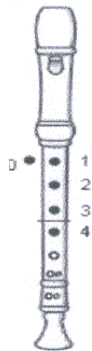
6. A gravação de uma canção acontece normalmente de que forma?

- a) Os instrumentos e vozes são gravados separadamente.
- b) Gravam-se todos os instrumentos ao mesmo tempo sem ensaiar.
- c) Os cantores aquecem as gargantas com um copo de vinho do Porto.
- d) Só se gravam vozes, ficando de fora os instrumentos.

7. O esquema  corresponde no cavaquinho, ao acorde:

- a) Dó
- b) Sol
- c) Ré
- d) Fá

8. A posição apresentada seguidamente corresponde, na flauta, à nota:



- a) Dó
- b) Ré
- c) Mi
- d) Fá

9. Na gravação da canção “Estudo na Escola Augusto Moreno” foram utilizados os instrumentos (da sala de aula):

- a) Flauta, cavaquinho, reco-reco, bombo, pandeireta, maracas.
- b) Flauta, cavaquinho, bombo, pandeireta, maracas, xilofone.
- c) Flauta, cavaquinho, bombo, clavas, maracas, xilofone.
- d) Flauta, cavaquinho, bombo, metalofone, maracas, xilofone.

10. A gravação das vozes é realizada normalmente com a utilização dos auscultadores porque:

- a) Desta forma os cantores ouvem melhor.
- b) Assim é possível registar apenas a voz.
- c) Ficam bem.
- d) Assim se protege o aparelho auditivo.

## **Anexo 22: Nove grandes dimensões das competências específicas.**

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico. As competências essenciais e as competências específicas estão pensadas de forma a possibilitar a construção e o desenvolvimento da literacia musical em nove grandes dimensões que se apresentam seguidamente:

- *Desenvolvimento do pensamento e imaginação musical, isto é, a capacidade de imaginar e relacionar sons;*
- *Domínio de práticas vocais e instrumentais diferenciadas;*
- *Composição, orquestração e improvisação em diferentes estilos e géneros musicais;*
- *Compreensão e apropriação de diferentes códigos e convenções que constituem as especificidades dos diferentes universos musicais e da poética musical em geral;*
- *Apreciação, discriminação e sensibilidade sonora e musical crítica, fundamentada e contextualizada em diferentes estilos e géneros musicais;*
- *Compreensão e criação de diferentes tipos de espetáculos musicais em interação com outras formas artísticas;*
- *Conhecimento e valorização do património artístico-musical nacional e internacional;*
- *Valorização de diferentes tipos de ideias e de produção musical de acordo com a ética do direito autoral e o respeito pelas identidades socioculturais;*
- *Reconhecimento do papel dos artistas como pensadores e criadores que, com os seus olhares, contribuíram e contribuem para a compreensão de diferentes aspetos da vida quotidiana e da história social e cultural.*

### **Anexo 23: Competências específicas para a música na escolaridade básica.**

- *O pensamento artístico-musical, nas suas múltiplas vertentes, implica a mobilização de saberes culturais, científicos e tecnológicos;*
- *Os diversos instrumentos, técnicas, formas e metodologias que se entrecruzam na prática musical;*
- *Os períodos históricos e os diferentes estilos e géneros musicais em que existem códigos, convenções e vocabulários específicos dos domínios culturais, científicos e tecnológicos que interagem na compreensão e resolução de determinados desafios criativos, interpretativos e estéticos;*
- *A estimulação da criação de novas linguagens ou da improvisação sobre linguagens conhecidas, bem como a sua seleção e articulação para a realização do trabalho, bem como a sua comunicação e fundamentação;*
- *A aquisição de uma terminologia específica, proporcionada pela prática musical, que contribui para o enriquecimento do vocabulário geral do aluno e que deverá ser enquadrada na perspetiva de um uso correto da língua portuguesa. As apreciações críticas, orais e escritas, que os alunos são convidados a fazer no âmbito da conceção, apresentação e avaliação da produção musical própria e dos outros, devem ser rodeadas do maior rigor, devendo constituir momentos de comunicação efetiva e personalizada.*
- *A métrica, rima, entoação, respiração, colocação de voz, acentuação, intensidade, timbre, expressividade, ritmo, fazem parte de uma vasta lista de conceitos e conteúdos presentes na prática musical, tendo em conta que a apropriação destes conceitos através da música pode contribuir para um melhor entendimento da estrutura da língua portuguesa e, ao mesmo tempo, armam o aluno com recursos no domínio da qualidade, da eficácia e da criatividade presentes na comunicação;*
- *O vocabulário específico das culturas musicais inclui inúmeras palavras em línguas estrangeiras que ajudam a estabelecer uma relação de familiaridade com as diferentes línguas e de consciencialização do seu valor patrimonial.*

**Anexo 24: Tabelas com os parâmetros avaliados relativamente a cada um dos quatro saberes observados.**

Tabela 8: Parâmetros de avaliação do "Saber (perceção sonora e musical) "

| Saber.<br>(Perceção Sonora e Musical) |                                |   |                               |                                     |
|---------------------------------------|--------------------------------|---|-------------------------------|-------------------------------------|
| 1                                     | 2                              | 3                                       | 4                             | 5                                   |
| Evidencia a ausência de conhecimentos | Evidencia poucos conhecimentos | Evidencia os conhecimentos necessários. | Evidencia bons conhecimentos. | Evidencia excelentes conhecimentos. |

Fonte: Construída pelo autor

Tabela 9: Parâmetros de avaliação do "Saber Fazer (Interpretação e comunicação/ Criação e experimentação!".

| Saber Fazer<br>(Interpretação e Comunicação / Criação e Experimentação) |   |  |   |   |
|---|---|--|---|---|
| 1   | 2   | 3  | 4   | 5   |
| Verifica-se a ausência total de qualidade dos indicadores de desempenho | Verifica-se pouca qualidade nos indicadores de desempenho | Verifica-se alguma qualidade nos indicadores de desempenho | Verifica-se a existência de boa qualidade nos indicadores de desempenho | Verifica-se a existência de excelente qualidade nos indicadores de desempenho |

Fonte: Construída pelo autor

Tabela 10: Parâmetro de avaliação do "Saber (compreensão e expressão em Língua Portuguesa) ".

| Saber<br>(compreensão e expressão em Língua Portuguesa)                 |   |  |   |   |
|---|---|--|---|---|
| 1   | 2   | 3  | 4   | 5   |
| Verifica-se a ausência total de qualidade dos indicadores de desempenho | Verifica-se pouca qualidade nos indicadores de desempenho | Verifica-se alguma qualidade nos indicadores de desempenho | Verifica-se a existência de boa qualidade nos indicadores de desempenho | Verifica-se a existência de excelente qualidade nos indicadores de desempenho |

Fonte: Construído pelo autor

Tabela 11: Parâmetros de avaliação do "Saber Ser/Estar (Educação para a cidadania) ".

| Saber Ser/ Estar (Educação para a cidadania)                            |   |  |   |   |
|---|---|--|---|---|
| 1   | 2   | 3  | 4   | 5   |
| Verifica-se a ausência total de qualidade dos indicadores de desempenho | Verifica-se pouca qualidade nos indicadores de desempenho | Verifica-se alguma qualidade nos indicadores de desempenho | Verifica-se a existência de boa qualidade nos indicadores de desempenho | Verifica-se a existência de excelente qualidade nos indicadores de desempenho |

Fonte: Construído pelo autor

**Anexo 25: Questionário Aberto**

---

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
Estágio de Educação Musical

•  
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AUGUSTO MORENO  
Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Augusto Moreno

---

## QUESTIONÁRIO SOBRE O PROJETO “A ESCOLA EM VIDEOCLIP”

---

*Agradecia a tua colaboração para o preenchimento deste questionário que não demorará mais de 15 minutos. A sua aplicação será num trabalho que tem como objetivo perceber a forma como a implementação de um projeto multimédia influencia a perceção do fenómeno musical.*

*Trata-se de um inquérito aberto com 4 questões.*

***Trabalho realizado para a Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado de Ensino da Educação Musical no Ensino Básico – Escola Superior de Educação de Bragança/Instituto Politécnico de Bragança.***

---

1. *Explica a importância que atribuis à disciplina de educação musical no currículo.*

---

---

---

---

---

---

---

---

2. *Comenta de que forma é que a realização do videoclip mudou a tua forma de pensar na música.*

---

---

---

---

---

---

---

---

3. *Como avalias o teu desempenho da realização deste projeto?*

---

---

---

---

---

---

---

4. *Como achas que deveriam ser as aulas de Educação Musical?*

---

---

---

---

---

---

**Anexo 26: Respostas dos alunos do 8ºA ao questionário aberto**

**1. *Explica a importância que atribuis à disciplina de educação musical no currículo.***

A - Acho que é importante, porque assim podemos aprender a tocar vários instrumentos, podemos aprender várias notas.

B – Eu gosto de músicas.

C – Música é para mim uma disciplina como as outras, mas menos importante.

D – A importância é igual a todas as outras disciplinas mas menos importante às de matemática e português.

E - É muito importante, porque aprendi a tocar instrumentos.

F – Se quisermos seguir uma carreira profissional de música, precisamos dela para aprendermos.

**2. *Comenta de que forma é que a realização do videoclip mudou a tua forma de pensar na música.***

A – Acho que não mudou em nada, penso na música, como pensavas antes. Continuo a pensar que é importante para os alunos terem a disciplina.

B – É um bom trabalho e aprendemos muito.

C – Não mudou nada, porque era a mesma coisa que fazíamos.

D – Não mudou nada em relação à música.

E – Não mudou nada sobre a minha forma de pensar a música.

F – Sim. Porque podemos fazer o que quisermos, em melhorar a voz.

**3. *Como avalias o teu desempenho da realização deste projeto?***

A – Acho que estive empenhada, às vezes estava um pouco distraída, falo muito, acho que também participei às vezes na aula.

B – Eu gosto da aula, o professor ensina-me coisas novas e ensina-me a tocar.

C – Bom, porque todos juntos fizemos boas coisas.

D – O meu desempenho neste projeto acho que é normal apesar de não trabalhar muito.

E – O meu desempenho foi muito bom porque toquei muito bem e cantei ainda melhor.

F – Eu para mim acho que me portei bem, mostrei algum desempenho e esforcei-me.

**4. Como achas que deveriam ser as aulas de Educação Musical?**

- A- Devíamos ter computadores na sala de aula, mais instrumentos. Devíamos aprender a tocar a maior parte dos instrumentos.
- B- Aprender a tocar viola e piano e outras coisas. Eu gostava de tocar caixa de bateria.
- C – Melhores, porque era melhor para todos nós.
- D – As aulas deviam ser como são agora, são porreiras, adoro.
- E – Deviam ser exatamente como são agora.
- F – Deviam ser como exatamente são.